



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

O JORNALISMO EM GUIMARÃES ROSA: APROXIMAÇÕES.

ANDREA RAMOS JUBÉ VIANNA

BRASÍLIA-DF
2019

ANDREA RAMOS JUBÉ VIANNA

O JORNALISMO EM GUIMARÃES ROSA: APROXIMAÇÕES.

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/ UnB, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre, sob orientação do Professor Doutor Gustavo de Castro e Silva.

BRASÍLIA-DF
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

V667j Vianna, Andrea Ramos Jubé.

O jornalismo em Guimarães Rosa: aproximações.
[manuscrito] / Andrea Ramos Jubé Viannar. – Brasília – DF,
2019.

196f.

Orientador: Prof Dr. Gustavo de Castro e Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Comunicação (FAC), Programa de Pós-
Graduação em Comunicação. Brasília – DF, 2019

Bibliografia.

1. Escritor. 2. Jornalismo. 3. História. I. Título. II. Castro de,
Gustavo, Orient.

CDD: 070.4

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANDREA RAMOS JUBÉ VIANNA

O JORNALISMO EM GUIMARÃES ROSA: APROXIMAÇÕES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva (FAC/ UnB)
Orientador e presidente da banca

Prof. Dra. Liziane Soares Guazina (FAC/ UnB)
Membro Interno

Prof. Dra. Gabriela Reinaldo (UFCE)
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Gustavo de Castro, meu orientador, que sempre me inspirou, desde a graduação; muitos anos depois, me estendeu a mão, me resgatou e me convidou a imergir no universo lírico e místico de João Guimarães Rosa, com paciência, generosidade e estímulo infinito;

Ao meu companheiro José Rezende Jr., que me apresentou a Guimarães Rosa em 2004, me presenteando com Diadorim e me abraçando com as asas de todos os pássaros; pelo amor, generosidade e compreensão pelas ausências;

Ao meu pai, que me ensinou a ler poesia, e a minha mãe, que me ensinou a ler e a amar os jornais;

Aos meus irmãos André Luiz e José Milton, e aos meus sobrinhos, Miguel e Manoela, pela torcida e pela compreensão pelas ausências;

Ao meu colega e mestre Raymundo Costa, que era tão entusiasmado com esta pesquisa e torcia tanto por ela;

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UNB), na pessoa de seu coordenador, João Azevedo Curvello, seu corpo docente, funcionários e colegas, em especial à amizade de Camila Machado, Marcus Vinícius Cardoso e Victor Cruzeiro;

A Abílio de Barros e Carolina Barros, que me receberam tão amorosamente em sua casa em Campo Grande;

Ao embaixador e poeta Francisco Alvim, que me recebeu com tanta generosidade e carinho em sua casa em Brasília;

Ao embaixador e poeta Alberto da Costa e Silva, que me recebeu com generosidade e gentileza em sua casa no Rio de Janeiro;

Ao jornalista e escritor Elio Gaspari, que dedicou tempo e carinho para esta pesquisa em seu escritório em São Paulo;

A Vilma Guimarães Rosa, que me dedicou uma tarde de imersão em Guimarães Rosa em sua casa no Rio de Janeiro;

Ao poeta Thiago de Mello, e sua esposa, Pollyanna Furtado Lima, que se empenharam com tanto carinho em contribuir para esta pesquisa;

Ao embaixador Marcos Azambuja, ao editor José Mário Pereira, ao colega Leonêncio Nossa, ao jornalista Argeu Affonso, ao jornalista e escritor Ruy Castro, ao jornalista e escritor Nilo Dante, pela generosidade e atenção dedicados a esta pesquisa;

Aos meus colegas Bruno Peres, Cristiane Bonfanti e Carla Araújo, à amiga Maria Fernanda Erdelyi, aos colegas da redação do Valor Econômico, ao colega Fernando Thompson, pelo suporte e pela torcida.

“Penso que a gente escreve é para entendimento e comunicação; e que sem abdicar de si em frouxas concessões ilegítimas, deve o artista estimar palpites do povo e de seus desejáveis leitores, mais perto deles se pondo”.

João Guimarães Rosa, na crônica “Rôgo e aceno”.

“Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Ipso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir”.

João Guimarães Rosa, “Com o vaqueiro Mariano”.

RESUMO

VIANNA, Andrea Ramos Jubé. O jornalismo em Guimarães Rosa: aproximações. 2019, 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Orientador: Prof Dr. Gustavo de Castro e Silva. Defesa em 15 março 2019.

Esta pesquisa investiga as aproximações do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967) do jornalismo. O ponto de partida é a expressiva colaboração do autor de *Grande sertão: veredas* (1956) para 18 veículos de comunicação, entre jornais e revistas, no período de 1947 e 1967, resultando em 135 publicações – uma média de 6,7 publicações por ano. A maioria dos textos foi digitalizada e está disponível para na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNB). O escritor valorizava e reconhecia a importância da mídia, inclusive como canais reconhecidos de divulgação de suas obras. Rosa recorria aos amigos influentes na mídia quando se fizesse necessário e quando lhe aprovesse. Detalhamos os laços do escritor com críticos, editorialistas e escritores jornalistas influentes na imprensa, especificamente: Franklin de Oliveira (1916-2000), Álvaro de Barros Lins (1912-1970), Josué Montello (1917-2006), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), João Neves da Fontoura (1889 – 1963), Otto Lara Resende (1922-1992), João Condé (1912-1996) e José Condé (1917-1971) e Assis Chateaubriand (1892-1968). Relacionamos 13 entrevistas que ele concedeu a jornais, revistas e emissoras de televisão, consideradas as que até hoje se tem conhecimento. Ele evitava entrevistas, mas cedeu a profissionais que, sabidamente, travariam com ele um diálogo de alto nível sobre literatura, e a estudantes. Por fim, demonstramos que Guimarães Rosa, em situações específicas, investiu-se do papel de repórter para compor, no formato de reportagem, algumas das histórias que se propôs a narrar: em especial, em “Com o vaqueiro Mariano” e “Sanga Puytã, ambas originárias da viagem ao Pantanal em 1947.

Palavras chaves: Guimarães Rosa. Jornalismo. Vaqueiro Mariano. Sanga Puytã. Entrevista. Reportagem. Álvaro Lins. Franklin de Oliveira. Drummond.

ABSTRACT

VIANNA, Andrea Ramos Jubé. Journalism in Guimarães Rosa: approaches. 2019, 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Orientador: Prof Dr. Gustavo de Castro e Silva. Defesa em 15 março 2019.

This research investigates the approaches of journalism in life and work of João Guimarães Rosa (1908-1967). The starting point is the great collaboration of the author of *The devil to pay in the backlands* (1956) for 18 newspapers and magazines in the period of 1947 and 1967, resulting in 135 publications - an average of 6.7 publications per year. Most of the texts have been digitized and are available at the Digital Library of Biblioteca Nacional (BNB). The writer valued and recognized the importance of media, including as recognized channels of dissemination of his books. Rosa turned to influential friends in the media when it was necessary. We detail the writer's relationship with critics, editorialists and writers influential journalists in the press, specifically: Franklin de Oliveira (1916-2000), Álvaro Lins (1912-1970), Josué Montello (1917-2006), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), João Neves da Fontoura (1889 - 1963), Otto Lara Resende (1922-1992), João Condé (1912-1996) and José Condé (1917-1971) and Assis Chateaubriand (1892-1968). There are 13 interviews that he gave to newspapers, magazines and television stations. He avoided interviews, but gave in to professionals who would knowingly engage him in a high-level dialogue about literature. Finally, we show that Guimarães Rosa, in specific situations, was invested in the role of reporter to compose, in the format of reporting, some of the stories that he proposed to narrate: in particular, "Com o vaqueiro Mariano" and "Sanga Puytã", both from the trip to the Pantanal in 1947.

Key Words: Guimarães Rosa. Journalism. Vaqueiro Mariano. Sanga Puytã. Interviews. Newspaper report. Álvaro Lins. Franklin de Oliveira. Drummond.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O JORNAL E O LIVRO	27
1.1 ESTAS 139 ESTÓRIAS (PERIÓDICOS).....	36
1.1.1 O Cruzeiro: 1929-1930, 1961	41
1.1.2 O Jornal: 1930, 1952.....	43
1.1.3 Vamos Lêr! - 1947.....	44
1.1.4 Correio da Manhã: 1947-1957	45
1.1.5 Seleções Reader's Digest: 1951.....	48
1.1.6 Letras e Artes, suplemento de A Manhã: 1953-1954	49
1.1.7 Diário de Minas: 1953.....	51
1.1.8 Folha da Manhã (SP): 1953	52
1.1.9 Manchete: 1957, 1967.....	53
1.1.10 Jornal de Letras: 1958.....	55
1.1.11 Senhor: 1960-1962.....	56
1.1.12 O Globo: 1961	57
1.1.13 Comentário: 1962	59
1.1.14 Cavalo Azul: 1963	62
1.1.15 Diário Carioca: 1963.....	64
1.1.16 O Estado de S. Paulo: 1964	66
1.1.17 Pulso: 1965–1967	67
1.1.18 Boletim da Biblioteca do Exército (RJ): 1957	69
1.2 ENTRE A GAVETA E O TEMPO REAL	70
1.3 “QUANTO VOCÊS PAGAM?”	74
2 RELAÇÕES ESTRATÉGICAS COM A MÍDIA	80
2.1 AMIGOS INFLUENTES.....	80
2.1.1 Franklin de Oliveira (1916-2000).....	83
2.1.2 Álvaro de Barros Lins (1912-1970).....	90
2.1.3 Josué Montello (1917-2006).....	93
2.1.4 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)	98
2.1.5 João Neves da Fontoura (1889 – 1963).....	107

2.1.6 Otto Lara Resende (1922-1992)	110
2.1.7 João Condé (1912-1996) e José Condé (1917-1971)	113
2.1.8 Assis Chateaubriand (1892-1968)	117
2.2 RELATOS DE PROXIMIDADES	120
3 ENTREVISTAS E “NÃO-ENTREVISTAS”	130
3.1 “É UM HOMEM UM POUCO RETRAÍDO”	130
3.2 RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS	135
3.2.1 Jornais e revistas, críticos e estudantes	135
3.2.2 Emissoras de televisão	136
3.3 ENTREVISTAS	137
3.3.1 Correio da Manhã (1946)	137
3.3.2 O Jornal (1946)	139
3.3.3 O Cruzeiro (1952)	141
3.3.4 Flan (1953)	142
3.3.5 Manchete (1963)	144
3.3.6 Ao crítico alemão Günter Lorenz (1965)	146
3.3.7 Ao jornalista português Fernando Camacho para a revista alemã Humboldt (1966)	149
3.3.8 À estudante Lenice, prima de Curvelo (1966)	151
3.3.10 À estudante Maria da Graça de Faria Coutinho (1966)	155
3.3.11 A estudantes do Colégio Pedro II (1967, reproduzida pela revista <i>O Cruzeiro</i> um mês após a morte do escritor)	156
3.3.12 Ao crítico Walter Höllerer, de um canal de televisão independente em Berlim (1962)	158
3.3.13 A uma produtora ou emissora de TV argentina (1964)	159
3.4 AOS ESTRANGEIROS E ESTUDANTES, COM CARINHO	160
4 GUIMARÃES ROSA, REPÓRTER	163
4.1 “JORNALISTA VIVE É DE PERGUNTAR”	164
4.2 “DEIXA EU ANOTAR ISSO”	169
4.3 JORNALISMO LITERÁRIO	171
4.4 CRÔNICAS DE VIAGEM E DE GUERRA	174
4.4.1 Ao Pantanal	175

4.4.2 Cipango	176
4.4.3 Uns índios (sua fala)	177
4.4.4 Sanga Puytã.....	177
CONCLUSÃO	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	190
ANEXO	195

INTRODUÇÃO

A abertura de “Com o vaqueiro Mariano”, uma das obras emblemáticas de João Guimarães Rosa, contém os elementos principais de uma notícia: as respostas para as perguntas “quem, o quê, como, quando, onde, por quê”. Apesar dessa construção narrativa, à primeira vista, vemos que não se trata de uma notícia, e sim de um conto de ficção, assinado por um escritor, e não por um repórter. Todavia, a existência dos elementos de não-ficção e o texto notadamente literário autorizam outra conclusão: trata-se de um conto-reportagem, assinado por um escritor que, nesta situação, revelou-se também um repórter:

Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum. Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo. (ROSA, 2015, posição 1459, versão para Kindle)

Este parágrafo traz quase todos os requisitos de um *lead* jornalístico. Assim, “quem” é o vaqueiro José Mariano da Silva, com quem o narrador interage. “Quando” e “onde” é “em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso”. “O quê” e “como” é o encontro do narrador com o personagem, que vai contar histórias de bois e vacas, e da rotina na fazenda. O “por quê” corresponderia ao pedido do autor ao personagem para que narrasse essas histórias.

No curso da narrativa, o autor descreve a conversa à luz de um lampião na copa da sede da Fazenda Firme – que existiu na região do Mato Grosso do Sul, e hospedou Guimarães Rosa durante sua expedição ao Pantanal. Diz que seu interesse era aprender sobre a alma dos bois e ouvir histórias sobre os animais do campo, principalmente os bovinos.

Assim o narrador ouviu a história dos bois Carocongo, de uma vaca que velava o banho da patroa, descreveu rodeios, falou da onça que come bezerros, da ordenha de madrugada no curral das vacas, do sofrimento dos bezerros com fome apartados das mães. A história foi publicada em três partes no jornal *Correio da Manhã*, entre 1947 e 1948, e depois convertida em livro em 1952 pelas Edições Hipocampo, fundada pelos poetas Thiago de Mello e Geir Campos.

A presença de perguntas e respostas do *lead*, por si, não transforma a narrativa em uma reportagem. Há também, em “Com o vaqueiro Mariano”, a associação da história real, de não-ficção, à publicação em veículo de comunicação, e elementos que nos permitem identificar o texto como um autêntico exemplo do conto-reportagem, mencionado por Antônio Olinto:

Há uma secreta e íntima relação entre o conto concebido literariamente e a reportagem comum de jornal. Em ambos, existe um corte no tempo. Esse corte é, na verdade, do mesmo tipo do que o romance apresenta, mas o tamanho material do conto aproxima-o ainda mais da reportagem, porque, em qualquer obra literária, o “tamanho” não é arbitrário. Pertence, pelo contrário, ao escopo interno da obra. (OLINTO, 2008, p.41)

Some-se ao raciocínio que a narrativa não é privilégio da ficção:

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 11)

Ao longo de duas décadas, Guimarães Rosa publicou crônicas, contos e poemas em jornais e revistas de circulação nacional. O perfil do vaqueiro Mariano é o exemplo mais eloquente de umas das facetas da aproximação de Rosa com o jornalismo que abordaremos nesta dissertação: a do escritor jornalista, justamente a menos estudada pelos críticos e acadêmicos.

O crítico literário Paulo Rónai, grande amigo de Rosa, definiu “Com o vaqueiro Mariano” como uma “entrevista-retrato”. Vilma Guimarães Rosa, filha do escritor, classifica a obra como uma “reportagem”. O amigo e escritor Paulo Dantas também fala em “reportagem”. O jornalista e escritor Elio Gaspari, depois de ser apresentado à obra, concluiu em depoimento para esta pesquisa: “Guimarães Rosa era repórter”.

O perfil do vaqueiro Mariano foi o ponto de partida para esta pesquisa sobre as aproximações de Guimarães Rosa com o jornalismo. Ao se considerar a obra como um exemplo de jornalismo literário – comparada aos consagrados perfis publicados na revista americana *The New Yorker* – ao menos nesta ocasião o autor de *Grande sertão: veredas* (1956) teria desempenhado o papel de jornalista.

Um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico – o ser humano em sua trajetória através da vida –, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui, chama-se perfil. (PANIAGO, 2008, p. 25)

O perfil distingue-se da biografia por abordar um momento específico da vida do ser humano, e não a vida inteira. Ele tem como objetivo falar da vida de pessoas que se destacam dos demais, seja por qualidades artísticas ou intelectuais. Na hipótese em estudo, Rosa enxergou qualidades singulares em um homem do campo comum, um vaqueiro, com a sensibilidade para o trato com os bois e a relação com a natureza.

O perfil de alguém é a possibilidade, para jornalistas, de se concentrar em algo que pertence, de modo geral, ao reino da literatura: a condução da narrativa por meio do personagem. (...) O que poderia ser limitação para o jornalista (o ficcionista tem a liberdade para dispor do personagem como melhor lhe aprouver) revela-se riqueza: o ser humano, qualquer ser humano, tem potencial para a complexidade, ao jornalista cabe desenvolver os dispositivos certos para captá-la. (PANIAGO, 2008, p. 28)

Rosa interessou-se e aproximou-se do personagem, entrevistou-o por meio de conversas informais, mas sem abrir mão do registro dos fatos, conviveu com ele, aderiu à sua rotina, saiu a campo. Tudo com o objetivo de

extrair a informação mais verdadeira e, a partir dela, produzir um texto fiel aos fatos, mas com apuro literário.

O segundo passo desta pesquisa foi a constatação de que “Com o vaqueiro Mariano” estava longe de ser uma publicação avulsa de Guimarães Rosa nos jornais. Ao contrário, com a evolução das leituras, foi possível constatar que uma façanha do escritor era publicar primeiro em jornal ou revista, e depois revisitar e revisar o texto e republicá-lo em livro.

Foram, ao longo de 20 anos, no período de 1947 a 1967, 135 contos, crônicas, poemas e uma reportagem literária criados para publicação em 18 periódicos, sobre os quais discorreremos no primeiro capítulo. Com exceção de dois textos – “Os doces” (1953) e “Rogo e aceno” (1967) – todos os demais foram incorporados aos livros *Primeiras estórias* (1962), *Tutameia* (*Terceiras estórias*) (1967), *Estas estórias* (1969) e *Ave, palavra* (1970), sendo os dois últimos edições póstumas.

Como se estabeleceu essa aproximação de Guimarães Rosa com o jornalismo? Qual a sua relação com o ofício? Que laços ele mantinha com editores, colunistas e críticos, e mesmo com os donos dos veículos para os quais colaborou nessas duas décadas? A curiosidade, a obsessão em questionar minuciosamente os personagens nos quais esbarrava durante suas aventuras, a preocupação em obter os “dados de realidade” e transmitir verossimilhança sugerem uma “veia de repórter”? São as questões em que nos aprofundaremos ao longo dos quatro capítulos desta dissertação.

A perspectiva de investigar as aproximações de Guimarães Rosa com o jornalismo ganhou impulso diante da constatação de que ele enviou não apenas contos e poemas para jornais, mas também crônicas e pelo menos duas reportagens que reuniu no livro *Ave, palavra*. Além de “Com o vaqueiro Mariano”, Rosa escreveu “Sanga Puytã”, publicada pela primeira vez no jornal *Correio da Manhã* em 17/8/1947, ainda no calor da guerra civil paraguaia travada naquele ano. Sobre aquele conflito, escreveu Rosa: “(...) rasgou-se em duas uma nação, que já era um corpo cheio de cicatrizes”.

Chamou-nos a atenção que na Nota introdutória de *Ave, palavra*, o crítico Paulo Rónai classificou alguns dos textos do livro como “reportagens poéticas”, e revelou que Rosa cogitou dar à obra o título *Reportagens*.

Ao longo do Capítulo 1, veremos que textos considerados como obras-primas de Rosa tenham circulado previamente em periódicos para depois ganhar as páginas dos livros. “A terceira margem do rio” estreou no jornal *O Globo*, em abril de 1961. Um ano depois, foi incluído em *Primeiras estórias*. “Meu tio o lauretê”, o célebre conto em que um homem metamorfoseia-se em onça, veio à luz primeiro na revista *Senhor*, em março de 1961, e depois ganhou as páginas de *Estas estórias*. O pungente “Sorôco, sua mãe, sua filha”, que integra *Primeiras Estórias*, foi publicado antes em *O Globo*, em março de 1961.

Embora Rosa tenha publicado em quase duas dezenas de veículos, ele não deu expediente em redações, não trabalhou como articulista, crítico ou cronista, ao contrário de outros expoentes da literatura brasileira, como Machado de Assis (1839-1908), Graciliano Ramos (1892-1953), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Otto Lara Resende (1922-1992) – alguns jornalistas escritores que serão mencionados neste trabalho, e que, sob ângulos distintos, associamos a Rosa.

No Capítulo 1, enumeramos e detalhamos cada um dos 18 veículos de imprensa para os quais Guimarães Rosa contribuiu, em seus respectivos contextos históricos, bem como a relação do escritor com os proprietários, editores e colunistas desses periódicos. Os jornais em que ele mais publicou foram *Pulso*, com 56 textos, *O Globo*, com 34, e *Letras e Artes, suplemento de A Manhã*, com 13 histórias.

Ainda neste capítulo, veremos que Rosa escrevia de casa, ou de seu gabinete no Palácio Itamaraty, na antiga sede no Rio de Janeiro. Vamos mostrar que, muitas vezes, o escritor tinha os textos prontos e os encaminhava aos jornais a depender do combinado com os editores. A colaboração para os periódicos propiciava ao autor visibilidade e uma módica suplementação da renda. Em duas ocasiões, entretanto, Rosa foi colunista fixo de dois periódicos, e dessa forma, tinha a obrigação de entregar as histórias no prazo imposto pelo

veículo: isso ocorreu com *O Globo*, em 1961, e com o jornal médico *Pulso*, entre 1965 e 1967.

Examinaremos, igualmente, a relação de ambiguidade do escritor com o ofício. O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) revelou em uma crônica um diálogo com Guimarães Rosa, em que este lhe confessou um sentimento de “angústia” diante da obrigação de produzir textos semanais para *O Globo*. De igual forma, ao amigo Pedro Bloch, Rosa disse que “jornal é angústia concentrada” – em entrevista à revista *Manchete* em 1963, que analisaremos no Capítulo 3.

Em contrapartida, dois anos depois, em 1965, Rosa comparou o exercício da coluna literária com um “bordado delicado”, como se costurasse as palavras, procurando com esmero aquelas exatas que coubessem no determinado e reduzido espaço de jornal. Paulo Rónai registrou que Rosa lhe falava dos textos publicados em jornais como peças da “maior importância”.

No Capítulo 2, apresentamos os vínculos de Guimarães Rosa com articulistas, críticos, colunistas, editores e proprietários dos periódicos em que publicou. Franklin de Oliveira (1916-2000), Álvaro Lins (1912-1970) e Josué Montello (1917-2006) aparecem com destaque, como integrantes do restrito núcleo íntimo do escritor. O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é agregado ao grupo, embora ele e Rosa não fossem íntimos. No entanto, o grau de admiração mútua e o fato de terem sido colunistas simultaneamente nos mesmos veículos obrigaram a inclusão do poeta neste trabalho. Os outros jornalistas escritores com alguma ligação a Rosa aqui lembrados são Otto Lara Resende (1922-1992), os irmãos João Condé (1912-1996) e José Condé (1917-1971) e João Neves da Fontoura (1889-1963). Destacamos ainda o empresário e político Assis Chateaubriand (1892-1968), fundador dos *Diários Associados*, pela proximidade do escritor.

Na sequência, no Capítulo 3, relacionamos as 13 entrevistas concedidas por Guimarães Rosa de que se tem conhecimento até os dias de hoje, a partir do lançamento de *Sagarana* (1946). Foram cinco entrevistas para jornais e revistas de grande circulação, três para jornalistas e críticos estrangeiros (dois portugueses e um alemão), e mais três para estudantes.

Também há registro de duas entrevistas concedidas para canais de televisão, um alemão e um argentino.

Entre 1946 e 1967, Rosa falou aos jornais *Correio da Manhã*, *O Jornal (Diários Associados)* e *Flan*, às revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, e aos veículos estrangeiros: revista *Humboldt*, da Alemanha, e jornal *Diário de Notícias*, de Portugal. A entrevista mais longa, que se tornou antológica, foi feita pelo crítico alemão Günter Lorenz, em Gênova, em 1965, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos.

Rosa também conversou com os estudantes Maria da Graça Faria Coutinho, filha de Afrânio Coutinho, por carta com a prima Lenice, de Curvelo (MG), e dois meses antes de sua morte, a um grupo de alunos do Colégio Pedro II.

São raras as imagens de Guimarães Rosa em vídeo. A entrevista ao apresentador Walter Höllerer para um canal de televisão independente em Berlim, em 1962, foi descoberta em meio a um garimpo na Alemanha feito pelas produtoras Soraia Vilela e Adriana Jacobsen. Elas dirigiram o premiado documentário *Outro sertão* (2013), sobre os anos do diplomata como vice-cônsul do Brasil em Hamburgo. Até então, a imagem em movimento e a voz do autor de *Grande sertão*, registrados na Alemanha, estavam arquivados naquele país havia 50 anos. A outra imagem em vídeo é uma declaração de pouco mais de um minuto a uma tevê argentina durante um encontro de escritores latino-americanos em Berlim em 1964.

Ainda no Capítulo 3, demonstramos como o escritor esquivava-se de entrevistas, fugia dos repórteres, e reagiu com indignação num episódio envolvendo o correspondente de *A Manhã* em Paris, Louis Wiznitzer, em 1950. Rosa reclamou que o jornalista publicou suas declarações sem a devida permissão, e ainda as distorceu. Ele também se sentiu diminuído diante do pintor Cícero Dias, que aparece ao seu lado na matéria. Analisaremos que esse episódio foi um catalisador da repulsa de Rosa a entrevistas.

Finalmente, no Capítulo 4, demonstramos que Guimarães Rosa desenvolveu uma “veia de repórter”, na medida em que aplica técnicas de reportagem na criação de suas histórias. Essa inclinação para a reportagem

evidenciou-se, especialmente, em 1947, na elaboração do conto-reportagem “Com o vaqueiro Mariano”, e da crônica-reportagem “Sanga Puytã”, que relata a expedição pelo percurso invertido da Retirada da Laguna, partindo do Mato Grosso do Sul rumo a Juan Jose Caballero, no Paraguai.

Em “Sanga Puytã”, crônica publicada no *Correio da Manhã* em 1947, Rosa revelou-se quase um correspondente de guerra. Sem abrir mão da descrição minuciosa e lírica da paisagem, nem do olhar amoroso sobre os bichos e as pessoas, o autor traçou os perfis dos militares envolvidos na guerra civil que teve a oportunidade de entrevistar, e relatou os efeitos do conflito sobre a população civil paraguaia, que atravessava a fronteira em busca de refúgio no Brasil.

Demonstramos que, das seis histórias decorrentes da excursão ao Pantanal em julho de 1947, cinco transformaram-se em textos de não-ficção: o conto-reportagem “Com o vaqueiro Mariano”, a crônica-reportagem “Sanga Puytã”, e as crônicas de viagem “Ao Pantanal,” “Uns índios (sua fala)” e “Cipango”. A sexta história é a novela “Meu tio, o lauaretê”, que embora seja essencialmente ficcional, foi concebida naquela viagem de 1947, a partir das pesquisas do escritor sobre onças e as conversas com os zagaieiros –os caçadores de onças profissionais, que manejam a longa azagaia. No quarto capítulo, detalhamos essas histórias, mas nos detemos nos dois textos que mais se aproximam da experiência jornalística.

No Anexo desta dissertação, apresentamos uma relação detalhada dos 18 veículos de imprensa para os quais Rosa colaborou, indicando os respectivos contos, crônicas e reportagens publicados em cada um, por ordem cronológica de publicação, e os livros em que depois foram republicados. Acrescentamos o correspondente link de consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNB), nas hipóteses em que o periódico foi digitalizado.

Buscamos fontes que tivessem convivido com Guimarães Rosa, e que pudessem contribuir para a elucidação das aproximações do autor com o jornalismo. Com esse intuito, deram contribuições para esta pesquisa:

- Alberto da Costa e Silva (87 anos) – poeta, historiador e diplomata, presidiu a Academia Brasileira de Letras (ABL) e foi embaixador do Brasil na Nigéria, Portugal, Bogotá e Assunção; um dos mais importantes intelectuais brasileiros e especialista na cultura e na história da África é autor de *A enxada e a lança* (1992);
- Francisco Alvim (80 anos) – poeta e diplomata, autor de livros que se tornaram clássicos da poesia marginal brasileira: *Sol dos cegos* (1968), *Passatempo* (1974), *Elefante* (2000); foi embaixador do Brasil na Costa Rica e cônsul-geral em Barcelona; tinha o hábito de tomar mate gelado com Rosa na lanchonete em frente ao Itamaraty, e era convidado para ouvir o escritor ler, em voz alta, os textos que finalizava para a coluna quinzenal que mantinha em *Pulso*;
- Marcos Azambuja (83 anos) – embaixador do Brasil na França e na Argentina, foi coordenador da Conferência Rio 92; conviveu com Guimarães Rosa em meados da década de 60 no Itamaraty;
- Vilma Guimarães Rosa (87 anos) – escritora, filha de Guimarães Rosa, publicou entre outros, *Acontecências* (1967) e *Relembraimentos* (1983);
- Thiago de Mello (92 anos) – poeta e jornalista, responsável pela publicação do livro *Com o vaqueiro Mariano*, em 1952, pelas Edições Hipocampo; de Manaus, ele gravou um breve depoimento para esta pesquisa, gravado e encaminhado por mensagem de celular por meio de sua esposa, Pollyanna Furtado Lima;
- Elio Gaspari (75 anos) – jornalista e escritor, autor de cinco livros sobre a ditadura militar, publicados entre 2002 e 2016, reunidos nas séries *As ilusões armadas* e *O sacerdote e o feiticeiro*; agraciado com o prêmio ABL de Ensaio, crítica e história literária da Academia Brasileira de Letras em 2003;

- Abílio de Barros (89 anos) – advogado, fazendeiro e escritor, irmão do poeta Manoel de Barros (1916-2014). Foi “entrevistado” por Guimarães Rosa em 1947, a bordo do “trem do Pantanal”, sobre o cotidiano nas fazendas pantaneiras;
- Argeu Affonso (88 anos) – jornalista, foi contemporâneo de Guimarães Rosa em *O Globo*, onde começou a trabalhar em 1956. Passou pelas editorias de Política, Esportes, Educação e Geral, e em 1977 foi promovido a secretário de redação. Respondeu a perguntas relacionadas a esta pesquisa por email, encaminhado em 10/5/2018.

O primeiro passo deste trabalho foi elaborar um inventário atualizado dos 135 textos publicados por Guimarães Rosa em periódicos no período de 1947 a 1967, com circulação no Brasil. Acrescentados os quatro textos publicados em 1929 e 1930, que marcaram sua estreia literária na imprensa, essa contabilidade alcança 139 histórias publicadas em periódicos.

Contabilizamos 18 jornais e revistas em que Rosa publicou entre 1929 e 1930, e 1947 e 1967: *O Jornal* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *Letras e Artes* (suplemento do jornal *A Manhã* – RJ), *Jornal de Letras* (RJ), *Diário Carioca* (RJ), *O Globo* (RJ), *Pulso* (RJ), *Diário de Minas* (MG), *Folha da Manhã* (SP), *O Estado de S. Paulo* (SP), e as revistas *O Cruzeiro* (RJ), *Manchete* (RJ), *Senhor* (RJ), *Vamos Lê!* (RJ), *Seleções Reader`s Digest*, *Comentário* (RJ), *Cavalo Azul* (SP) e o *Boletim da Biblioteca do Exército*.

O primeiro levantamento dos periódicos para os quais Rosa colaborou, com as respectivas obras, foi feito em 1968 pelo advogado e bibliófilo Plínio Doyle (1906-2000), por encomenda do editor José Olympio, para compor a coletânea *Em Memória de João Guimarães Rosa*.

Na apresentação do trabalho, Doyle ressaltou que fez pessoalmente as buscas, contando apenas com o apoio de amigos escritores e estudiosos, e pesquisou em livros, jornais, revistas e suplementos literários de sua coleção particular. Também recorreu a pastas de recortes do arquivo pessoal de Rosa,

que lhe foi confiada por Vilma Guimarães Rosa, e se valeu do material de Afrânio Coutinho, que preparava uma antologia crítica para o autor de *Grande sertão: veredas*. (DOYLE, 1968, p. 194, 195)

O levantamento de Plínio Doyle contabiliza 129 histórias, contemplando 26 textos publicados em periódicos diversos, além de 13 textos em *Letras e Artes*, 34 em *O Globo* e 56 em *Pulso*. (Idem, p. 208/213), totalizando 129. Ele menciona ainda duas publicações na revista *Brasil*, editada pela Embaixada do Brasil em Lisboa. Mas como o periódico circulava apenas em Portugal, esses dois textos não serão considerados nesta pesquisa.

A lista de Doyle não esgotou o tema, como ele admite: “a bibliografia que ora divulgamos é necessariamente incompleta, mas, ressalvados enganos naturais, na circunstância, e uma ou outra informação deficiente, está certa”. (DOYLE, 1968, p. 196).

Mas Doyle foi o primeiro a se deparar com os quatro contos premiados pela revista *O Cruzeiro*, e publicados em 1929 e 1930. Também revelou ter descoberto a publicação da crônica “O Lago do Itamaraty” na edição de agosto de 1951 de *Seleções Reader's Digest*. Embora Manuel Bandeira tenha sido o primeiro a esbarrar em um heterônimo de Guimarães Rosa, foi Doyle quem os decifrou, denominando-os “pseudônimos anagramáticos”. Era a esses heterônimos que o escritor recorria quando queria publicar seus poemas na coluna *Guimarães Rosa conta...* (jornal *O Globo*)

O segundo levantamento dos textos de Guimarães Rosa publicados em periódicos foi feito pela pesquisadora Ana Luiza Martins Costa para a tese de doutorado “João Guimarães Rosa, *Viator*”, apresentada no Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002, sob orientação do professor doutor Luiz Costa Lima. Quatro anos depois, em 2006, ela ampliou e documentou o seu próprio levantamento durante a consultoria para publicação dos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, edição comemorativa dedicada a João Guimarães Rosa. Ela relacionou todos os artigos do escritor divulgados em periódicos, um a um, ano a ano, no resumo biográfico que abre a publicação. Na mesma publicação, ela retomou o

tema de seu doutorado no ensaio “Via e viagens: a elaboração de Corpo de baile e GSV”.

O resumo biográfico publicado nos *Cadernos de Literatura Brasileira* foi o primeiro suporte de nossa pesquisa, o que viabilizou o trabalho de conferência e checagem de cada um dos textos publicados em periódicos, no acervo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), e nos arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A Hemeroteca Digital foi fonte de buscas direcionadas, mas também intuitivas, a partir do nome do escritor nos periódicos para os quais colaborou, entre os anos de 1947 e 1967. Fontes recorrentes foram as renomadas colunas literárias das décadas de 50 e 60, em especial os *Arquivos Implacáveis*, de João Condé, publicados em *O Cruzeiro*, e *Vida Literária e Escritores e Livros*, de José Condé, publicada no *Correio da Manhã*.

A maioria dos 18 periódicos em que Rosa publicou estão digitalizados e disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital, inclusive títulos raros e pouco lembrados, como a revista *Vamos Lêr!* Somente em janeiro de 2019, na reta final desta pesquisa, a Biblioteca Nacional concluiu a digitalização de todos os exemplares da revista *Manchete*, onde constam as entrevistas de Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade ao médico e escritor Pedro Bloch. No entanto, ainda não foram digitalizados periódicos importantes como a revista *Senhor*, e outros menos conhecidos, mas de valor histórico, a exemplo do jornal *Pulso* e das revistas *Comentário* e *Cavalo Azul*.

Por meio de consulta por telefone na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, descobrimos que não há uma coleção completa das edições de *Pulso* disponível para consulta em um único local do Brasil: faltam exemplares, e os existentes estão espalhados em diversas bibliotecas do país. Contudo, localizamos exemplares de *Pulso*, referentes aos anos em que Rosa foi colunista do periódico – 1965 a 1967 – no acervo da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre. Por meio de contato telefônico com funcionários da biblioteca, foi possível obter alguns exemplares em versão escaneada para subsidiar esta pesquisa.

As publicações que não se encontram digitalizadas foram consultadas no acervo de Guimarães Rosa no IEB-USP. Nas três visitas que fizemos ao arquivo entre 2017 e 2018, aproveitamos para consultar outros documentos que pudessem subsidiar esta pesquisa, como a correspondência pessoal do escritor e as pastas contendo os recortes de periódicos colecionados por Rosa.

A base teórica desta pesquisa é o jornalismo literário, a simbiose entre jornalismo e literatura. O conceito de “reportagens poéticas” aplicado aos textos de *Ave, palavra* – obra que reuniu o maior número de históricas publicadas em periódicos – mostra que Guimarães Rosa foi um praticante dessa vertente jornalística. O professor Felipe Pena classifica o jornalismo literário de diferentes maneiras no Brasil. Refere-se ao período da história em que os escritores assumiram funções de editores, articulistas e cronistas, mais especificamente o século XIX; à crítica literária; ao movimento *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 60; e às biografias, romances-reportagem e à ficção jornalística. Pena ressalta que não se trata da dicotomia ficção ou verdade, ou informar ou entreter, mas sim de uma “atitude narrativa em que ambos estão misturados”.

É para a arte de contar histórias na forma de narrativas, sejam literárias ou jornalísticas, que converge o jornalismo literário. O professor Manuel Ángel Vázquez Medel, da Universidade de Sevilla, cita o escritor galego Manuel Rivas, para quem não há distinção entre um ofício e outro. Para Rivas, o futuro da narrativa implica a convergência entre as duas atividades:

Para mim [jornalismo e literatura] sempre foram o mesmo ofício. O jornalista é um escritor. Trabalha com palavras. Busca comunicar uma história o faz com vontade e de estilo. [...] Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da outra verdade, do lado oculto a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento. Para o escritor jornalista ou o jornalista escritor a imaginação e a vontade de estilo são as asas que dão voo a esse valor. (RIVAS, 1998, p. 23 *apud* CASTRO; GALENO, 2002, p. 19).

Um dos organizadores dessa obra, que analisa a relação entre jornalismo e literatura, Gustavo de Castro aponta a narrativa como a “saída”

para o jornalismo contemporâneo, em franca agonia, com a convergência de técnicas literárias e jornalísticas.

Dizer que o jornalista é diferente do literato não implica em negar-lhe o direito de fazer literatura, assim como não se pode negar ao literato o direito de contar jornalisticamente fatos reais. Aqui se concentra novamente a sempre problemática questão da narrativa. [...] Escritores e jornalistas participam assim do mesmo universo: o da narração. Descritores de fatos, coisas, cenas, lembranças e ideias, vivem de contar e escrever histórias, geralmente sobre o frágil suporte do papel (CASTRO; GALENO, 2002, p. 80-83).

O escritor Moacyr Scliar (1937-2011), que publicou crônicas em jornais de circulação nacional durante décadas, revelou que aprendeu muito com o jornalismo e incorporou técnicas do ofício à literatura, tais como a objetividade, a síntese e a pontualidade: “Não sou mais o escritor que eu era quando me tornei colaborador de jornais. O que mudou? Várias coisas. Em primeiro lugar, aprendi a escrever de forma sistemática, com ou sem inspiração, que é uma coisa que às vezes some por muito tempo, deixando o escritor frustrado.” (SCLIAR *apud* CASTRO; GALENO, 2002, p. 13).

A partir deste recorte no jornalismo, buscamos uma maneira de organizar todo o material presente neste levantamento, assim como uma forma de compreensão da totalidade dos contos, crônicas e reportagens publicados em periódicos. Simultaneamente à fase de levantamento cronológico, trabalhamos a interpretativa, e executamos as seguintes etapas: 1) localização exata dos períodos históricos e dos contos, crônicas e reportagens publicadas pelo escritor; 2) distinção, a partir da análise destes periódicos, de cada grupo de reportagens; 3) identificação do papel dessas publicações no contexto geral da vida e da obra do escritor, assim como das pessoas envolvidas; 4) identificação dos períodos da elaboração desses textos; 5) apreciação conceitual de algumas categorias que puderam iluminar a leitura desses textos, como por exemplo o uso de metáforas ou dados históricos; 6) explicitação das raízes dos acontecimentos centrais que marcaram a vida do escritor em relação à elaboração dos textos; 7) busca de elucidação das práticas jornalísticas e das imagens presentes nos contos, crônicas e reportagens; 8)

avaliação da importância desses textos no âmbito da produção geral do autor pesquisado; 9) constituição de uma organização do material que aparece no anexo.

Nesta pesquisa, também recorreremos à historiografia no esforço de, minuciosamente, reunir vestígios em busca da ordem cronológica dos acontecimentos, dentro de contextos políticos e sociais, relacionados ao nível de aproximação do escritor com o ofício de jornalista. A historiografia, assim como a comunicação, tem a missão de contar histórias, mas com um respeito científico à cronologia e à ordenação dos fatos. Por meio da reunião de elementos bibliográficos, pesquisa em arquivos, resgate de textos jornalísticos e colheita de depoimentos inéditos, buscamos escrever a história do escritor Guimarães Rosa no contexto do jornalismo praticado nas décadas de 40 a 60.

Em suma, discorreremos em quatro capítulos sobre as aproximações, as afinidades e as angústias de Guimarães Rosa nas ocasiões em que exercitou o jornalismo. Não podemos afirmar incondicionalmente que o autor de *Grande sertão: veredas* (1956) foi jornalista. Mas ao final deste trabalho, teremos demonstrado que Rosa manteve laços estreitos com a profissão, e ocasionalmente – em contextos específicos – investiu-se do ofício de repórter. Rosa tinha um apurado instinto para usar os meios de comunicação para a divulgação de suas obras, para garantir-lhe visibilidade e algum complemento de renda. O exercício do jornalismo lhe trouxe angústia, mas simultaneamente, desafio e recompensas: os livros *Tutameia* (1967) e *Ave, palavra* (1970) são quase integralmente produtos de suas colaborações para jornais e revistas. As 44 histórias de *Tutameia* saíram antes em periódicos (*Pulso* e *Globo*), bem como 51 dos 55 textos de *Ave, palavra* são republicações dos veículos de comunicação para o livro.

1 O JORNAL E O LIVRO

O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras.
Machado de Assis

Willi Bolle¹vê uma identidade plena entre Guimarães Rosa e Machado de Assis (1839-1908), não só pela estatura de ambos na literatura brasileira, mas também por uma artimanha do destino. Rosa seria o herdeiro transcendental do autor de *Dom Casmurro*, até mesmo pela data de nascimento: 27 de junho de 1908. Três meses depois, em 29 de setembro, morreu Machado, deixando um sucessor incontestável:

Machado de Assis é o maior escritor brasileiro do século 19, assim como Guimarães Rosa é o maior do século 20. Ora, o que se ganharia se colocássemos um deles no pedestal em detrimento do outro? Existe uma questão que transcende a do "maior escritor": é o projeto de construção da literatura brasileira. Isso é evidenciado por uma feliz coincidência de datas: no mesmo ano em que morreu Machado, nasceu Rosa; um passou para o outro o bastão desse projeto coletivo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008)²

As afinidades entre ambos, contudo, são eletivas. Despontam-se em pé de igualdade no panteão das letras brasileiras, porém em épocas distintas, há um notório contraste entre ambos: Machado de Assis deu expediente em redações, fazendo do jornalismo seu meio de subsistência, em uma atividade de criação remunerada e digna, como o fizeram tantos e consagrados escritores brasileiros, sem deixar de fazer arte, ao se projetar na áurea época dos folhetins.³

¹ Professor do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), um dos reconhecidos estudiosos da obra de Guimarães Rosa.

² Artigo publicado na Folha de S. Paulo edição de 22/6/2008, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2206200831>>. Acessado em: 05 jan. 2018.

³ Machado de Assis começou a trabalhar em jornais aos 16 anos, na Imprensa Nacional, como tipógrafo. Colaborou em diversos jornais, até que aos 43 anos, começou a colaborar na Gazeta de Notícias, onde publicou mais de 400 crônicas em 17 anos.

Para Guimarães Rosa, o jornalismo era atividade acessória, mas ainda assim importante. A publicação de seus textos em jornais e revistas lhe assegurava uma fonte de renda suplementar, além da visibilidade de seu nome e de sua obra. Machado exaltava o jornalismo como um ofício que levou dignidade aos escritores, porque propiciava uma “posição ao homem de letras”, que até então oferecia versos em troca de comida:

O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: “Trabalha! Vive pela ideia e cumpres a lei da criação!” Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto? (ASSIS, 2011) ⁴

No clássico ensaio “O jornal e o livro”, publicado originalmente no *Correio Mercantil*, em 1859, em que reflete sobre a relação entre esses dois veículos e o impacto na arte literária, Machado indaga se o “jornal matará o livro” porque se impôs como a “verdadeira forma da república do pensamento.” “É a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.” Transformou-se o jornal em “literatura cotidiana, no dito de um publicista contemporâneo”, na “reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana.” O autor de *Dom Casmurro* conclui que o jornal ocupou um espaço de reflexão de ideias e divulgação do trabalho literário antes exclusivo do livro, uma conquista para os escritores. Mas ressalva, ao fim da digressão, que o território poderá ser compartilhado com o livro. “Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo.”

Guimarães Rosa pode ser considerado um escritor jornalista singular. Sua atividade não se transformou em meio de subsistência como se deu com Machado. Sua produção, contudo, foi expressiva ao ponto de não

⁴ Machado de Assis. O jornal e o livro. Coleção Grandes Ideias. Penguin Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

podemos excluí-lo de uma relação de abalizados escritores brasileiros que publicaram em periódicos.

Rosa não foi tecnicamente classificado como “escritor jornalista” na tese da professora Cristiane Costa, doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *Pena de aluguel* (2005). Costa conduziu um alentado estudo sobre os escritores jornalistas no Brasil de 1904 até 2004, em que questiona o que seria um autor jornalista e um autor literário. Explica que só considerou jornalistas aqueles que efetivamente trabalharam na imprensa como repórteres, pauteiros, chefes de reportagem, redatores e editores, assim como classificou de escritores apenas os que produziram ficção ou poesia. Não estão incluídos colaboradores avulsos que se dedicaram ao articulismo, à crônica ou à crítica. Nem jornalistas que escreveram livros de não-ficção, como biógrafos e autores de grandes reportagens e ensaios.

O ponto de partida de Costa foi uma pesquisa do jornalista e escritor João do Rio, publicado na Gazeta de Notícias em 1904, que resultou no livro *O momento literário hoje*, considerado um dos principais documentos da vida intelectual brasileira na virada para o século XX. Um século depois, a professora quis repetir o estudo de João do Rio, a fim de igualmente questionar o que significou essa aproximação da literatura com o jornalismo: apenas um salário no fim do mês, ou uma contribuição da imprensa à ficção e à poesia brasileira desde meados do século XIX, quando os primeiros homens e mulheres de letras começaram a infiltrar-se nas redações?

Ela divide o estudo em cinco períodos e concentra-se nos seus principais representantes. Nos períodos que abrangem os anos em que Rosa colaborou para a imprensa – terceiro (1920 a 1950) e quarto (1960 a 1980) – ela cita Graciliano Ramos (1892-1953), Monteiro Lobato (1882-1948), Oswald de Andrade (1890-1954), Nelson Rodrigues (1912-1980), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Jorge Amado (1912-2001), Erico Verissimo (1905-1975), Antonio Callado, (1917-1997), Caio Fernando Abreu (1948-1996), Carlos Heitor Cony (1926-2018), Ferreira Gullar (1930-2016), Otto Lara Resende (1922-1992) e Paulo Francis (1930-1997).

No início do século XX, os homens de letras buscavam nos jornais o que não encontravam nos livros: “notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”. A remuneração não era significativa. No início do século XX, o *Jornal do Comércio* pagava as colaborações aos escritores entre 30 e 60 mil-réis; o *Correio da Manhã*, a 50 mil-réis. Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente; em 1906, Adolfo Araújo oferecia 400 mil-réis por mês a Alphonsus de Guimaraens para ser redator de *A Gazeta*, em São Paulo. (SODRÉ, 1999, p. 292).

Embora fosse possível produzir arte no jornalismo, como argumenta Olinto(2008), Rosa construiu para si uma outra trajetória profissional, que lhe permitiu ampliar sua visão sobre o mundo e dedicar-se à literatura do conforto de seu gabinete no Palácio Itamaraty. No rol dos grandes escritores brasileiros, dois nomes desfrutaram da vida diplomática mediante aprovação em concurso público: Rosa e João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Eles se encontravam nos corredores do edifício no Rio de Janeiro entre os anos 40 e 60. Cabral também ingressou na carreira por concurso no ano de 1945, pouco mais de dez anos depois do colega diplomata.

Guimarães Rosa formou-se em medicina em 1931, aos 23 anos, e foi trabalhar como médico em Itaguara, um pequeno povoado rural, em Minas Gerais. Em seu livro de memórias, a filha, Vilma Guimarães Rosa, lembra que o pai galopava vários quilômetros, às vezes a noite inteira, para atender um paciente, e desesperava-se com a impossibilidade de não salvar algum doente. “A angústia provocada pela sua extrema sensibilidade, no convívio com a doença e a morte que algumas vezes, apesar de seus desesperados esforços, não conseguia impedir, levou-o a abandonar a medicina”. (ROSA, 2014, p.107-108).

Ele exerceu a medicina até 1934, até se convencer de que não era vocacionado para o ofício. Em carta a Pedro Barbosa, em março daquele ano, revelou o interesse pela carreira diplomática: “a mais nobre e distinta de todas as mais selecionadas, a de difícil acesso, talvez.” Citou o gosto pelo estudo das

línguas, pelas coisas internacionais, e declarou-se decepcionado com a realidade da medicina. “Não nasci para isso”, decretou.⁵

Finalmente, ele ingressa na nova carreira em julho de 1934, após aprovação no concurso, sendo nomeado cônsul de terceira classe. Muda-se com a família para o Rio de Janeiro, e vai dar expediente na secretaria do Ministério das Relações Exteriores.

Já mostramos na apresentação desta pesquisa que o escritor estreou nos jornais em 1929, quando publicou os primeiros quatro contos em veículos dos *Diários Associados*, após vencer o concurso da revista *O Cruzeiro*. Ele retoma as colaborações somente em 1947, quando retorna ao Brasil depois de servir em embaixadas no exterior (Hamburgo e Bogotá).

É somente a partir de 1947 que Rosa começa efetivamente a conviver de perto com a imprensa: editores, críticos, repórteres e proprietários dos veículos de comunicação. Desse convívio, surge uma relação de ambiguidade com esse universo, ora de inquietude, ora de afetividade.

Essa dualidade evidenciou-se em declarações do autor em entrevistas e em depoimentos de amigos, como passamos a analisar. Em duas ocasiões, questionado sobre o que pensava do exercício do jornalismo, respondeu: “angústia.” Mas em outras duas oportunidades, descreveu a experiência como “estimulante” e como um “bordado delicado”.

A professora Walnice Nogueira Galvão, uma das maiores autoridades na obra do escritor, afirma que ele “jamais se considerou à vontade nessa prática”, e que executou o jornalismo “sem regularidade e de modo avulso” (GALVÃO, 2008, p. 218). Ao enumerar escritores que exerceram o jornalismo para qualificá-los conforme o grau de envolvimento com o ofício, Galvão define Rosa como o tipo refratário, “para quem o jornalismo não tem a menor importância, é aleatório e inteiramente subjugado à literatura” (GALVÃO,

⁵ Cadernos de Literatura Brasileira, 2006, p. 14.

2008, p. 227).⁶

No mesmo artigo, considerando exclusivamente o livro póstumo *Ave, palavra*, que o escritor preparava quando morreu e onde reuniu textos publicados em periódicos, Galvão afirma que em 20 anos, no período de 1947 a 1967, Rosa publicou a “insignificante média de duas a três matérias jornalísticas por ano”. (GALVÃO, 2008, p. 219)

Entretanto, permitimo-nos, respeitosamente, discordar da autora no concernente à relação de Rosa com o jornalismo. Mostraremos neste trabalho que a colaboração de Guimarães Rosa com jornais e revistas foi mais expressiva em quantidade e qualidade. Pelo nosso levantamento, a média de “duas a três matérias por ano” sobe para 6,7 matérias por ano, como detalharemos ainda neste capítulo. Em duas ocasiões houve “regularidade”: na coluna semanal em *O Globo*, publicada aos sábados durante oito meses em 1961; e na coluna quinzenal em *Pulso*, publicada durante dois anos, entre 1965 e 1967.

Ao contrário do que afirma Galvão, sobre Rosa não dar a “menor importância” ao jornalismo, o embaixador Alberto da Costa e Silva, que conviveu com Rosa no Itamaraty nos anos 60 e desfrutou de sua intimidade, ressalta que o escritor dava a “maior importância” aos textos que enviava aos jornais:⁷

Escrevia textos pequenos. Escreveu para uma revista de laboratório farmacêutico [Pulso], escreveu para *O Globo*. Muitos desses textos foram reunidos em *Ave, Palavra*. A impressão que a gente tinha era que com esses textos que publicava em jornais, ele estava fazendo exercícios para obra de ficção. Mas a impressão era falsa, porque ele dava a maior importância a esses textos. Eram espécies de poema em prosa, fechados, e para ele perfeitos em si mesmo, não eram exercícios.

⁶ Galvão classifica os escritores que publicaram em periódicos conforme a relação que mantinham com o jornalismo: tempo integral, crisálida, tribuna, evolutivo, relutante, militante, tudo-menos-jornalista, entusiasta-declarado e refratário, no qual ela encaixa Guimarães Rosa. (GALVÃO, 2008, p. 227).

⁷ Alberto da Costa e Silva, 87 anos, é poeta, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi embaixador do Brasil na Nigéria, Portugal, Bogotá e Assunção. Um dos mais importantes intelectuais brasileiros e especialista na cultura e na história da África, é autor de *A enxada e a lança* (1992). Depoimento concedido para essa pesquisa em sua residência no Rio de Janeiro em 18/12/2018.

Alberto relembra que Rosa chegou a comentar em uma carta aos pais, Florduardo e Maria Francisca, que gostava muito do “amarelinho”: trata-se de *Primeiras estórias*, de 1962, que reuniu a sua primeira série de histórias curtas, publicadas durante a colaboração a *O Globo*.⁸

Paulo Rónai também afirmou que os textos de *Tutameia*, todos publicados em *O Globo* e *Pulso*, tinham na verdade a “maior importância” para Guimarães Rosa, porque o autor lhe fez essa confiança. O crítico ressalta que o título da obra, *Tutameia* – que significa “ninharia, quase nada, nonada, baga, ninha” – é uma ironia: uma “antífrase carinhosa” ou “supersticiosa”.⁹

Ainda segundo Rónai, Rosa lhe explicou que *Tutameia* surgiu em seu espírito “como um todo perfeito, não obstante o que os contos necessariamente tivessem de fragmentário”. “Entre estes havia interrelações as mais substanciais, as palavras todas eram medidas e pesadas, postas no seu exato lugar, não se podendo suprimir ou alterar mais de duas ou três em todo o livro sem desequilibrar o conjunto”. (RONÁI *apud* ROSA, 2009).

Em outro depoimento sobre *Tutameia*, Rosa declarou à estudante Graça Coutinho, filha do crítico e amigo Afrânio Coutinho, que a colaboração com *Pulso* era um “excelente exercício de despojamento”, onde “cada palavra tem de ser justa como um bordado delicado”.¹⁰

Na esteira do lançamento de *Primeiras estórias* em 1962, declarou a um canal de televisão independente de Berlim que chegou ao formato das histórias curtas porque teve que dar colaboração num jornal (*O Globo*), e então se deparou com a restrição de espaço: “E eu achei muito bom, porque acho

⁸ Em carta aos pais de 13/9/1962, Rosa anuncia o lançamento de mais um livro de contos, *Primeiras estórias*, e registra: “Ficou um livrinho lindo, é o amarelinho”. Consultado no acervo: JGR-CC-01,55 IEB-USP.

⁹ RÓNAI, Paulo. Os prefácios de *Tutameia*. In: ROSA, João Guimarães. *Tutameia*, 2009.

¹⁰ “Acho o conto um excelente exercício de despojamento. Cada palavra tem de ser justa como um bordado delicado”, disse Rosa à estudante Graça Coutinho sobre sua colaboração com *Pulso*. Entrevista concedida em 1966, que vamos detalhar no Capítulo 3. Reproduzida em <http://www.lettras.ufrj.br/olacdigital/?tag=primeira-impressao> Acessado em 13 jan 2019. A versão impressa está disponível no acervo do IEB-USP, JGR-R08,011.

que para o artista toda limitação é estimulante”.¹¹

Todavia, o conflito com o exercício do jornalismo estava latente. Em 1961 – cinco anos antes de declarar à estudante Graça Coutinho que compor textos curtos para um jornal era fazer um “bordado delicado” – Guimarães Rosa disse ao poeta e amigo Manuel Bandeira que sentia “angústia” ante a obrigação de entregar textos semanais ao jornal:¹²

Começo a escrever, um mundo de coisas, ideias, imagens, reminiscências, me acodem. Escrevo cinco, dez, quinze páginas. É preciso reduzir a três. Começo a cortar, começo a corrigir. O meu desejo é então continuar a corrigir até o fim da minha vida. Mas há que entregar os originais. E no dia seguinte, recomeçar coisa nova. (BANDEIRA, 1966, p. 319).

Dois anos depois, em 1963, Rosa volta a falar em “angústia” em relação ao jornalismo em uma entrevista concedida a Pedro Bloch. “Jornal é angústia concentrada”, declarou. (BLOCH, 1963)¹³. A angústia sofrida por Guimarães Rosa dialoga com o conceito de jornalismo elaborado por Antônio Olinto, de que se trata de “literatura sob pressão”. Rosa queria fazer literatura no espaço que lhe era reservado para suas colunas, mas trabalhava sob a pressão do tempo e do espaço.

Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo, por maior que seja essa pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte. (OLINTO, 2008, p. 13)

¹¹ Entrevista concedida ao crítico alemão Walter Höllerer, que vamos detalhar no Capítulo 4. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&feature=youtu.be>. Acessado em 10 jan 2019.

¹² Manuel Bandeira reportou o episódio na crônica *Rosa em Três Tempos*, em que revelou-se incomodado com o compromisso firmado pelo escritor para assinar uma coluna semanal em *O Globo*. (Bandeira, Manuel. Andorinha, Andorinha, 1966, p. 317-321).

¹³ A relevante entrevista a Pedro Bloch será esmiuçada no Capítulo 3. (BLOCH, Manchete, 1963).

Bandeira concluiu que “Rosa não é jornalista”. Isso porque, segundo o poeta, o jornalista escreve todos os dias “por necessidade”, se não “morre entupido”. Enquanto Rosa escreve “caprichado”, sem necessidade de fazê-lo diariamente. Por isso, profetizou que o resultado da colaboração para *O Globo* fatalmente se converteria em um novo livro, porque “Rosa não escreve na areia, Rosa grava na pedra, para a eternidade”. Um ano depois da previsão de Bandeira, em 1962, Rosa publicaria *Primeiras estórias*, em que dos 21 contos, 12 foram publicados em *O Globo*.¹⁴

Em suma, a experiência de Guimarães Rosa de colaboração com os jornais foi marcada pelo estímulo, pela afetuosidade, e em contrapartida, pela angústia e inquietude diante do compromisso de criar obras-primas dentro de um prazo pré-estabelecido, com tamanho predeterminado. Esse é o sentimento que transparece na declaração de Rosa ao tradutor de sua obra para o italiano, Edoardo Bizzarri “Eu não improviso coisas escritas, sou lento, atormentado, sou o antijornalista. Tenho, apenas, boa vontade. E preciso respirar ainda um pouco, ganhar pé, sair do brejo. Sei que você está comigo, me compreende. Tornarei a escrever.” (ROSA, 1965, p.174).

É Otto Lara Resende quem traduz essa dualidade no texto em que perfilou o amigo. Ele sinaliza que ao longo de sua existência, o conflito entre o desafio de compor histórias curtas e extravasar-se nas histórias longas, sem qualquer cerceamento, embalou o escritor: “vivia obcecado pelo *mot juste*, qual Flaubert, ao mesmo tempo que se deixava derramar no encantamento das palavras. Queria ser sintético, dizer o máximo no mínimo de palavras: e queria entregar-se ao fluxo verbal, numa caprichada prolixidade que implicava muito de invenção pessoal.” (RESENDE, 2017, p. 2939, versão para Kindle)

¹⁴ A profecia na íntegra: “Por isso, mal entrega a sua colaboração da semana, começa a trabalhar na da semana seguinte. Ora, uma semana não dá para Rosa caprichar nas suas invenções verbais. Daí a angústia. (...) Escrever para jornal é como escrever na areia. Rosa não escreve na areia. Rosa grava na pedra. Para a eternidade. Assim, o que Rosa está fazendo em *O Globo* é, capítulo a capítulo, mais um livro, digno de ficar junto de *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*” (BANDEIRA, 1966, p. 319).

1.1 ESTAS 139 ESTÓRIAS (PERIÓDICOS)

Publicar suas histórias primeiro em jornal ou revista e depois republicá-las em livros era uma característica de Guimarães Rosa, a qual inevitavelmente o aproxima do universo jornalístico, mesmo distante das redações. No período de 1929 a 1967 – que compreende a sua estreia na imprensa aos 21 anos, com a publicação de “O mistério de Highmore Hall” na revista *O Cruzeiro*, até a despedida aos 59 anos, com a crônica “Rogo e aceno” em *Pulso* - Rosa publicou 139 histórias em jornais e revistas brasileiros, com circulação no território nacional.¹⁵

Em 1929 e 1930, foram quatro contos divulgados nas páginas de veículos dos Diários Associados, após Rosa vencer um concurso literário, sobre o qual discorreremos no subcapítulo 2.1: “O mistério de Highmore Hall” (7/12/1929), “Chronos kai Anagke (Tempo e destino) - a mais extraordinária história de xadrez já explicada aos adeptos e não-adeptos do tabuleiro” (21/6/1930) e “Caçadores de camurças” (12/7/1930), foram publicados na revista *O Cruzeiro*. “Makiné” (9/2/1930) saiu no suplemento dominical de *O Jornal*.

Entretanto, vamos nos dedicar nesta pesquisa ao período compreendido entre 1947 e 1967, quando foi expressiva a colaboração do escritor: foram 135 histórias publicadas em 18 periódicos ao longo de 20 anos, contabilizando uma média de 6,5 textos publicados ao ano. Desse total, nove títulos foram republicados, sendo um deles republicado duas vezes, em veículos diferentes. Assim, excluídas as republicações, totalizam 125 textos que Rosa enviou para jornais e revistas nesse período - 124 textos inéditos, e um conto de *Sagarana* (1946).¹⁶

¹⁵ Este cálculo exclui dois contos publicados na revista *Brasil*, editada pela Embaixada do Brasil em Portugal, em Lisboa, que circulou naquele país: “Alguns bichos”, na edição 19 (dez-1961 jan-1962) e “Um moço muito branco”, na edição 22 (1963).

¹⁶ O conto *São Marcos*, de *Sagarana*, foi publicado na revista *Vamos Lêr!* em abril de 1947. A relação completa das 139 histórias – discriminadas por veículo, data de publicação e livro em que foram republicadas – consta do Anexo.

Os contos e crônicas “A senhora dos segredos”, “Aquário (Nápoles)”, “Cipango”, “Terrae vis”, “Os doces”, “As garças”, “Esses Lopes”, “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)” foram republicados uma vez, cada um. A crônica de viagem “Ao Pantanal” ganhou duas republicações.

Os contos, crônicas, poemas, um ensaio e a reportagem literária sobre o vaqueiro Mariano foram publicados nos seguintes veículos de comunicação: *Correio da Manhã* (RJ), *O Jornal* (RJ), *Letras e Artes*, suplemento do *jornal A Manhã* (RJ), *Diário Carioca* (RJ), *Jornal de Letras* (RJ), *O Globo* (RJ), *Pulso* (RJ), *Diário de Minas* (MG), *Folha da Manhã* (SP), *O Estado de S. Paulo* (SP), e as revistas *Vamos Lêr!*, *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Senhor*, *Seleções do Reader's Digest*, *Comentário* e *Cavalo Azul*, além do *Boletim da Biblioteca do Exército*.¹⁷

Do total de 124 histórias inéditas enviadas aos periódicos, 122 foram republicadas em quatro livros: *Primeiras estórias* (1962), *Tutameia* (1967), *Estas estórias* (1969) e *Ave, palavra* (1970). Dois títulos não foram incorporados aos livros: “Os doces”¹⁸, publicado em 1953 e 1954 em *Letras e Artes*, suplemento literário de *A Manhã*, e “Rogo e aceno”¹⁹, publicado em *Pulso* em 1967.

Depois da publicação de “Caçadores de camurças” em julho de 1930, uma história de Guimarães Rosa só voltaria a estampar a página de um

¹⁷ Conferir relação completa no Anexo.

¹⁸ “Os doces” é uma história saborosa sobre as maravilhas da culinária, em especial, os açucarados, e descortina o lado pouco conhecido do autor, que era um apreciador da boa mesa. No texto, um bem-humorado Rosa defende: “Ponho que cada cidade devia erguer em praça, não na mais central, mas numa das mais sérias, algum monumento qualquer, simples coluna ou obelisco porta-palavra, no qual, gravando-se em ótimo bronze, figurariam as receitas de como ortodoxamente preparar suas respectivas especialidades culinárias”. Invoca o patriotismo para afirmar que “nosso não será o petróleo tanto assim; nossos bem nossos são o doce-de-leite e o desfiado de carne seca”. Mais adiante, confessa: “Tenho vontade de um dia, se Deus deixar, compor o Amoroso Tratado dos Doces de Calda”.

¹⁹ É a crônica de “semi-despedida” de *Pulso*, como definiu o autor. “De *Pulso* definitivamente não desgarro”. Ele explicou aos leitores que estava interrompendo o encontro quinzenal, “até quando nem sei”, porque estava com compromissos excessivos, e precisava empregar o tempo “na terminação de um livro”, mas de contos longos. Ele ressaltou que pretendia retomar a colaboração: “provável fácil é que retorne, como dito, mais tarde”. Ele estava finalizando o livro de novelas *Estas estórias*, que saiu em edição póstuma. Crônica publicada em *Pulso* em 29/7/1967. Disponível para consulta no acervo: JGR -R-21 03,26 IEB-USP.

periódico 17 anos depois, em meio à repercussão de *Sagarana*, publicado em abril de 1946. Justamente um ano depois, em abril de 1947, Rosa reestreeja na imprensa em duas publicações conceituadas. Publica o conto “São Marcos”, de *Sagarana*, na revista *Vamos Lêr!*, editada pelo escritor Raimundo Magalhães Júnior. A crônica inédita “História de fadas”, no *Correio da Manhã*, em que divide uma página com o poeta modernista Augusto Frederico Schmidt, o crítico de arte Mario Pedrosa e o jornalista José Cesar Borba.

Mas qual a razão do hiato de 17 anos entre as publicações nos periódicos? A pesquisadora Ana Luiza Martins Costa salienta que no intervalo de dez anos entre a publicação de *Sagarana* e de *Corpo de baile e Grande sertão: veredas* (ambos de 1956), Rosa não ficou sem publicar. Ao contrário, durante o período de elaboração dessas suas obras de maior fôlego, o escritor fez várias viagens de documentação, recolhendo elementos para suas histórias, incluindo uma expedição ao Pantanal e uma temporada na Embaixada do Brasil na França:

Além de tomar notas *in loco* e depois copiá-las e recopiá-las diversas vezes, datilografando-as integralmente ou apenas algumas de suas passagens, Rosa também produziu vários escritos – relatos de viagem, pequenos contos, diários e outras peças de difícil classificação –, não só a partir das cadernetas mas também dos diários. Se alguns foram deixados inacabados (como as “Notas da grande excursão a Minas”, “Com o vaqueiro Boca-de-fogo”, “A saída” e “A boiada”), ou ficaram descansando por um tempo (como “Mecheú” e “Meu tio o lauaretê”). (COSTA, 2002, p. 62).

Segundo a pesquisadora, a maior parcela dessas anotações transformou-se em contos e crônicas publicados no período de 1947 a 1954. Poucos anos após o lançamento de *Corpo de baile e Grande sertão*, em 1961, Rosa se tornaria colunista semanal de *O Globo*, onde publicou 34 histórias curtas inéditas de janeiro a agosto.

É singular que textos de Guimarães Rosa considerados obras-primas tenham circulado previamente em jornais ou revistas, para somente depois ganhar as páginas nobres dos livros. Os dois exemplos mais eloquentes são: “A terceira margem do rio” e “Meu tio, o lauaretê”.

O drama do homem que abandona a família para viver em uma canoa no meio do rio, subindo e descendo infundavelmente o caminho das águas, estreou no jornal *O Globo*, no dia 15 de abril de 1961, para um ano depois ser incorporado a *Primeiras estórias*. Obra tão celebrada veio a público em um espaço apertado do jornal: espremida ao lado esquerdo da coluna *Porta de livraria*, de Antonio Olinto, na página 10. O pitoresco é que dado o espaço insuficiente, o final do conto vem publicado na página anterior (9), conforme reprodução no Anexo.

O embaixador Marcos Azambuja, que conviveu com Rosa no Itamaraty na década de 60, emocionou-se quando se viu diante de uma obra dessa magnitude no meio de um jornal diário. “A primeira vez que eu li ‘A terceira margem do rio’ me dei conta de que estava diante de uma coisa em o que folclórico, o regional, o circunstancial não tinham nada a ver. Eu estava diante de um clássico”.²⁰

Já o célebre conto em que um homem metamorfoseia-se em onça veio a público primeiro na revista *Senhor*, em março de 1961, para depois ser incluído no livro póstumo *Estas estórias*. O mesmo ocorreu com a maioria dos contos de *Primeiras estórias*, alguns aclamados pela crítica, como o pungente “Sôroco, sua mãe, sua filha”, o metafísico “O Espelho”, o sobrenatural “A menina de lá”, o conturbado “Os irmãos Dagobé”.

É ainda revelador que antes de optar pelo nome definitivo *Ave, palavra* – para o livro que reuniria a maioria das histórias publicadas em jornais e revistas – Rosa tenha cogitado intitulá-lo *Reportagens* (ROSA, 2009)²¹. É o livro que mais aproxima o autor do jornalismo no sentido estrito do termo, de produção de textos – muitos de não-ficção - para publicação na imprensa. Era considerado por Rosa uma “miscelânea” para caracterizar a “despretensão”

²⁰ Depoimento para esta pesquisa gravado em sua residência, no Rio de Janeiro, em 17/12/2018.

²¹ Paulo Rónai conta na apresentação de *Ave, palavra* que ao receber os originais, encontrou uma “Tabuleta” com uma relação de 13 possíveis títulos: *Azulejos amarelos, Conversas com tempo, Sortidos e retalhos, Desconexões, Via e viagens, Contravazios, Moxinifada, Almanaque, Poemas do esporádico, Exercícios de saudade, Meias-estórias e Oficina aberta*. A escolha de *Ave, palavra* foi de Rosa, embora o livro tenha saído postumamente. RÓNAI, Paulo. Nota à primeira edição. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*, 2009.

com que apresentava as notas de viagem, diários, poesias, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações.²²

O livro é formado por 55 contos, crônicas, poemas e um ensaio: “Pé-duro, chapéu-de-couro”. A versão inicial tinha 37 histórias, mas o autor estava retrabalhando outras nove. Ao fim do trabalho de organização e edição, Paulo Rónai acrescentou 13 textos, além de um pequeno livro que Rosa planejava publicar em um volume separado, *Jardins e riachinhos*, que reuniu cinco crônicas: “Jardim fechado”, “O riachinho Sirimim”, “Recados do Sirimim”, “Mais meu Sirimim” e “As garças”.²³

O segundo volume com maior número de textos publicados antes em periódicos é *Tutameia (Terceiras estórias)*. A quase totalidade do livro nasceu das histórias publicadas entre 1965 e 1967 no jornal médico *Pulso*, com exceção de quatro. Dentre as exceções, três histórias vieram de *O Globo*: “Nós, os temulentos”, “Melim-meloso” e “Hipotréllico”. A quarta exceção é a crônica “Risada e meia”, publicada em *Letras e Artes*, que acabou incorporada ao prefácio *Aletria e Hermenêutica*.²⁴

A terceira obra a reunir o maior número de textos publicados na imprensa é *Primeiras estórias*, onde 16 dos 21 contos saíram primeiro em jornais e revistas. Por último, vem o volume póstumo *Estas estórias*, no qual quatro dos nove contos circularam primeiro em periódicos.

A seguir, fazemos uma breve apresentação individual dos 18 veículos onde Guimarães Rosa publicou no período de 1947 a 1967. As fontes dos dados históricos relativos aos periódicos são o Centro de Pesquisa e

²² “Tudo o que aliado à variedade temática de alguns poemas dramáticos e textos filosóficos, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica em jornais e revistas brasileiros, durante o período de 1947 a 1967”. RÓNAI, Paulo. Nota à primeira edição. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*, 2009.

²³ Os nove textos que estavam sendo lapidados pelo autor: “Histórias de fadas”, “O porco e seu espírito”, “Sem tangência”, “Quemadmodum”, “Cartas na mesa”, “Novas coisas de poesia”, “Sempre coisas de poesia”, “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)” e “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)”. Havia quatro inéditos: “Do diário em Paris II”, “Grande louvação pastoril à linda Lygia Maria”, “Quando coisas de poesia e Coisas de poesia”. (RÓNAI, Paulo. *Ave, palavra*. Nota à primeira edição, 2009).

²⁴ Ainda sobre *Tutameia*, quatro textos publicados em *Pulso* foram reunidos no prefácio “Sobre a escova e a dúvida”. São eles: “Sobre os planaltos”, “Caderno do Zito”, “Inteireza/incessância” e “Transtempo”.

Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.²⁵

1.1.1 O Cruzeiro: 1929-1930, 1961²⁶

Principal revista ilustrada do Brasil, que teve seu apogeu nos anos 1930 a 1960, *O Cruzeiro* foi o carro-chefe do grupo *Diários Associados*, fundado pelo político e empresário Assis Chateaubriand. Foi o primeiro grande conglomerado de comunicação do país, que chegou a contabilizar 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão – dentre as quais, a *TV Tupi*.

Circulou semanalmente de 1928 a 1985, mas seu ocaso teve início nos anos 70, a partir da morte de Chateaubriand, em 1968. A revista revolucionou o mercado editorial brasileiro ao criar e ditar padrões, além de ter influenciado fortemente a opinião pública nacional, conforme o posicionamento político de Chateaubriand.²⁷

Como mostramos no capítulo anterior, Guimarães Rosa publicou suas primeiras histórias em *O Cruzeiro* aos 21 anos, ao participar do primeiro concurso literário da publicação, que venceu com os quatro contos enviados.²⁸ Em segundo lugar ficou o escritor e historiador Nelson Werneck Sodré (1911-1999), com *Satânia*. O concurso foi lançado por Chateaubriand para promover a revista e descobrir novos talentos na literatura. O prêmio em dinheiro era

²⁵ Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <04http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 06 fev. 2019.

²⁶ Ao lado dos títulos dos periódicos, informo os anos da colaboração de Guimarães Rosa com o veículo.

²⁷ Fontes: CPDOC e Biblioteca Nacional, disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acessado em: 06 fev. 2019.

²⁸ “O mistério de Highmore Hall”, “Chronos kai Anagke (Tempo e destino) - a mais extraordinária história de xadrez já explicada aos adeptos e não-adeptos do tabuleiro”, “Caçadores de camurças” e “Makiné – este publicado em O Jornal, outro veículo do grupo”.

insignificante, só compensado pelo prestígio de publicar nas páginas de *O Cruzeiro*.²⁹

Em meados dos anos 1930, para romper com o provincianismo da publicação, Chateaubriand convidou Dario de Almeida Magalhães para acumular a diretoria geral dos *Diários Associados* e a presidência de *O Cruzeiro*. Ele começava a dar uma “nova cara a seus jornais e revistas”. É quando começam a aparecer nas páginas das publicações nomes como Manuel Bandeira, Graça Aranha, Viriato Correia e jornalistas como David Nasser e, pouco tempo depois, Millôr Fernandes, Carlos Castello Branco e Frederico Chateaubriand, o “Freddy”, filho de Oswaldo Chateaubriand e um dos grandes responsáveis pela transformação de *O Cruzeiro* em uma das mais importantes revistas do Brasil no século XX.³⁰

Rosa ainda publicaria em *O Cruzeiro* um texto encomendado pelo amigo e editor João Condé – titular da famosa coluna literária Arquivos Implacáveis – para integrar o romance policial coletivo *O mistério dos MMM*, com ilustrações de Percy Deane. Ele assinou o sétimo de uma série de dez capítulos iniciada em outubro de 1961 e encerrada em dezembro.³¹

²⁹ “O pífio prêmio em dinheiro que era oferecido ao vencedor – cem mil-réis – era uma insignificância mesmo para os padrões da época. Mas a verdadeira consagração dos dez primeiros classificados estaria em ver seus trabalhos publicados na revista, ilustrados pelos artistas mais renomados da casa, todos laureados com medalhas de ouro em salões europeus: Marques Júnior, Henrique Cavalleiro, Carlos Chambelland e Oswaldo Teixeira”. Mais de 400 trabalhos chegaram à redação. MORAIS, Fernando. Chatô. 2011 Kindle, posição 3864/3870.

³⁰ MORAIS, Fernando. Chatô, versão para Kindle, 2011 posição 7152.

³¹ O texto de Rosa saiu em 16/12/1961, ocupando cinco páginas. Na sequência, viria o capítulo assinado por Antônio Callado. Todos os autores do romance coletivo: Viriato Correa (capítulo 1), Dinah Silveira de Queiroz (2), Lúcio Cardoso (3), Herberto Salles (4), Jorge Amado (5), José Condé (6), Antonio Callado (8), Orígenes Lessa (9) e Rachel de Queiroz (10). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/133983>>. Acessado em 06 fev. 2018

1.1.2 O Jornal: 1930, 1952

Ao mesmo tempo em que estreava nas páginas de *O Cruzeiro*, Rosa publicou um conto em outro veículo de prestígio dos *Diários Associados*: em 9 de fevereiro de 1930 o caderno de variedades “Suplemento – “De tudo um pouco”, de cultura e temas femininos, estampou na capa o conto “Makiné”³², publicado em três páginas, com ilustração de Carlos Chambelland. Era a estreia do suplemento, que circularia aos domingos.

Mais de vinte anos depois, em 1952, Rosa publicaria no mesmo periódico “Pé-duro, chapéu-de-couro – Mensagem da ordem do vaqueiro”³³, relato ensaístico da incursão com Assis Chateaubriand ao sertão da Bahia para uma vaquejada em homenagem ao então presidente Getúlio Vargas (1882-1954). O ensaio estampou no dia 28/12/1952 a capa do caderno *Revista*, suplemento de cultura e variedades que circulava aos domingos.

Rosa havia sido convidado por Chateaubriand para uma vaquejada em Caldas do Cipó, onde também haveria a inauguração solene do Grande Hotel Caldas do Cipó, “a excelente Estação balneária baiana” de águas termais. O resultado de mais uma incursão do escritor no mundo dos vaqueiros resultou nesse ensaio, uma releitura de *Os Sertões*, à luz de suas viagens a Minas, em maio, e à Bahia, em junho.

Lançado em 17 de junho de 1919 no Rio de Janeiro, *O Jornal* foi comprado por Assis Chateaubriand em 1924, tornando-se o primeiro veículo do futuro império dos *Diários Associados*. Só perdia em importância para a revista *O Cruzeiro*, que seria lançada em 1928. Sobreviveu até 1974.³⁴

O Jornal tinha tradição de apoio a governos. Apoiou Getúlio Vargas após o golpe de 1937. Com a redemocratização, Chateaubriand abraçou a

³² Makiné. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/614?pesq=Makiné> Acessado em 08 fev. 2018.

³³ Pé-duro, chapéu-de-couro – Mensagem da ordem do vaqueiro. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/18727?pesq=vaquejada> Acessado em 08 fev. 2018.

³⁴ O Jornal. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>> Acessado em 08 fev. 2018.

candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, mas apoiou o governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, que saiu vitorioso do pleito.

Austregésilo de Athayde (1898-1993), presidente da Academia Brasileira de Letras de 1959 até 1993, foi diretor e editorialista do veículo. O eterno presidente da ABL foi também editor-chefe do *Diário da Noite* e colunista de *O Cruzeiro*, tendo permanecido no grupo após a morte de Chateaubriand, quando se tornou associado do condomínio dos *Diários Associados*.

1.1.3 Vamos Lêr! - 1947

Depois de um hiato de 17 anos, o nome de Guimarães Rosa volta aos periódicos em 1947, na esteira do sucesso de *Sagarana*, lançado havia um ano. Em abril daquele ano, o escritor publica o conto “São Marcos”³⁵, que faz parte de *Sagarana*, na revista *Vamos Lêr!*

A revista tinha enorme prestígio entre a elite intelectual. Era um periódico de variedades, publicado aos sábados, que circulou de 1936 a 1948, e tinha como diretores Gil Pereira e Almerio Ramos. Era vinculada ao grupo do diário vespertino *A Noite*, fundado por vários jornalistas – entre eles, Irineu Marinho, que deixou a direção da *Gazeta de Notícias*. Mais tarde, Marinho fundaria o jornal *O Globo*. *A Noite* circulou de 1911 até 1957.³⁶

Vamos Lêr! era editada pelo escritor cearense Raimundo Magalhães Júnior, que em 1956 seria eleito para a Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Dom Aquino Correia. Curiosamente, o nome de Guimarães Rosa havia sido aventado para aquela disputa. Mas segundo nota publicada no jornal *Última Hora* (Rio de Janeiro, 27/3/1956), Rosa teria afirmado aos seus

³⁵ São Marcos.

Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/183245/28507?pesq="São%20Marcos.>](http://memoria.bn.br/DocReader/183245/28507?pesq=)
Acessado em 10 fev. 2018.

³⁶ *A Noite*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a.>>
Acessado em 10 fev. 2018.

interlocutores que não concorreria a uma vaga. Quando chegasse o momento, queria ser apresentado como candidato de todos, sem luta.³⁷

1.1.4 Correio da Manhã: 1947-1957

Também em abril de 1947, Rosa publicou a “crônica-fantasia” “Histórias de fadas”, no *Correio da Manhã*, o jornal de circulação nacional de maior prestígio naquela época. Era o veículo em que a elite intelectual assinava artigos, crônicas e textos de ficção. A seção literária era de responsabilidade do crítico Álvaro Lins, que subscreveria a primeira crítica aclamando a chegada de *Sagarana*, apenas uma semana após o lançamento da obra, em abril de 1946.³⁸

O *Correio da Manhã*, nos anos 50 e 60, reunia os baluartes da cultura brasileira nos campos político, cultural e jornalístico. Além de Álvaro Lins, o jornal ainda contava em seu time com Rui Barbosa, José Veríssimo, Coelho Neto, Arthur Azevedo, Carlos de Laet, Graciliano Ramos, Carlos Lacerda, Franklin de Oliveira, Antônio Callado, Rubem Braga, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Luis Alberto Bahia, Nelson Rodrigues, Márcio Moreira Alves, Paulo Francis, Ferreira Gullar. O suplemento dominical *Quarto Caderno* era o concorrido espaço em que se publicavam artigos sobre política nacional e internacional, literatura, artes plásticas e filosofia.

Álvaro Lins levaria José Condé, seu amigo e conterrâneo, para o *Correio da Manhã*. Condé logo assumiria a coluna *Vida Literária*, que em 1952

³⁷ Rosa não concorreu em 1956, mas entrou no pleito em 1958, dois anos depois, para tentar a vaga deixada por José Lins do Rego, mas perdeu para Afonso Arinos de Melo Franco, em episódio ao qual voltaremos neste trabalho. Ele seria finalmente eleito, por unanimidade, em 1963, para a cadeira de João Neves da Fontoura, seu amigo e chefe no Itamaraty.

³⁸ O artigo “Uma grande estreia” foi publicado na coluna de Álvaro Lins, *Jornal de Crítica no Correio da Manhã*, em 12 de abril de 1946.

passou a se chamar *Escritores e Livros*, com notas sobre lançamentos e trabalhos em andamento dos autores.

Álvaro fora precedido no jornal por outro gigante da crítica literária, José Veríssimo, que publicou em dezembro de 1902 o artigo que consagrou *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, lançado naquele ano. A redação ocupava o prédio na rua do Ouvidor, onde antes funcionava *A Imprensa*, de Ruy Barbosa, e tinha como redator-chefe Leão Veloso Filho, e na secretaria Heitor Melo.

A crônica “História de fadas” é uma narrativa fantasiosa sobre o transporte de 15 colibris num voo experimental de Recife para Copenhague, para que os pássaros fossem expostos em um zoológico da capital dinamarquesa. Em meio a aventura, depois de sofrerem com o frio e outras intercorrências, 11 pássaros chegam ao destino final.

O texto estimulou uma troca de correspondência entre Rosa e o tio Vicente Guimarães, que discordou de alguns trechos³⁹. Rosa ponderou que o tio leu “muito rápida e superficialmente” o texto. “Você notará que esses trechos, bem curtos, são, apenas, uma nota intencionalmente arcaica, estritamente nos moldes da fala e escrita dos nossos avós portugueses, na época dos grandes descobrimentos e das viagens marítimas”. Menciona, por fim, que o professor e historiador português Jaime Cortesão foi ao Itamaraty justamente felicitá-lo pela obra.

Serão oito publicações de Rosa no *Correio*, sendo duas relativas à então recente viagem ao Pantanal, em julho de 1947: “Sanga Puytã”, o relato da aventura relativa ao percurso do caminho inverso da Retirada da Laguna, na Guerra do Paraguai: de Aquidauana até Pedro Juan Caballero, no Paraguai, publicada em agosto; e “Com o vaqueiro Mariano”, publicada em três capítulos: outubro de 1947 e fevereiro e março de 1948.

Publica ainda “Cidade”, “O mau humor de Wotan” e “A senhora dos segredos”, até 1952. Depois de um intervalo de cinco anos, publica mais dois

³⁹ Em seu livro de memórias sobre Guimarães Rosa, Vicente registra que nessa crônica, o autor iniciava “o estilo que o consagrou”. Mas que “tomado de surpresa, sem a necessária preparação”, assustou-se quando a leu pela primeira vez e discordou de trechos “duros e complicados”, que obrigam os leitores a lê-los “duas vezes para compreendê-los”, além de frases construídas com “grande artificialismo”. (GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho – Infância de João Guimarães Rosa*, 1972, p. 130-131)

textos no periódico, em 1957: “Ao Pantanal”, sobre a excursão ao Mato Grosso de 1947, mas que havia saído pela primeira vez no *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, em 1953 e “Aquário (Nápoles)”, que publicara antes no Suplemento *Letras e Artes* em 1954.

Fundado pelo advogado Edmundo Bittencourt, o *Correio da Manhã* circulou de 1901 a 1974, e foi “durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um jornal de opinião: ⁴⁰

O jornal surgiu para defender os interesses do povo. Fez uma oposição dura ao Estado Novo, ao regime militar e sobreviveu até 1974 “um aparelho economicamente independente e rigorosamente brasileiro, um grupo de auxiliares cheios de fé e de bravura pessoal”. (SODRÉ, 1999, p. 286)

O *Correio* notabilizou-se, especialmente, pela dura oposição ao Estado Novo, contando no time do jornal com Carlos Lacerda, maior opositor de Getúlio Vargas. Quando Juscelino Kubitschek foi eleito em 1955, e a UDN criou uma crise para impedir a sua posse, o *Correio* publicou duros editoriais – redigidos por Álvaro Lins – exortando a soberania das urnas e a legalidade institucional para defender a legitimidade da posse de Juscelino.

Com a morte do diretor do jornal, Paulo Bittencourt, em 1963, sua segunda esposa, Niomar Muniz Sodré Bittencourt, assumiu a direção. Ela chegou a ser presa no auge da ditadura militar. Na vigência do AI 5 foi presa com Osvaldo Peralva e Néelson Batista, membros da direção do jornal, que foi censurado.

⁴⁰ Os dados históricos sobre o *Correio da Manhã* foram extraídos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV) e de História da Imprensa Brasileira, de Nelson Werneck Sodré.

1.1.5 Seleções Reader's Digest: 1951

A pesquisadora Ana Luiza Martins Costa (2002) observa que após as colaborações a periódicos em 1947 e 1948, Rosa faz um intervalo de três anos, período em que vai servir na Embaixada do Brasil em Paris. Ele retorna ao Brasil em março de 1951, quando reassume a chefia de gabinete de João Neves da Fontoura, agora chanceler do governo Getúlio Vargas:

O escritor não publicou nenhum texto inédito durante sua estadia em Paris – período consagrado a leituras, estudos, viagens e escritos pessoais –, nem após maio de 1954 e durante todo o ano de 1955, dedicados integralmente à redação e finalização de *Corpo de baile e Grande sertão: veredas*. (COSTA, 2002, p. 206).

Mas tão logo desembarcou no Brasil, em agosto de 1951, retoma as colaborações e publicou “O lago do Itamaraty” na contracapa de *Seleções*, espaço nobre da revista. A crônica, publicada no livro *Ave, palavra*, é uma descrição do prédio centenário do velho Itamaraty, no Rio de Janeiro, e do lago que o adorna⁴¹.

Na crônica, Rosa lembra que o local foi palco do baile de 1870, oferecido ao Conde d'Eu, pela oficialidade da guarda Nacional da Corte, para celebrar o fim da Guerra do Paraguai. Ele descreve assim o lago: “seu tom é o baio verde fluvial, mais um soverde, das águas de leito firme. Daí muda pouco, segundo o sujo e o céu. Abriga peixes, uma pequena fauna de bem-te-vis, pardais e rolinhas, além dos cisnes brancos e pretos”.

Fundada em 1922 em Nova York, nos Estados Unidos, a *Reader's Digest* apresenta-se como a revista “mais lida do mundo”. A publicação chegou ao Brasil na década de 1940, com o nome de *Seleções*. A primeira edição em português esgotou rapidamente com 100 mil exemplares vendidos em várias cidades e, em menos de seis meses, a circulação chegou a 150 mil exemplares. No início dos anos 70, a tiragem de *Seleções* atingia a casa dos 500 mil.

⁴¹ Uma cópia da crônica se encontra no acervo: JGR-M-11,24 IEB-USP, ainda não há versão digitalizada.

1.1.6 Letras e Artes, suplemento de A Manhã: 1953-1954

Foi o período mais profícuo de publicação de Rosa em jornais, antes das colaborações sistemáticas para *O Globo* e *Pulso*: em 14 meses, de março de 1953 a maio de 1954, o escritor enviou 13 textos para o *Suplemento Letras e Artes* do jornal *A Manhã*. Era o mais prestigiado caderno de literatura e outras artes em circulação naqueles anos.

Em uma passagem de seus diários, o escritor Josué Montello, amigo de Guimarães Rosa, relata que estava folheando sua coleção dos suplementos, quando parou para refletir sobre a qualidade da obra do autor de *Sagarana* (1946) naquele espaço:

Passo boa tarde da noite com a coleção de Letras e Artes, na fase de Jorge Lacerda. À medida que repasso cada número, dou com amigos e companheiros mortos como Alceu Marinho Rego e Guimarães Rosa. O Rosa dessa fase é bem diferente do Rosa que explodiria no Grande Sertão: veredas. Está a pedir quem o estude, com espírito de pesquisa universitária; para dali extrair uma tese de concurso ou de doutorado, demarcando a transição de sua prosa — do processo tradicional de escrita em língua portuguesa, para o modo novo de escrever, que constituiu a força e a originalidade do escritor. (MONTELLO, 1998, p. 311).

O suplemento era editado pelo jornalista e político Jorge Lacerda (1915-1958), fundador do caderno que circulou de 1946 a 1954. Antes de se dedicar ao jornalismo, Lacerda estava mergulhado na política, como líder influente do movimento integralista no Sul. Foi governador de Santa Catarina de 1956 a 1958, quando morreu vítima de um acidente aéreo nas proximidades de Curitiba, junto com o senador e ex-presidente da República Nereu Ramos.

Em uma crônica sobre Jorge Lacerda, após sua morte, o poeta Manuel Bandeira afirmou que *Letras e Artes* foi um dos “mais artísticos” suplementos literários da imprensa carioca daqueles tempos. O apelido de Lacerda era *El Greco*, porque ele era de origem grega, e preferiu aporuguesar o sobrenome original *Lakerdis*. “Toda semana vinha Jorge à minha casa buscar colaboração, conselhos e sugestões. Partiu dele a ideia de eu fazer uma antologia de sonetos da língua portuguesa, um soneto por semana tomando a

última página do suplemento e ilustrado por Santa Rosa.” (BANDEIRA, 1966, p. 313)

A *Manhã* foi fundado em 1941 para defender o Estado Novo implantado por Getúlio Vargas. Tinha à frente escritores consagrados, expoentes do movimento modernista, como Cassiano Ricardo, editor-chefe, autor de *Martim Cererê*, politicamente alinhado com Getúlio, e Menotti del Picchia. O jornal circulou até 1953, mas o suplemento ganhou sobrevida de mais um ano.⁴²

Cassiano Ricardo tinha autonomia para escolher seu time, e além de Menotti del Picchia, escalou Jorge Lacerda como auxiliar de direção, Barros Vidal como secretário, Leopoldo Aires, Ribeiro Couto, Cecília Meirelles e Múcio Leão. Afonso Arinos de Melo Franco, José Lins do Rego, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes eram colaboradores fixos. Antes de Lacerda dirigir *Letras e Artes*, Múcio Leão era responsável pelo suplemento *Autores e Livros*, que constituiu uma “verdadeira história da literatura brasileira, com excelente documentação iconográfica”.

Os primeiros textos enviados por Rosa para o suplemento eram repetidos. “A senhora dos segredos” havia sido publicados três meses antes no *Correio da Manhã*. “Cipango” – uma visita a uma comunidade japonesa durante a viagem de 1947 ao Pantanal – havia saído dois meses antes na *Folha da Manhã* (SP). A partir do terceiro texto – “Teatrinho” – Rosa emplaca uma sequência de textos inéditos, que ele não enviaria para outros periódicos, como o nonsense “A chegada de Subles” e a crônica “O homem de Santa Helena”.

⁴² Os dados históricos sobre o jornal *A Manhã* foram extraídos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV).

1.1.7 Diário de Minas: 1953

Num período em que publicou mais de uma dezena de contos em jornais do Rio de Janeiro – os mais importantes, já que a cidade era a capital do país -, Rosa diversificou encaminhando histórias para Minas Gerais e São Paulo.

Ele publica primeiro no *Diário de Minas* o conto “Terrae vis”, em janeiro de 1953, que quatro meses depois seria republicado no suplemento *Letras e Artes de A Manhã*.

Também publica em abril de 1953 a crônica “Ao Pantanal” sobre a viagem a Mato Grosso em 1947. Essa história seria publicada mais duas vezes: em 1957 no *Correio da Manhã*, e em 1958 no *Jornal de Letras*.

Esse *Diário de Minas* que teve Rosa como breve colaborador foi a terceira versão de um periódico que circulou pela primeira vez entre 1866 e 1878 em Ouro Preto, então capital mineira. Após duas décadas de ausência, voltou a circular em 1899, em Belo Horizonte, nova capital do estado.

Nessa segunda versão, o jornal teve entre seus quadros um jovem Carlos Drummond de Andrade, que começou como colaborador, em 1921, sendo depois contratado como redator e finalmente promovido a editor-chefe. Sob o comando de Drummond, o *Diário de Minas* passou a dedicar uma página diária à produção literária, com destaque para o modernismo.

Drummond comandou o *Diário de Minas* até o seu fechamento, em 1931, decorrente da extinção dos partidos políticos promovida por Getúlio Vargas no ano interior – entre eles, o Partido Republicano Mineiro, ao qual o jornal era ligado.

O *Diário de Minas* só voltaria a circular 18 anos depois, em 1949, comprado pelo então prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima. Arrendado pelo Jornal do Brasil, nos anos 1960 e comprado por um grupo de comunicação, na década de 1970, acabou extinto em 1994, após ser temporariamente suspenso pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) devido à publicação de uma denúncia de desvio de recursos, não comprovada, contra o então candidato ao governo de Minas, Eduardo Azeredo.

1.1.8 Folha da Manhã (SP): 1953

Para a *Folha da Manhã* – que mais tarde se tornaria *Folha de S. Paulo* – Rosa encaminhou o conto “Cipango” para publicação em fevereiro daquele ano, então inédito, referente à excursão que fez ao Pantanal: a crônica relata uma visita a uma comunidade japonesa. O mesmo texto seria publicado dois meses depois no suplemento *Letras e Artes* de *A Manhã*, do Rio de Janeiro⁴³.

A *Folha da Manhã* foi criada em 1925 pelo mesmo grupo de jornalistas – liderado por Olival Costa e Pedro Cunha – que editava o vespertino *Folha da Noite*, fundado quatro anos antes para concorrer com o conservador *O Estado de S. Paulo*. Em 1949, as duas Folhas, agora sob o comando do advogado Nabantino Ramos e associados, ganharam um irmão mais novo, a *Folha da Tarde*.

Em 1960, por problemas financeiros, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite* passaram por uma fusão e deram origem à *Folha de S. Paulo* – que dois anos depois seria vendida aos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.

⁴³ Folha da Manhã. Disponível no acervo: IEB-USP JGR-R18.01,28

1.1.9 Manchete: 1957, 1967

Na revista *Manchete*, Rosa publicou a crônica “Aí está Minas: a mineiridade” (24/8/1957), depois incluída em *Ave, palavra* (1970), e o conto “Esses Lopes” (3/8/1967), aproveitado em *Tutameia* (1967). “Esses Lopes” também havia sido publicado em *Pulso*.

Na revista escrevia Pedro Bloch, médico, jornalista e escritor, amigo de Rosa. Em junho de 1963 conseguiu publicar uma entrevista com o título “não entrevista” com o amigo Guimarães Rosa. O texto será analisado no Capítulo 3, reservado às entrevistas concedidas pelo escritor.

A *Manchete* foi uma das mais importantes revistas brasileiras de sua época, perdendo apenas para *O Cruzeiro*. Foi publicada semanalmente entre 1952 e 2000, pela Bloch Editores. Inspirada na francesa *Paris Match*, tinha como forma de linguagem o fotojornalismo. Entre seus colaboradores, nomes como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Guilherme Figueiredo, Otto Maria Carpeaux, Lígia Fagundes Teles e Davi Nasser.

Tudo começou quando os irmãos Bloch – os gráficos Adolfo, Bóris, Arnaldo e Oscar – decidiram deixar a Ucrânia, para escapar da Revolução Russa. Chegando ao Brasil, em 1922, os irmãos retomaram a atividade profissional, passando a imprimir cartazes, folhetos e embalagens. O negócio prosperou, até que em 1952 Adolfo Bloch decidiu publicar uma revista ilustrada para concorrer com *O Cruzeiro*, dos *Diários Associados*.

Em julho de 1954, Otto Lara Resende assumiu o cargo de diretor de redação. A partir do mês seguinte, a revista teve cinco edições seguidas completamente esgotadas, por conta da cobertura do atentado contra Carlos Lacerda. A edição 122, a segunda a abordar o assunto, revelou o envolvimento do chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, Gregório Fortunato, no crime.

O número seguinte já tinha 82 mil capas rodadas, com a foto do brigadeiro Eduardo Gomes, quando Getúlio Vargas se suicidou, em 24 de

agosto de 1954. A edição foi imediatamente refeita, trazendo uma grande reportagem sobre a vida e a morte do presidente.

Manchete apoiou com entusiasmo o novo governo, de Juscelino Kubitscheck. Adolfo Bloch chegou a imprimir 20 mil cartazes com o slogan “50 anos em 5”, marca registrada dos anos JK. Em 1958 a revista editou um número especial mostrando, de forma positiva, a construção de Brasília, e tornou-se o primeiro veículo a instalar uma sucursal na nova capital, ainda durante as obras. Na inauguração de Brasília, os 760 mil exemplares da revista se esgotaram em 48 horas.

Quando João Goulart foi deposto, pelo golpe militar de 31 de março de 1964, *Manchete* foi a única revista a publicar a foto do presidente, no momento em que ele deixava o Rio de Janeiro. Com a falência da Bloch Editores, a revista deixou de circular em 2000.

1.1.10 Jornal de Letras: 1958

Fundado pelos três irmãos Condé – Elysio, João e José -, o *Jornal de Letras*, de circulação mensal, estreou em julho de 1949 com uma pensata de Álvaro Lins e um poema de Augusto Frederico Schmidt na primeira página. O editorial⁴⁴ explica que apesar da amplitude da palavra “Letras”, o foco do jornal é a literatura propriamente dita. O editorial diz que o veículo se volta aos leitores que “amem e compreendam, um ou outro, aquilo que os franceses chamam de “a coisa literária”.

Apesar da amizade com os irmãos José e João, Rosa publicou um único texto no periódico, e repetido pela terceira vez. A crônica de viagem “Ao Pantanal”, o roteiro sobre a incursão ao Mato Grosso em 1947, foi publicado na edição de janeiro de 1958, página 8. A obra foi publicada pela primeira vez em 1953 no Diário de Minas, e pela segunda vez em 1957 no Correio da Manhã.

Cabia a Elysio, o mais velho dos irmãos, a direção do jornal. José Condé, paralelamente, assinava a coluna *Vida Literária* no *Correio da Manhã*, enquanto João estava à frente dos consagrados *Arquivos Implacáveis*. O *Jornal de Letras* circulou até 1973, e chegou até Portugal⁴⁵.

⁴⁴ Jornal de Letras. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/111325/1?pesq=Lins.>> Acessado em 12 fev. 2019.

⁴⁵ Ao Jornal do Commercio de Recife, Elysio Condé disse que o Jornal de Letras era tão lido em Portugal quanto no Brasil. Mesmo em dificuldades financeiras, três mil exemplares eram enviados mensalmente para aquele país desde 1957. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/149322/1838>> Acessado em 12 mar. 2018.

1.1.11 Senhor: 1960-1962

A convite do fundador da revista, Nahum Sirotsky, e do editor-assistente, Paulo Francis, Guimarães Rosa começou uma colaboração fixa para a revista *Senhor* que se estendeu de 1960 a 1962.

Rosa enviou sete textos para a publicação, que despontou como referência do jornalismo cultural naqueles anos. A colaboração era esporádica: o primeiro texto enviado foi “A simples e exata história do burrinho do comandante”, em abril de 1960. Um ano depois, em março de 1961, publicou o antológico “Meu tio o lauretê”.

A revista estreou em 1959 e circulou até 1964. Na seção de Literatura, o corpo de colaboradores não era fixo, podendo ser encontrados em suas páginas artigos, contos ou poemas de alguns dos nomes mais expressivos da cultura brasileira, tais como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Anísio Teixeira, Reinaldo Jardim, Flávio Rangel, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Ênio Silveira, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Oto Maria Carpeaux, Paulo Emílio Sales Gomes, Orígenes Lessa, Newton Carlos, Alex Vianny, Carlos Lacerda, Celso Furtado, Armando Nogueira, Antônio Houaiss, José Guilherme Merquior, entre muitos outros.

Eram também publicados, a cada número, contos e novelas de consagrados nomes da literatura mundial, como Leon Tolstói, William Faulkner, Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald e Albert Camus, entre outros.

Paulo Francis e Luís Lobo eram os editores-assistentes, enquanto o time de redatores incluía Adirson Barros, Ivan Lessa, Glauco Rodrigues e Jaguar. Em agosto de 1961, a direção da revista passou às mãos de Odilo Costa Filho, que, no entanto, foi substituído meses depois por Reinaldo Jardim. A revista chegou ao fim com a saída de Paulo Francis em 1964.

1.1.12 O Globo: 1961

Entre janeiro e agosto de 1961, Rosa publicou 34 histórias em *O Globo*, no espaço intitulado “Guimarães Rosa conta”, que era publicado ao lado da prestigiada coluna *Porta de Livraria*, de notas literárias, do jornalista e escritor Antonio Olinto (2019-2009). Desses textos, 12 farão parte de *Primeiras estórias* (1962), 19 de *Ave, Palavra* (1970) e dois de *Tutameia* (1967).⁴⁶

Rosa estava entusiasmado com a missão, conforme se depreende da carta que enviou ao amigo e escritor Paulo Dantas, contando a novidade: “Desde o dia 7 de janeiro último estou com uma secçãozinha no *O Globo*, aos sábados, no segundo caderno, *na Porta de Livraria* do Antonio Olinto. Vocês aí não leem *O Globo*? Coisas variadas, às vezes dá até sertão. Vá lendo quando for possível”. (DANTAS, 1975)

O jornalista Argeu Affonso⁴⁷, contemporâneo de Guimarães Rosa na redação de *O Globo*, relembra-se que o *Segundo Caderno* era uma “entidade à parte”, sob a responsabilidade direta de Ricardo Marinho, irmão de Roberto Marinho. Cabia a Ricardo contratar e supervisionar os colunistas, bem como editar o suplemento. Apesar das colaborações ilustres de Olinto, Rosa e Drummond, Affonso lamenta que o caderno não recebia a merecida atenção: “como era um caderno voltado mais a reportagens e fotos compradas de agências estrangeiras, horóscopo, rádio (depois, tevê), diversões (teatro, cinema, concertos, shows), artigos sobre medicina do dia a dia (comprados da Clínica Mayo, dos Estados Unidos, famosa à época), era infelizmente tratado com algum desinteresse, o que depois veríamos ser completamente infundado.” Ele se recorda de que, apesar da coluna semanal, aos sábados,

⁴⁶ Procuramos o Centro de Documentação de *O Globo* em busca de informações do contrato do jornal com Guimarães Rosa, inclusive para saber o valor da remuneração. Mas a resposta encaminhada por e-mail pela supervisora executiva do Acervo Roberto Marinho/TV Globo, em 15/1/2019, foi de que o documento não foi localizado. A avaliação do órgão é de que nos anos 60, as colaborações eram feitas informalmente, por contratos verbais travados por Ricardo Marinho diretamente com os colunistas do Segundo Caderno.

⁴⁷ Depoimento de Argeu Affonso, 88 anos, para esta pesquisa por e-mail, encaminhado em 10/5/2018. Ele começou a trabalhar em *O Globo* em 1956, passou pelas editorias de Política, Esportes, Educação e Geral, e em 1977 foi promovido a secretário de redação.

Guimarães Rosa era visto como um “colaborador bissexto”, e mais como diplomata do que escritor celebrado internacionalmente. “Era mais reverenciado por nós como um diplomata com grandes serviços prestados durante a guerra, do que como um escritor de méritos”, lamentou. “Tempos depois, já com a responsabilidade de secretário-geral da redação, entendi o que desperdiçara de um convívio que seria altamente auspicioso”, completou.

Rosa estreou seus anagramas em poemas publicados em *O Globo*. Soares Guimar assina “Coisas de poesia” e “Outras coisas de poesia”. Meuriss Aragão, “Novas coisas de poesia”. E Sá Araújo Ségrim subscreve “Sempre coisas de poesia”. Atribui-se a descoberta desses heterônimos a Manuel Bandeira, e depois a Plínio Doyle em 1968. “Em meticulosa pesquisa em *O Globo*, comprovamos o pseudônimo certo e achamos os outros dois, Meuriss Aragão e Sá Araujo Segrin”. Doyle atenta para a “perfeição” dos três anagramas: “Soares Guimar, Meuriss Araujo e Sá Araujo Segrin” – os dois primeiros para Guimarães Rosa, e o último para J. Guimarães Rosa. (DOYLE, 1968, p.196, 213)

O Globo circulou pela primeira vez em 29 de julho de 1925. Foi fundado pelo jornalista Irineu Marinho, que havia perdido numa disputa societária o título do primeiro jornal que criara, o vespertino *A Noite*. Irineu Marinho ficou menos de um mês no comando do novo jornal: morreu no dia 21 de agosto do mesmo ano, aos 49 anos de idade. Em seu lugar, assumiu o jornalista baiano Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu. Com a morte de Eurycles, o comando passou às mãos do primogênito de Irineu, Roberto Marinho, que tinha 26 anos na época e ocupou o cargo de diretor-redator-chefe até sua morte, em 2003.

Na edição de 7 de janeiro de 1961, *O Globo* informou a estreia de dois ilustres colaboradores: “Drummond e Guimarães Rosa em O GLOBO”, em chamada de capa, ilustrada com fotos dos dois escritores. Rosa e Drummond escreveram simultaneamente em *O Globo*, bem como em *Pulso* e outras publicações, como detalharemos no capítulo seguinte.

1.1.13 Comentário: 1962

Rosa enviou o conto “Pirlimpsiquice” para a cultuada revista *Comentário*, uma publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação. O texto, inédito na ocasião, saiu no terceiro ano da revista, na edição relativa ao trimestre de julho a setembro de 1962, em seis páginas: 264-269.⁴⁸ No mesmo período, o escritor lançou o livro *Primeiras estórias (1962)*, no qual o conto foi incluído. A história narra a epopeia de garotos que encenariam a peça “Os filhos do Doutor Famoso” em um colégio dirigido por padres, mas intercorrências do destino levam a um desfecho imprevisível.

Produzida no Brasil entre 1960 e 1973, *Comentário* teve como proposta reproduzir a matriz americana, *Commentary*: incentivar o debate, a exposição de ideias, a crítica e a livre expressão. Entre os seus colaboradores estavam pensadores de diversas áreas do conhecimento, dedicados a refletir sobre a cultura nacional e internacional, música, teatro, literatura, política, história e antropologia. “Manteve na sua essência o perfil de um periódico de combate e resistência ao totalitarismo em prol de uma cultura de paz e dos direitos humanos”, afirma Taciana Wiazovski, autora da tese de doutorado sobre a publicação.⁴⁹

A revista tinha relevância entre a elite cultural, principalmente no ambiente acadêmico, e era frequentemente comparada à revista *Senhor*, para a qual Guimarães Rosa colaborava nesses anos. “A revista diferenciava-se da *Senhor*, uma vez que esta foi uma “grande representante do jornalismo cultural na imprensa brasileira” e *Comentário* parecia ser uma revista “mais

⁴⁸ Comentário. Disponível para consulta em JGR-R07,016, IEB/USP.

⁴⁹ WIAZOVSKI, T. Cultura em Comentário. Uma revista de Cultura e Resistência (1960-1973), 2011. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2011 – p. 61-62). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23102012-110151/pt-br.php>. Acessado em: 06 mar. 2018.

especializada no âmbito acadêmico, voltada para um leitor brasileiro culto”. Era lida por intelectuais judeus e não-judeus.⁵⁰

Comentário publicava crônicas, pensatas e resenhas de bastiões da cultura brasileira. O ensaísta e tradutor Paulo Rónai (1907-1992), amigo íntimo de Rosa, era o secretário de redação quando “Pirlimpsiquice” foi publicado. Ele foi secretário de redação do periódico de 1960 a 1962.

Judeu húngaro que se refugiou no Brasil em 1941, Rónai dava especial relevo aos temas relacionados ao horror nazista. Foi nesse contexto que reproduziu em uma das edições um trecho do então recente livro húngaro *Subleva-se o Túmulo*, sob o título de *No campo de Mulheres de Birkenau* da sra. Gabriel Vidor (Vidor Gáborné) que narra quinze anos depois as suas terríveis experiências. Rónai justificou a publicação como “oportuna e instrutiva” naquele momento em que se acompanhava o julgamento de Eichmann.⁵¹

Rosa compartilhava do mesmo sentimento de repúdio ao horror nazista, que leva a uma identificação emocional com a revista, além do prestígio intelectual e de ter o amigo refugiado judeu na direção da publicação.⁵²

A elite intelectual publicava na revista: Drummond, Manuel Bandeira, Pedro Bloch, Brito Broca, Osman Lins, Cecília Meirelles, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, para citar alguns, com páginas ilustradas por nomes como Candido Portinari e Lasar Segall. A revista recebia dinheiro da

⁵⁰ A comparação é de Lisette Pernidgi, esposa do advogado Joseph Eskenazi Pernidji (1920-2007), que foi diretor da revista no Brasil. Em WIAZOVSKI, T. *Cultura em Comentário. Uma revista de Cultura e Resistência (1960-1973)*, 2011. Tese (Doutorado), USP, 2011 – p. 79

⁵¹ Estudante de línguas latinas e autodidata no aprendizado de português, Paulo Rónai foi um dos amigos íntimos de Rosa. Em 1939, ele traduziu uma antologia de poesia brasileira moderna, quando conheceu o poeta e diplomata brasileiro Ruy Ribeiro Couto, que mais tarde o ajudou a escapar do nazismo vindo morar no Brasil em 1941, naturalizando-se brasileiro em 1945. WIAZOVSKI, T. *Cultura em Comentário. Uma revista de Cultura e Resistência*, p. 207-208)

⁵² O poeta Haroldo de Campos relembra um diálogo que travou com Rosa sobre o horror nazista durante o Congresso Internacional do Pen Club em junho de 1966 em Nova York. Em meio à conversa, ao falar sobre como Haroldo teria soltado o diabo em determinada obra, Rosa lhe disse: “o fascismo você não sabe, o fascismo é o demo. Porque eu sei, eu estive lá, eu sei que é o demo. Eu tive que lidar com os alemães para proteger refugiados judeus”. Rosa foi cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo de 1938 a 1942. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVTSZbWiyZA>> Acessado em: 06 mar. 2018.

comunidade judaica norte-americana (AJC), condição que fez a diferença para a sua sobrevivência por 13 anos no Brasil.

1.1.14 Cavalo Azul: 1963

Em 1963, Rosa encaminha o conto “As Garças” para publicação na revista literária *Cavalo Azul*, fundada pela poeta e tradutora Dora Ferreira da Silva (1918-2006), viúva havia pouco tempo do filósofo Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), com quem ficou casada por 23 anos.⁵³

Intelectuais e escritores frequentavam a casa de Dora e Vicente, que publicavam a revista *Diálogo*, interessados na divulgação de um pensamento crítico. O número 8 dessa revista foi todo dedicado a Guimarães Rosa. Eram cerca de 180 verbetes. Rosa prezou tanto a publicação que escreveu aos pais em 17/12/1957:

Não mandei ainda o prometido exemplar da revista *Diálogo*, o número especial, todo a meu respeito, porque só agora é que saiu. Por enquanto, só recebi, por via aérea, um exemplar de amostra. Fiquei contente, o número saiu magnífico, com artigos da maior importância.⁵⁴

Após a morte trágica de Vicente, num acidente de carro, Dora fundou a *Cavalo Azul*, revista que nos seus 12 números privilegiou a literatura, em especial a poesia.

Também publicado em *O Estado de S.Paulo*, “As garças” é um conto relevante: integraria o livro póstumo *Ave, palavra*, além de uma antologia de contos brasileiros publicada na Alemanha. Faz parte da série de cinco contos de “Jardins e riachinhos”: “Jardim fechado”, “O riachinho Sirimim”, “Recados do Sirimim”, “Mais meu Sirimim” e “As garças”. Na história, Rosa relata o cotidiano de um casal de garças que todos os anos aterrissava pontualmente no vale do Sirimim, no inverno. “Deviam estar em amores, quadra em que as penas se apuram e imaculam; e às quantas, se avisavam disso, meiga meiramente com o tão feio gazar”.

⁵³ Disponível para consulta em JGR-R08, 080 IEB-USP. Devem-se a Dora as primeiras traduções para o português da obra do psicólogo suíço Carl Gustav Jung. <https://ims.com.br/titular-colecao/dora-ferreira-da-silva/>

⁵⁴ Em memória de João Guimarães Rosa, coletânea de artigos editada pela Livraria José Olympio Editora, 1968, Rio de Janeiro, p. 195.

No início de 1967, uma carta de um editor da Horst Erdman Verlag para Rosa o informa de que o conto foi escolhido para figurar nessa coletânea, que seria o primeiro panorama representativo do conto brasileiro a ser publicado naquele país, a fim de estimular o interesse europeu pela literatura nacional. A tradução do conto e a apresentação do volume coube a Curt Meyer-Clason, que se tornara amigo de Rosa depois de traduzir *Grande Sertão: Veredas* e outros livros do autor.⁵⁵

⁵⁵ Carta disponível para consulta em JGR-CE-03, 087, de 22/2/1967.

1.1.15 Diário Carioca: 1963

“Maior meu Sirimim” (depois rebatizado de “Mais meu Sirimim”, quando de sua inclusão no livro *Ave, palavra*) foi a única colaboração de Guimarães Rosa com o *Diário Carioca*, na edição de 21 de julho de 1963. Fundado pelo jornalista e deputado federal José Eduardo de Macedo Soares (1882-1967) para fazer oposição ao governo de Washington Luís, o periódico circulou durante 37 anos, de 17/7/1928 a 31/12/1965. Foi o jornal que inaugurou o uso do *lead* na imprensa brasileira e o primeiro a contar com uma equipe de copidesques.

Os Macedo Soares eram uma família tradicional fluminense. José Roberto de Macedo Soares (1893-1953), irmão do fundador do *Diário Carioca*, foi diplomata de carreira e contemporâneo de Rosa no Itamaraty, tendo chefiado a Divisão de Cerimonial e o Departamento Consular. Foi nomeado embaixador do Brasil no Uruguai em 1945.

José Carlos de Macedo Soares (1883-1968), também irmão de José Eduardo, foi membro da Academia Brasileira de Letras, duas vezes ministro das Relações Exteriores, nos períodos de 1934-1937, amigo de Rosa.

Pelas páginas deste periódico passaram nomes como Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Antônio Maria, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Thiago de Mello, Vinicius de Moraes, Paulo Francis, Sábato Magaldi, Wilson Lage, Hélio Fernandes, Carlos Lacerda, José Carlos de Oliveira e Newton Carlos, entre outros.

Tudo o que interessava à elite econômica do país em geral era encampado pelo jornal de Macedo Soares, decorrendo daí sua posição fluida e imprecisa. Por ocasião das eleições de 1955, por exemplo, o *Diário Carioca* apoiava Juscelino Kubitschek, mantendo, entretanto, uma página dedicada exclusivamente a Juarez Távora.

As contradições que se verificavam no interior do jornal, entre as preocupações eminentemente jornalísticas da equipe e os interesses mais imediatos da direção, acabaram por se resolver com a dissolução gradual da

primeira. O apoio ao governo de Juscelino Kubitschek, somado à saída do corpo da redação, explicaria assim o início do declínio do *Diário Carioca*.

1.1.16 O Estado de S. Paulo: 1964

Rosa enviou dois textos para o suplemento literário do jornal em 1964: o conto infantil “Fita verde no cabelo”, publicado em 8 de fevereiro, e “As garças”, que saiu em 22 de fevereiro. O primeiro era inédito, mas o segundo havia sido publicado meses antes na revista *Cavalo Azul*. Ambos foram incluídos no livro póstumo *Ave, palavra*.

Fundado em plena monarquia por um grupo de simpatizantes da causa republicana, *O Estado de S.Paulo* nasceu em 1875, com o nome de *A Província de São Paulo*. Tinha quatro páginas e tiragem de pouco mais de 2 mil exemplares. As vendas eram impulsionadas pelo imigrante francês Bernard Gregoire, que saía às ruas montado num cavalo, tocando uma corneta para chamar a atenção do público (a figura do corneteiro é até hoje símbolo do jornal).

Em 1889 mudou o nome para *O Estado de S.Paulo* e três anos depois passou a ser propriedade exclusiva da família Mesquita. Apoiou a República e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados. Fez oposição ao Estado Novo e apoiou o golpe militar de 1964, mas rompeu com o regime no ano seguinte, após a promulgação do Ato Institucional nº 2, que extinguiu os partidos políticos.

1.1.17 Pulso: 1965–1967

A colaboração para o jornal médico *Pulso* foi a mais profícua no contexto da colaboração de Rosa para periódicos. Nada menos que 56 histórias publicadas entre maio de 1965 e julho de 1967, no espaço de uma coluna que revezava com Carlos Drummond de Andrade. Rosa selecionou 40 delas para formar o livro *Tutameia* (1967). O jornal em formato standard, de oito páginas, circulava entre médicos de todo o país, por meio de assinaturas e distribuição em consultórios médicos e farmácias. Começou a circular em 1960 e sustentou-se certamente até meados dos anos 80, mas não foi possível confirmar em que ano a publicação foi extinta.⁵⁶

Pulso tinha como diretor o médico Roberto de Souza Coelho, e como editor Arnaud Pierre. A redação funcionava na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. A coluna na qual Rosa e Drummond se revezavam saía sempre na página 3, num espaço vertical, no canto direito, sem ilustrações. Entre final dos anos 70 e meados dos anos 80, o editor responsável era Wilson Russell Mac Cord, um publicitário ligado ao laboratório Sidney Ross, que patrocinava a publicação.

O laboratório Sidney Ross era o fabricante de medicamentos leves, como *Melhoral*, *Sonrisal*, *Sal de Frutas Andrews*, *Leite de Magnésia de Phillips* e *Pílulas de Vida do Dr. Ross*, mas também vendia anúncios publicitários. O mais comum entre os exemplares pesquisados é o do *Fisohex*, um bactericida que, segundo a propaganda, era usado pelos cosmonautas das cápsulas espaciais Gemini: “assepsia integral com simplicidade de técnica e economia de tempo”.

Na esfera das publicações, o Sidney Ross também produzia o seu famoso *Almanaque*, que era uma fusão de calendário, estorietas, piadas, citações, propaganda, joguinhos e palavras cruzadas. Também fabricante dos cosméticos *Glostora* e do *Talco Ross*, ficou conhecido no Brasil como o grande

⁵⁶ Jornal raro, de difícil localização. Encontramos edições de 1965 a 1967, período de publicação dos textos de Rosa, na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), mas o número contendo a crônica de despedida do escritor não consta daquele acervo.

impulsionador da propaganda brasileira e a mais importante empresa estrangeira anunciante. Patrocinou a radionovela “Em busca da Felicidade”, veiculada em 1941 na Rádio Nacional. The Sidney Ross Company era subsidiária de um grupo muito maior, Sterling Drug Inc., que acabou comprada pela Bayer em 1994.

1.1.18 Boletim da Biblioteca do Exército (RJ): 1957

Rosa publicou o conto “Dois soldadinhos mineiros” no número 25, ano XIX, do *Boletim da Biblioteca do Exército* em abril de 1957 – na ocasião, o órgão informativo do Ministério da Guerra. No ano da colaboração de Rosa, o diretor editorial era o tenente-coronel Umberto Peregrino Seabra Fagundes.

No conto, o narrador – que é o próprio Guimarães Rosa – relata um encontro na fazenda Três Barras, no interior de Minas Gerais, com um ex-pracinha que integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) – o contingente de soldados brasileiros que lutaram na Itália contra as forças do Eixo entre 1943 e 1945. Rosa tenta interagir com o ex-soldado, perguntando-lhe de suas impressões da guerra. O ex-soldado, que agora ordenha vacas, apenas diz que se impressionou com o frio. O segundo soldadinho da história é um pracinha com o sobrenome “Rosa”, que comove o autor. Ele identifica o sobrenome em um túmulo no cemitério dos combatentes da Segunda Guerra na cidade de Pistóia, na Itália.

O boletim circulou em todos os quartéis por 39 anos, de 1938 – com o nome de *Boletim de Informações da Biblioteca do Exército* – até 1977. A periodicidade era variável: de 1938 a 1941, foi semestral. Em 1957, ano da colaboração de Rosa, foi quadrimestral, e houve períodos em que se tornou anual. As informações para esta pesquisa são da Biblioteca do Exército no Rio de Janeiro.

1.2 ENTRE A GAVETA E O TEMPO REAL

Em muitos casos, Guimarães Rosa tinha as histórias prontas e limitava-se a retrabalhá-las antes de enviá-las aos jornais e revistas. Outras vezes, entretanto, os indicativos são de que ele compunha os textos especialmente para o periódico com o qual colaborava na ocasião. O relato do embaixador e poeta Francisco Alvim⁵⁷ para esta pesquisa sugere que muitas histórias publicadas em *Pulso* foram produzidas durante a colaboração do escritor para o jornal do laboratório Sidney Ross, que se estendeu de 1965 a 1967. Depois, a partir do conjunto dessa obra, Rosa deliberou reuni-las no livro *Tutameia* (1967).

Era o início da carreira de Alvim, então com 27 anos, quando desfrutou da convivência com o autor de *Grande Sertão: Veredas* entre 1965 e 1966. Lotado na Divisão Cultural do Itamaraty, Alvim era vizinho de gabinete de Rosa e integrante da equipe do velho amigo do escritor, embaixador Everaldo Dayrell de Lima, que chefiava aquele núcleo⁵⁸. Alvim relata que Dayrell dava caronas para Rosa, que não gostava de dirigir, porque moravam perto em Copacabana: “Íamos os três [no carro de Dayrell], e isso criou uma certa intimidade entre nós.” Alvim recorda-se de que naqueles anos, quando Rosa colaborava quinzenalmente para o jornal médico, o escritor o convidava para o seu gabinete para ler, em voz alta, as histórias que estava criando, e cobrava a opinião do ouvinte. “Ele [Rosa] me chamava lá e perguntava: o que você acha disso?”, relembra o embaixador. “Na época ele estava escrevendo muito para aquele jornalzinho médico [Pulso]. Eu acho que houve uma queda de qualidade de intensidade, mas é impressão minha”. Ressalva que Rosa levava o trabalho muito a sério, e por isso essa sensação de “perda da intensidade” é uma

⁵⁷ Francisco Alvim (80 anos) – poeta e diplomata, autor de livros que se tornaram clássicos da poesia marginal brasileira: *Sol dos cegos* (1968), *Passatempo* (1974), *Elefante* (2000); foi embaixador do Brasil na Costa Rica e cônsul-geral em Barcelona. Depoimento concedido para esta pesquisa na casa do embaixador em Brasília em 28/4/2017.

⁵⁸ Everaldo Dayrell de Lima é citado por Rosa em uma nota pé a um dos prefácios de *Tutameia*, Sobre a escova e a dúvida: “meu colega amigo Dayrell, do Serro-Frio”. Nesta citação, o escritor revela que o amigo lhe apresentou a palavra soroptimícia ou, no inglês, serendipity - a arte de fazer descobertas ao acaso.

impressão pessoal, e não um fato. Alvim também resgata as reações de Rosa aos seus comentários. Eventualmente, o escritor dizia: “nisso você tem razão”. Mas outras vezes, dava um “sorrisinho” maroto, e retrucava: “isso aí está acima [da sua compreensão]”, como se repreendesse o interlocutor que não soube absorver a dimensão intelectual de sua criação.

O depoimento de Alvim sugere que Rosa efetivamente criou novas histórias para *Pulso*, um jornal para o qual tinha orgulho em colaborar. Após dois anos de colaboração, de 1965 a 1967, Rosa escreveu a crônica de “semi-despedida” aos leitores, na qual confidenciou que o compromisso quinzenal o ajudou a realizar ideias que ocupavam sua cabeça havia anos: “Os temas de alguns dos contos andavam-me sem solução na cabeça, uns há cerca de vinte anos, até que, só nesta forma curta, forçada pela limitação de espaço, encontraram como compor-se.”⁵⁹

Cinco anos antes dessa confidência, em 1962, Rosa havia manifestado, na rara entrevista em vídeo concedida a uma emissora alemã, que se sentia “estimulado” ante o desafio de produzir histórias para um espaço predeterminado. Ele se reportava aos textos produzidos durante a colaboração para *O Globo* em 1961. “Eu tive que dar colaboração num jornal... num suplemento literário de um jornal. Então tive limitação de espaço, e eu achei muito bom, porque acho que para o artista toda limitação é estimulante.”⁶⁰

As cinco histórias que remontam à excursão para o Pantanal mato-grossense em julho de 1947, quando Rosa percorreu as cidades de Campo Grande, Aquidauana, Nioac, Bela Vista, Ponta Porã, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, são exemplos das duas hipóteses: há textos escritos por ocasião das publicações, bem como outros que, visivelmente, estavam guardadas há mais tempo quando vieram à tona nos periódicos. Menos de um mês depois da viagem ao Pantanal, Rosa publicou “Sanga Puytã” no *Correio da Manhã*, o relato da epopeia de Aquidauana até Pedro Juan Caballero, no Paraguai, a

⁵⁹ “Rôgo e aceno”, 29/7/1967, disponível no acervo: JGR R21 03,26 IEB-USP.

⁶⁰ Entrevista ao apresentador Walter Höllerer para um canal de televisão independente em Berlim, em 1962 – na qual aprofundaremos no Capítulo 3.

qual analisaremos no Capítulo 4. Três meses depois, sai a primeira parte do perfil “Com o vaqueiro Mariano” no mesmo periódico.

Ou seja, os acontecimentos estavam frescos na memória do escritor, e os indicativos são de que os textos tenham sido produzidos naquele período. Em contrapartida, as outras quatro histórias que remontam à viagem ao Pantanal – “Cipango”, “Uns índios – sua fala”, “Ao Pantanal”, e “Meu tio o lauretê” -, foram publicadas a partir de 1953, seis anos depois, sugerindo que os textos estavam prontos, e foram apenas relapidados para as publicações.⁶¹

No tocante ao antológico conto-novela “Meu tio o lauretê”, são as conversas com caçadores de onça (zagaieiros), ocorridas nessa viagem ao Pantanal, que rendem a história que seria publicada na revista *Senhor* em 25/3/1961, 14 anos depois. Em carta ao pai, Florduardo Pinto, Rosa menciona as descobertas sobre esses aventureiros. “[...] A qualquer momento, pode-se avistar uma onça. Se a gente quer caçar uma onça e dispõe de três dias, o sucesso é garantido. Conversei com diversos “zagaieiros” – caçadores bambas de onças, que manejam espetacularmente a longa azagaia.”⁶²

A pesquisadora Ana Luiza Martins Costa (2002) afirma que a novela foi escrita depois da viagem ao Pantanal, e antes de *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas* (livros de 1956). Isso porque no original datilografado da obra, Paulo Rónai encontrou uma anotação manuscrita do autor, onde se lê que “esta novela é anterior a Grande Sertão: Veredas.”⁶³ De igual forma, a pesquisa de Costa informa que o conto “A simples e exata estória do burrinho do comandante”, publicado na revista *Senhor* em 1960, estava esboçado desde a viagem ao Pantanal:

⁶¹ “Cipango”, sobre a visita a uma comunidade japonesa, saiu em 17/2/1953 na Folha da Manhã; “Uns índios – sua fala”, sobre a incursão a uma aldeia dos índios Terena, foi publicado em 25/5/1954, no suplemento Letras e Artes de A Manhã; e “Ao Pantanal”, relatando em detalhes a epopeia pela região, foi publicado três vezes: no Diário de Minas em 5/4/1953, em 30/11/1957 no Correio da Manhã, e no Jornal de Letras em janeiro de 1958.

⁶² Carta ao pai de 25/11/1947, consultada em Rosa (2014).

⁶³ Cadernos de Literatura, p. 24, e na introdução de Rónai ao livro *Estas estórias*.

As datas de publicação desses escritos nem de longe coincidem com as da composição. A respeito de “A simples e exata estória do burrinho do comandante” e “Meu tio o lauretê”, informam D. Aracy, viúva do escritor, e Franklin de Oliveira, seu grande amigo, que já estavam escritas havia uns dez anos quando foram entregues à revista *Senhor*.(COSTA, 2002, p. 216)

Ana Luiza também observa que o conto “Mechéu”, publicado em *Pulso* em 21/1/1967, foi concebido em 1949, ou seja, 18 anos antes. A afirmação baseia-se em uma carta de Guimarães Rosa a Pedro Barbosa, de 19/7/1949, em que o escritor pede detalhes da vida de um morador da fazenda Pindaíbas: “Estou, afinal, pondo em papel a biografia romanceada do grande Mechéu – um sujeito meio bocó, que cuidava dos porcos e da lenha, ajudava na cozinha e levava comida na roça para os trabalhadores da fazenda”⁶⁴. No mês seguinte, em agosto de 1949, Rosa recebe a resposta de Pedro Barbosa, contendo uma detalhada descrição de Mechéu. Mas essas informações só seriam utilizadas na redação do conto homônimo, após 18 anos, com a publicação da história em *Pulso*. “Semi-imbecil trabalhava, vivia, moscamurro, raivancudo, senão de si não gostando de ninguém. Ante tudo se enfuriava pronto às mínimas e niglingas - rasgadela na roupa, esbarro involuntário ou nele fixarem olhar, pisar-lhe um porco o pé na hora da ração”, diz o perfil de Mecheú, depois republicado em *Tutameia* (1967).

Concluimos, dessa forma, que Guimarães Rosa executava duas estratégias em relação às colaborações com a imprensa: ora encaminhava aos periódicos criações que guardava na gaveta, ora elaborava os textos perto do prazo de envio, conforme o testemunho de Francisco Alvim.

⁶⁴ Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, 2006, p. 26

1.3 “QUANTO VOCÊS PAGAM?”

Interessava a Guimarães Rosa ver sua obra divulgada em periódicos pela visibilidade e prestígio proporcionados, mas garantir uma renda complementar com essa atividade era igualmente relevante. O jornalista e escritor Otto Lara Resende, um de seus amigos próximos, ponderava que o salário de diplomata não era significativo nas décadas de 40 a 60, sobretudo se o profissional não servia no exterior. Por isso, ele acreditava que Rosa efetivamente precisava complementar o salário de diplomata com uma renda extra para assegurar o sustento digno de sua família, até porque pagava pensão alimentícia à ex-mulher, Lygia Cabral Penna, e às filhas, Vilma e Agnes:

O Rosa gostava de ganhar um dinheirinho, dizia ele, e o confessava sem pudor. Como saía pouco do Brasil, portanto não ganhava em dólares, e era separado, obrigado a dar pensão à primeira mulher, mãe de suas duas filhas, provavelmente precisava mesmo de dinheiro (só hoje percebo). (RESENDE, 1987)⁶⁵

Pesava, simultaneamente, a opção de não sair mais do Brasil, depois de ter representado o Itamaraty na Alemanha, Colômbia e França. Os diplomatas que estavam no exterior recebiam o salário em dólar, o que inflava a remuneração. No perfil que escreveu sobre o amigo, Otto Lara Resende afirma que Rosa “gostava confessadamente de dinheiro”. “Disse-me que o dinheiro não se destina a comprar coisas, mas, sim, as coisas é que são feitas para se transformar em dinheiro”. (RESENDE, 2017, posição 3014, versão para Kindle)

Resende revela que Rosa viajava com passagens e hospedagem pagas e fazia questão de regressar com algum dinheiro no bolso. Lembra que quando se cogitou seu nome para membro do júri do II Concurso Nacional de Romance Walmap, ao lado de Jorge Amado e Antônio Olinto, o autor de Sagarana disse que se não fosse remunerado não aceitava. Para Rosa, o

⁶⁵Em nota de 23/8/87, sem assinatura, datiloscrito original, p. 142, no livro *Três Ottos, por Otto Lara Resende*.

prêmio deveria ser distribuído entre os membros do júri, porque ao premiado bastava a “honra da láurea e a publicação da obra”. (RESENDE, 2017, posição 3018, versão para Kindle)

O embaixador e poeta Francisco Alvim⁶⁶ relembra um episódio saboroso em que Rosa lhe pediu que levasse o crítico e tradutor Curt Meyer-Clason para almoçar. “Eu não posso, você vai”, disse-lhe o escritor para Alvim. Havia duas razões possíveis para Rosa se esquivar do compromisso: estava mais arredio do que de costume, o que seria estranho, porque prezava a companhia do alemão; não queria gastar dinheiro com o almoço.

Alvim aposta na segunda hipótese. Recorda que foram ele e Clason a um restaurante português, com janelas verdes, na região do Saara, no centro do Rio de Janeiro: “O Curt gostou demais, bebeu muita caipirinha, foi uma alegria, o Guimarães não fez falta”. No entanto, na hora de pagar a conta, viu que não tinha a quantia suficiente na carteira. “Supunha-se que eu deveria pagar, e foi por isso que ele me delegou a função”, diz o embaixador. Ao fim, embora contrafeito porque era convidado, o tradutor acabou pagando a fatura.

Em seu livro de memórias, Vilma Guimarães Rosa diz que o pai enviou seus primeiros textos para o concurso literário da revista *O Cruzeiro*, aos 21 anos, também pelo atrativo do prêmio em dinheiro. A vitória no concurso lhe rendeu 300 mil-réis, 100 mil-réis por cada conto⁶⁷. Ela ressalva que Rosa resistia a cobrar o prêmio dos *Diários Associados*, que não pagaram os premiados, e foi sua mãe quem insistiu que ele exigisse o dinheiro. Ao se casarem em 1930, Rosa e Lygia viajaram para o Rio de Janeiro, e foram até a sede da revista *O Cruzeiro* reivindicar o pagamento do prêmio. “Uma verdadeira pequena fortuna, que ele não se decidia a reclamar, por timidez.

⁶⁶ Depoimento concedido para esta pesquisa na casa do embaixador em Brasília em 28/4/2017.

⁶⁷ Três contos de Rosa venceram o concurso e foram publicados na revista: *O mistério de Highmore Hall* (7/12/1929), *Chronos kai anagke* (Tempo e destino) - A mais extraordinária história de xadrez já explicada a adeptos e não-adeptos do tabuleiro (21/6/1930) e *Caçadores de camurças* (12/7/1930).

Não fosse o senso prático da mamãe, talvez ele não tivesse tomado coragem”⁶⁸. (ROSA, 2014, p.109)

O jornalista Paulo Francis afirmou, em entrevista à revista *Realidade*, que Guimarães Rosa cobrava caro pelas colaborações para a revista *Senhor*, da qual era editor. Na reportagem publicada quatro meses antes da morte do escritor, Francis rememora quando ele e o fundador da revista, Nahum Sirotsky, decidiram perguntar a Rosa se ele tinha um original pronto para ser publicado. Havia receio quanto ao convite porque consideravam Rosa um “artista” e não um “profissional do jornalismo, a quem se encomenda um trabalho”. A resposta do escritor na ocasião os surpreendeu: “Não tenho, mas escrevo um para vocês. Quanto vocês pagam?” Dias depois, Rosa apareceu na redação de *Senhor* com um conto inédito em mãos: “A simples e exata estória do burrinho do comandante”, que foi publicado na edição de abril de 1960, e depois no livro póstumo *Estas estórias* (1969).⁶⁹

Segundo Francis, foram dias de negociação, até Sirotsky ceder e aceitar pagar 40 mil cruzeiros pela obra. A quantia era “uma fortuna” para esse tipo de colaboração, mas o fundador da revista cedeu ao “cansaço” e ao “prestígio” do escritor. Francis diz que após a publicação do primeiro conto, Rosa “encantou-se com o público à sua disposição”, e teria partido dele a proposta de se tornar um colaborador permanente. “Foi difícil resistir à sua investida trabalhista e terminamos docemente derrotados”. Em dado momento, os editores se viram obrigados a, diplomaticamente, informar o autor que os leitores queriam mais do que histórias “regionais”. Rosa teria acatado sem problemas a orientação, escreveria sobre qualquer assunto, “desde que recebesse os 40 mil cruzeiros”.⁷⁰

⁶⁸ Entretanto, em Chatô, biografia de Assis Chateaubriand, Fernando Morais pondera que o prêmio era irrisório, e que a verdadeira retribuição era a publicação da obra premiada nas páginas da mais prestigiada publicação da época, adornada por ilustradores de renome, como Marques Júnior e Carlos Chambelland.

⁶⁹ *Realidade*, reportagem de Otoniel Santos Pereira, julho de 1967 – Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213659/2269>> Acessado em 11 fev. 2019.

⁷⁰ Esse valor atualizado para os dias atuais corresponde a cerca de R\$ 900,00. A conta foi feita por economistas a partir da tabela Fatores de Atualização Monetária da Contadoria do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, baseados em ICGJ, acrescida do cálculo da inflação.

O diplomata Guilherme Luiz Leite Ribeiro narra uma versão mais pitoresca sobre o início da parceria de Rosa com a revista *Senhor*, mas implica, igualmente, a contrapartida financeira. Segundo Ribeiro, Nahum Sirotsky fazia incursões frequentes no gabinete de Rosa na Divisão de Fronteiras tentando convencê-lo a escrever para a *Senhor*. O que se ouvia na época, segundo o diplomata, é que Rosa resistia às investidas do editor. Até que um dia, Sirotsky esbarrou em uma pessoa cobrando uma dívida do escritor. Ele perguntou de que se tratava. “Trinta mil cruzeiros de uma roupa que fiz para ele”, teria respondido o alfaiate, enquanto Rosa ponderava que não tinha como pagá-lo naquele momento. Então, o editor teria sacado o talão de cheques e liquidado o débito. Ato contínuo, voltou-se então para o autor e propôs: “Agora você é que me deve. Me pague com uma noveleta”. Seja pelo convite espontâneo seja pelo alfaiate, a colaboração de Rosa para a revista *Senhor* estendeu-se de 1960 a 1962, com a publicação de sete contos inéditos, os quais discriminamos adiante.⁷¹

Rosa também deveria ser muito bem remunerado pelo jornal médico *Pulso*, para o qual escreveu quinzenalmente durante dois anos e três meses. É de se remarcar que, assim como *O Globo* havia feito no início dos anos 60, o periódico contratou em meados da década os dois escritores mais aclamados do país para figurar em suas páginas: Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade.⁷² Embora nesta pesquisa não tenha sido possível recuperar o valor do cachê pago pelo *Pulso* para seus colaboradores, o depoimento de Mário de Andrade em uma carta a Paulo Duarte, do ano de 1940, sugere que as publicações financiadas por laboratórios médicos remuneravam generosamente os autores. Ao relatar as dificuldades financeiras que enfrentava na ocasião, o poeta modernista admite sucumbir para aceitar trabalhos que minimizem sua penúria:

⁷¹ RIBEIRO, Guilherme. Os bastidores da diplomacia. Editora Nova Fronteira, 2007, p. 380.

⁷² Não foi possível identificar os contratos ou o valor dos cachês pagos a Guimarães Rosa para escrever em *Pulso* ou *O Globo*.

Fixei frio o lado ganhar dinheiro e só escrevo mesmo coisa que renda, artigos a cento e cinquenta ou duzentos mil-réis, como os de Publicações Médicas ou do DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas] quando me encomendam. E quando tiver um assunto que se imponha, isso sim, escreverei e darei até de graça, se ninguém quiser pagar. (ANDRADE, 1940, p.333)⁷³

Ao fim, considerando os fatos e argumentos expostos, o que transparece da relação de Guimarães Rosa com o dinheiro é um pragmatismo para garantir tranquilidade e o suficiente para que também seja possível desfrutar os prazeres da vida, mesmo os mundanos. O pragmatismo transparece na lembrança de Vilma de que o pai esperava que os direitos autorais de *Sagarana* socorressem a família, caso ele lhes faltasse. “Os originais de *Sagarana* papai confiara à mamãe, que os guardou durante o tempo em que ele esteve em Hamburgo, durante a guerra”. E ele sempre escrevia: “Se eu não voltar, tenta publicar, Lili, pois é capaz de dar um dinheirinho para a educação das meninas”. (ROSA, 2014, p. 60)

É em tom objetivo que Rosa relata ao jornalista e professor Fernando Camacho (1966) como negociava os direitos de sua obra com os editores interessados em publicá-lo. Revelou cobrar 500 dólares do editor que lhe pedisse a preferência para a publicação da obra: “Não é por nada, compreende? O livro está já ali não é verdade? Saiu na Alemanha, na França, na Itália, em Portugal, está saindo nos Estados Unidos. O editor sabe ou não sabe. Se ouvirem falar em Guimarães Rosa, está bem. Não é direito?” Rosa ressaltava que não fazia sacrifícios pelo seu trabalho. “Eu sou um escritor. Um escritor que escreve livros faz livros. O seu (trabalho) tem de ser reconhecido, compensado [...]. Ou é uma coisa boa lá para fora ou eu não quero perder tempo. E sou muito objetivo, eu não sou pessoa que me sacrifique pela arte”⁷⁴.

Ainda no diálogo com Camacho, Rosa ressaltou que a literatura não era a coisa mais importante para ele, mas sim a espiritualidade. “Eu sou um homem religioso. O importante pra mim é a religião compreende?” Do que se

⁷³ Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 20/6/1940, ao mesmo, PD/MA, p. 333.

⁷⁴ Revista Humboldt, vol.18, nº 37, p. 42-53. Munique/Rio de Janeiro, 1978.

pode inferir que o escritor lidava objetivamente com dinheiro, e tinha apreço pelos prazeres que a contrapartida financeira lhe proporcionaria. Mas não tinha ambição além da conta, de modo que a arte e a religiosidade preenchiam sua existência.

2 RELAÇÕES ESTRATÉGICAS COM A MÍDIA

2.1 AMIGOS INFLUENTES

Guimarães Rosa tinha amigos importantes e influentes na imprensa que garantiam a circulação de seu nome nos veículos de mídia, a visibilidade de sua obra e o ajudavam a contornar dissabores, como demonstraremos neste capítulo. Eram tempos em que a literatura estava umbilicalmente ligada ao jornalismo, e escritores célebres davam expediente em redações, como colunistas ou críticos literários, ou eram colaboradores frequentes. Já mostramos que as contribuições de Rosa eram predominantemente eventuais – salvo quando manteve as colunas fixas em *O Globo* e *Pulso* – mas ele inegavelmente fazia parte daquela atmosfera intelectual em que os homens de letras eram também do jornalismo.

A mesa que se formou pela comemoração do aniversário do respeitado crítico Álvaro Lins em 14 de dezembro de 1951, no restaurante do jornal *Correio da Manhã* – o jornal mais importante da época – é a imagem representativa daquele universo, ao qual Guimarães Rosa também pertencia. Os principais escritores, críticos e colunistas literários sentaram-se ao redor do crítico, na mesa que incluía o autor de *Sagarana* (1946). Ao lado de Álvaro Lins estavam os irmãos João Condé e José Condé, Carlos Drummond de Andrade, Aurélio Buarque de Holanda, Thiago de Mello, Ledo Ivo, Lúcia Miguel Pereira, Maurício Roseblatt, o historiador Otávio Tarquínio de Sousa e o diretor do jornal, Paulo Bittencourt.⁷⁵

Vamos mostrar, neste capítulo, que Álvaro Lins foi um dos amigos mais próximos de Rosa nos anos 40 e 50, a partir do lançamento de *Sagarana*, que o crítico recebeu com uma resenha efusiva. Os irmãos João e José Condé, bem como o poeta Carlos Drummond eram amigos de copa e cozinha do autor de *Grande sertão: veredas*, mas mantinham uma proximidade digna de referência nesta pesquisa. Além deles, selecionamos outros escritores e

⁷⁵ A comemoração do aniversário de Álvaro Lins foi noticiada na edição de 15/12/1951 do *Correio da Manhã*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/089842_06/13852> Acessado em: 11 mar. 2018.

jornalistas ligados a Rosa, todos com vínculos nos jornais e revistas entre os anos 40 e 60, para descrever de que forma essas relações ajudaram Guimarães Rosa a manter-se em evidência, seja na divulgação de seus livros, seja na blindagem de sua imagem- quando isso se fizesse necessário.

Rosa tinha verdadeiro “horror à vida social”, como declarou em entrevista à estudante Maria da Graça Coutinho⁷⁶. Ele proibia os amigos de publicarem textos dele ou sobre ele, salvo mediante autorização expressa. Podiam chamá-lo pelos apelidos – “Guima” ou Rosa – mas sempre como amigos, nunca como jornalistas. A justificativa era o resguardo de sua privacidade. “Nada de intimidade para todos”.⁷⁷ Um episódio lembrado por Josué Montello ilustra o estilo reservado do escritor. De volta do Peru, onde servira como adido cultural, Montello foi ao gabinete de Rosa entregar-lhe uma lembrança, um touro de cerâmica peruana. O diplomata comentou que poucos teriam o privilégio de apreciar o mimo: “E não vai ficar aqui – vai para a minha sala, em casa. Não deixo ninguém olhar. A Aracy vai adorar. Só ela pode ver. E os amigos bem amigos. Os amigos que deixo entrar no meu apartamento.”⁷⁸

É nesse contexto que destacaremos, ao longo deste capítulo, Álvaro Lins, Franklin de Oliveira e Josué Montello como amigos que desfrutaram da intimidade de Rosa, e, simultaneamente, exerciam influência na mídia. Outro amigo do núcleo mais restrito de Rosa era o chanceler João Neves da Fontoura, de quem o escritor foi chefe de gabinete no Itamaraty. Mas Neves, embora influente na política, só migrou para o jornalismo somente nos últimos anos de sua vida. Considerando os laços de amizade e com a imprensa, vamos explorar, igualmente, a relação de Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Não eram íntimos, mas vamos demonstrar que ambos nutriam um respeito e uma admiração mútua que obrigaram a menção desta amizade nesta pesquisa. Rosa e Drummond eram os escritores mais populares do país

⁷⁶ “Não tenho paciência para aturá-la. Não gosto de frequentar a vida social, tenho logo vontade de escrever”. (Entrevista à estudante Maria da Graça Coutinho, 1966, disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/olacdigital/?p=1241> e no IEB-USP, JGR-R08,011).

⁷⁷ Reportagem de Otoniel Santos Pereira na revista *Realidade*, julho de 1967.

⁷⁸ MONTELLO, Josué. Diário da Manhã, 21/12/1953, p. 141, 142, tomo I.

nos anos 60, e nessa condição foram titulares de colunas literárias simultaneamente, e nos mesmos veículos. Apresentaremos ainda as relações de Rosa com outros expoentes da literatura e do jornalismo, com quem ele convivia socialmente, recebia em seu gabinete no Itamaraty e, em contrapartida, garantiam-lhe espaço nos periódicos: Otto Lara Resende, João e José Condé e Assis Chateaubriand.

2.1.1 Franklin de Oliveira (1916-2000)

“Rosa praticava aquilo que os alemães chamam de amizade combatente”. Franklin sobre Rosa

Mais do que um amigo, o maranhense José Ribamar Franklin de Oliveira (1916-2000), ou “Franklin de Oliveira”, era “confidente” de Guimarães Rosa, como assinala a professora doutora Elizabeth Hazin, que o entrevistou em 1986 para sua tese de doutorado (HAZIN, 1991, p.24)⁷⁹. Franklin era comensal aos sábados na casa de Rosa. De lá, acompanhou passo a passo o desenvolvimento do primeiro rascunho do *Grande sertão: veredas*. “Rosa parecia um louco, não pensava em outra coisa. Dizia que aquilo era maior que ele”. (HAZIN, 1991, p. 59). A pesquisadora acrescenta que Franklin “é um caso especial, pois não parece crível que outros amigos do autor tenham se dedicado à leitura integral de manuscrito tão extenso”(HAZIN, 1991, p.177). Rosa e Franklin viam-se com frequência, ao longo de uma amizade germinada em fins da década de 40, quando ambos lançaram livros aclamados pela crítica. Esses lanços prolongaram-se por 20 anos, até a morte do criador de *Riobaldo*. Na noite que precedeu a posse de Rosa na Academia Brasileira de Letras, os dois caminhavam juntos pelas ruas do Arpoador, como relembrou Carlos Heitor Cony:

Na véspera de sua posse, encontrei-o pela última vez. O sinal luminoso da rua Raul Pompeia com a avenida Rainha Elizabeth fechara, e eu reparei em dois homens que atravessavam a rua. Chovia e era noite. Apesar da miopia, da chuva e da noite, os olhos de gato de Guimarães Rosa me descobriram dentro do carro. A seu lado, Franklin de Oliveira, seu amigo e admirador. Guimarães veio, o guarda-chuva pingando, dar-me o boa-noite. O sinal abriu e eu tentei acelerar o carro.
— Olha, não me deixe sozinho amanhã. Eu preciso de suas palmas.
— Você terá muitas palmas. Nem estará sozinho.
— Mas vá, assim mesmo.
Buzinaram atrás de mim, e eu tive de avançar. Pelo retrovisor, vi a silhueta dos dois amigos tentando alcançar a calçada oposta. (CONY, 2014)

⁷⁹ HAZIN, Elizabeth; No nada, o infinito (da gênese do Grande sertão: veredas), tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1991, p. 24.

Rosa e Franklin compartilhavam até o vício em tabaco: o primeiro, atrelado ao cigarro, e o segundo ao “inseparável cachimbo”. Mas em oposição a Rosa, que assegurou uma subsistência tranquila ao ingressar na carreira diplomática, Franklin tentava sobreviver da literatura. “Franklin de Oliveira não tem emprego público e não possui bens de raiz. Vive exclusivamente de escrever, o que é um exemplo pouco comum na nossa vida literária”, escreveu José Condé⁸⁰. Em 1964, quando Franklin teve os direitos políticos cassados pela ditadura militar e foi obrigado a se esconder da polícia do regime, Rosa e a esposa, Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, quiseram acolher o amigo em casa. O fato é relatado pelo jornalista e pesquisador da vida de Aracy, René Daniel Decol, que colheu o depoimento de Franklin:

Em 1964, quando veio o golpe militar, o casal quis abrigar ali Franklin de Oliveira, jornalista e crítico literário que se tornara amigo e estava sendo procurado pelos golpistas. Franklin recusou, pois poderia comprometer o escritor. Só quando viu que não o demoveria de sua decisão foi que Rosa concordou em encaminhá-lo a uma embaixada. Segundo o crítico, Rosa praticava aquilo que os alemães chamam de “amizade combatente”: atuava a favor do amigo, sem esperar que este lhe pedisse ajuda. E fazia tudo a seu jeito, discretamente, mineiramente.⁸¹

Curiosamente, Vilma Guimarães Rosa, filha do escritor, nutria antipatia por Franklin. Em entrevista para esta pesquisa, afirmou que “não gostava dele”. Questionada sobre o motivo, esquivou-se: “não falo de quem morreu”⁸². Franklin tinha o temperamento forte, e era, do grupo de amigos íntimos, o que exerceu plenamente o jornalismo, dando expediente em redações, e mantendo colunas fixas nos periódicos mais importantes do período, como a revista *O Cruzeiro* e o jornal *Correio da Manhã*. Ele começou a carreira jornalística ainda jovem, aos 16 anos, no Diário da Tarde, em São Luís (MA). Seis anos depois, no Rio de Janeiro, trabalhou no jornal *A Notícia* e

⁸⁰ CONDÉ, José. *Correio da Manhã*, 10/8/1947, Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/37609> Acesso em 14 fev. 2019.

⁸¹ René Daniel Decol, novembro, 2007, Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-segunda-vida-de-guimaraes-rosa/>> Acesso em 14 fev. 2019.

⁸² Depoimento de Vilma Guimarães Rosa para esta pesquisa em 7/7/2018 em sua residência no Rio de Janeiro.

depois na revista *Pif-Paf*. Em meados da década de 40, os nomes de ambos frequentavam os principais jornais: a partir de 1947, Rosa começou a publicar contos e crônicas no jornal *Correio da Manhã*, enquanto Franklin assinava a coluna *Sete dias*, que abria o semanário *O Cruzeiro*, enquanto Rachel de Queiroz era a colunista da última página da revista. Simultaneamente, Rosa e Franklin conquistavam notoriedade literária.

Em maio de 1946, Rosa lançou *Sagarana*, que em menos de uma semana depois foi aclamado por Álvaro Lins, maior crítico literário da época, nas páginas do *Correio da Manhã*. No fim do mesmo ano, Álvaro elogiaria o novo livro de Franklin, *Sete dias*, batizado com o mesmo título da coluna de *O Cruzeiro*. O livro de Franklin teve a primeira edição de sete mil exemplares esgotada, enquanto seu novo romance, *Concerto para piano*, em finalização, já era disputado por três editores. José Condé abriu espaço em sua coluna para que Franklin apresentasse o novo romance: “A chave do romance está num versículo do *Livro de Ruth*: não instes que te abandone ou deixe de te seguir: pois para onde quer que fores irei eu: e onde quer que tu pousares, pousarei eu; o teu povo será o meu povo e o teu Deus, o meu Deus”, resumiu Franklin, explicando que seu livro mostrava que “a incomunicável solidão de cada ser só pode ser vencida pela dádiva mútua de imaginação.”⁸³

Quase uma década depois, em 1956, quando Franklin estreou como crítico literário a coluna *Livros na mesa* no *Correio da Manhã*, dedicou o espaço às obras do grande amigo, com uma resenha de *Corpo de baile*, recém-lançado, e à quarta edição de *Sagarana*. “Com o senhor João Guimarães Rosa a literatura brasileira começa verdadeiramente a se transcendentalizar”, escreveu Franklin nessa coluna:

⁸³ CONDÉ, José. *Correio da Manhã*, 10/8/1947.

[...] com este autor vencemos não só a carência técnica denunciada por Mario de Andrade na sua *Elegia de abril*, como ainda a absurda e permanente ausência de pensamento filosófico, também apontada pelo autor de *Macunaíma*. Não existe uma obra – dizia Mário de Andrade – em toda a ficção nacional em que possamos seguir uma linha de pensamento e muito menos a evolução de um corpo orgânico de ideias.⁸⁴

Na coluna *Livros na mesa*, Franklin assinaria críticas de clássicos da literatura brasileira: *O encontro marcado* (1956), de Fernando Sabino; *Literatura brasileira* (1960), de Afrânio Coutinho; *A madona de cedro* (1957), de Antonio Callado; *Uma nova história da música* (1958), de Otto Maria Carpeaux. Ele também resenhou, entre outros, *A antologia do conto húngaro* (1957), de Paulo Rónai, com prefácio de Guimarães Rosa, e uma revisão do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, também com prefácio de Rosa.

Chama à atenção a triangulação jornalística dos amigos escritores. A primeira crítica celebrando *Sagarana* foi de Álvaro Lins no *Correio da Manhã* em abril de 1946. Um ano depois, Rosa começaria a publicar contos e crônicas naquele jornal. Dez anos depois, em 1956, Franklin de Oliveira sucederia a Álvaro Lins como crítico literário e editorialista político do mesmo jornal. Naquele ano, Álvaro havia sido nomeado chefe da Casa Civil do presidente Juscelino Kubitschek, igualmente amigo de Rosa. JK e o escritor conheceram-se no curso de medicina, no hospital da Santa Casa de Belo Horizonte, em 1926, e depois atuam juntos como médicos na Força Pública durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Franklin e Rosa conviveram num momento de intensa atividade política entre os escritores. Mas enquanto Franklin respirava política – disputou mandatos de deputado federal e suplente de senador e assinava artigos virulentos contra Getúlio Vargas nas páginas de *O Cruzeiro* – Rosa abstraía-se do tema⁸⁵. Em 1950, Franklin candidatou-se a deputado federal pelo Maranhão, inspirando anedotas na imprensa. Seus correligionários o aconselharam a

⁸⁴ Franklin, *Correio da Manhã*, 12/5/1956.

⁸⁵ “Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio, entretanto que não deveria se ocupar de política”, disse Rosa na famosa entrevista ao crítico alemão Günter Lorenz, que detalharemos adiante. (LORENZ, 1965).

tomar cuidado porque São Luís era uma cidade violenta, e ele viajou com um revólver na cinta. Durante a campanha, certa feita, foi barbear-se, e dependurou a arma junto com o paletó em um cabide. O barbeiro, que era de opinião de que vivia na terra mais tranquila do mundo, perguntou ao cliente: “O doutor vai caçar?”⁸⁶

Em 1954, a paixão política levaria Franklin ao confronto direto com seu empregador, o poderoso fundador dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand. Naquele pleito, o empresário quis repetir no Maranhão, terra natal de Franklin, a chamada “Operação Paraíba”, uma manobra política pela qual elegeu-se senador pela Paraíba. Inconformado com a movimentação do empresário em seu Estado, o jornalista aliou-se a um grupo político para lhe fazer oposição. Uma curiosidade histórica é que o então suplente de deputado José Sarney (que trocara o PSD pela UDN) fazia parte do grupo de Franklin⁸⁷. Quando soube da conspiração, Chateaubriand demitiu Franklin, e outros ligados ao seu grupo. Franklin, então, tornou-se suplente do tenente-coronel aviador Armando Serra de Menezes para disputar diretamente a vaga de senador pelo Maranhão com Chateaubriand, que venceu o páreo⁸⁸. Depois desse episódio, Franklin voltaria às redações em 1956, pelo *Correio da Manhã*. Em 1960, contudo, transferiu-se para Porto Alegre, onde se tornou secretário-geral do Conselho de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul e assessor direto do então governador Leonel Brizola (1958-1961).

Devido ao histórico de atuação política, sobretudo pela proximidade com Brizola, Franklin foi alvo prioritário do golpe militar de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Ele encabeçou uma lista de civis que tiveram os direitos políticos suspensos por dez anos, ao lado do editor Ênio Silveira, no

⁸⁶ *Correio da Manhã*, 16/2/1952.

⁸⁷ MORAIS, Fernando. Chatô, 2011, versão para Kindle, posição 11.499.

⁸⁸ MORAIS, Fernando. Chatô, 2011, versão para Kindle,, posição 11.504.

âmbito do Ato Institucional nº 1.⁸⁹ Anos depois, Franklin revelaria seu temor pelas privações a que sua família se veria submetida diante do que lhe ocorreu em 1964,

Estava condenado à morte civil por dez anos. Mas essa condenação perdurou por 21 anos, a suprema iniquidade – condenado sem nota de culpa, sem direito de defesa, como ocorreu com centenas e centenas de outros brasileiros. Homem pobre, vivendo apenas de salário, vi o mundo desabar sobre mim e minha família (MARINHO, 1992, p.13)⁹⁰

Foi nesse cenário que recebeu um chamado para encontrar-se com Roberto Marinho, que era o principal alvo das virulentas críticas de Brizola. O doutor Roberto, no entanto, recebeu-o “carinhosamente”, como se fossem amigos de antiga data, e o convidou para trabalhar. “Não me submeteu a nenhum interrogatório ideológico; não me impôs nenhuma restrição de qualquer natureza. Fez-me sentir como se estivesse em minha própria casa. Fui o primeiro cassado político a assinar artigos na imprensa brasileira. E os assinei em *O Globo*” (MARINHO, 1992, p.14-15). Com a edição do Ato Institucional nº 2, o então ministro da Justiça, Juracy Magalhães, exigiu que nenhum dono de jornal admitisse cassados políticos em suas redações. Segundo ele, ninguém protestou. Roberto Marinho foi a única voz que se insurgiu contra a ordem. “Disse-lhe que o cassado político perdia seus direitos políticos, mas não o direito ao exercício de sua profissão, que sequer lhe pertencia, mas à sua família que, para sobreviver, dependia da prática daquele direito”. (MARINHO, 1992, p.14)

Eram tão amigos, que Guimarães Rosa dedicou um poema para a filha de Franklin, Lygia Maria, quando do nascimento dela em 6 de março de 1953: “Grande louvação pastoril à linda Lygia Maria.” O poema não foi publicado em periódico, mas foi incluído no livro póstumo *Ave, palavra* (1970).

⁸⁹ No primeiro rol de cassados também estavam João Goulart, o ex-presidente Jânio Quadros, o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB) Luís Carlos Prestes, os governadores depostos Miguel Arraes, de Pernambuco, e Seixas Dória, de Sergipe, o reitor deposto da Universidade de Brasília Darci Ribeiro e o jornalista Samuel Wainer, além de 41 deputados federais, inclusive Leonel Brizola.

⁹⁰ Roberto Marinho – Uma trajetória liberal”, prefácio de Franklin de Oliveira, Rio de Janeiro: Editora Topbooks 1992, p. 13.

Membro da Academia Maranhense de Letras, Franklin de Oliveira publicou: *Ad. Imortalitatem* (1935), *Sete dias* (1948), *A fantasia exata* (1959), *Rio Grande do Sul, um novo Nordeste* (1962), *Revolução e contra-revolução no Brasil*(1963), *Viola d'amore*(1965), *Morte da memória nacional*(1967 e reeditado em 1993), *A tragédia da renovação brasileira* (1971), *Literatura e civilização* (1978), *Euclides: a espada e a letra* (1983), *A dança das letras* (antologia crítica, 1991) e *A Semana de Arte Moderna na contramão da história e outros ensaios* (1993). Ganhou o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (ABL), quando a instituição completou 80 anos. Sua família doou para a instituição sua biblioteca pessoal em setembro de 2000, com 5.185 obras.

2.1.2 Álvaro de Barros Lins (1912-1970)

Álvaro Lins e Guimarães Rosa tornaram-se amigos na esteira do lançamento de *Sagarana*. Desde então, frequentaram a casa um do outro, fizeram programas juntos com as esposas – Rosa e Aracy, Álvaro e Heloísa – e, quando moraram em cidades diferentes, protagonizaram intensa troca de correspondência. A descrição dessa intimidade aparece em uma carta de Álvaro a Rosa:

Na verdade, hoje, de repente, pela manhã, me veio uma saudade do monstro que criou o vaqueiro Mariano, que andava conosco pelo Bois de Boulogne, que comia oxinxim de galinha na Praia de Botafogo, e nos dava (ele, não, e sim Aracy!) a delícia de um macarrão à italiana em Copacabana. E deliberei escrever ao monstro-gênio uma carta sem assunto, um pouco à toa, só com algumas notícias.⁹¹

Ligado à política (assim como Franklin) desde a juventude em Recife, Álvaro poderia ter seguido carreira nesse campo. Mas desiludido com os rumos do país a partir do golpe do Estado Novo, buscou alento na literatura.⁹² Jornalista e político, Álvaro Lins tornou-se um dos críticos literários mais influentes do país nas décadas de 1940 a 1960, e um homem público de trajetória relevante: foi chefe da Casa Civil no governo Juscelino Kubitschek em 1956 e embaixador do Brasil em Portugal de 1956 a 1959.

Assinou em sua coluna *Jornal de Crítica*, no *Correio da Manhã*, a primeira resenha elogiosa a *Sagarana*. A crítica *Uma grande estreia* alçou o diplomata João Guimarães Rosa ao patamar de verdadeiro escritor:

⁹¹ Carta de 2/3/1953, Lisboa, consultada no IEB-USP, disponível em JGR-CP-01,08.

⁹² Em 1937, Álvaro Lins era secretário de Governo de Pernambuco e candidato a deputado federal pelo PSD. Mas, decepcionado com o golpe de Getúlio Vargas que instituiu o Estado Novo, decidiu dedicar-se à literatura. Dois anos depois, lançaria seu primeiro livro: *História literária de Eça de Queiroz*.

De repente, chega-nos o volume, e é uma grande obra que amplia o território cultural de uma literatura, que lhe acrescenta alguma coisa de novo e insubstituível, ao mesmo tempo que um nome de escritor, até ontem ignorado do público, penetra ruidosamente na vida literária para ocupar desde logo um dos seus primeiros lugares. O livro é *Sagarana* e o escritor é o sr. J. Guimarães Rosa.⁹³

Álvaro começou a trabalhar em jornais em 1933 como redator do *Diário de Pernambuco*. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1940, com uma carta de recomendação de Gilberto Freyre em mãos, e começou a colaborar para o *Correio da Manhã*, quando assumiu o rodapé literário – naqueles anos, os pés de página dos jornais eram reservados às colunas literárias. Durante sua longa permanência no *Correio da Manhã* (1940-1956), conviveu com renomados escritores e outros críticos literários. Oto Maria Carpeaux na época o cognominou “o crítico da coragem”, Tristão de Ataíde (codinome de Alceu de Amoroso Lima) o chamou de “o maior de nossos críticos vivos” e Antonio Candido o considerou “o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil”⁹⁴.

Seu nome circulava nacionalmente: suas colunas eram veiculadas em mais cinco jornais editados fora do Rio de Janeiro. Rosa chegou a comparar o amigo ao boxeador Joe Louis, sendo que o ringue eram os rodapés literários. Louis era considerado um dos maiores pugilistas de todos os tempos, e manteve o título de campeão mundial de pesos pesados por 12 anos (de 1937 a 1948)⁹⁵. Além de Guimarães Rosa, Álvaro Lins é lembrado por ter revelado Clarice Lispector, João Cabral de Mello Neto, Dalton Trevisan e Murilo Rubião. Corrigiu injustiças: fez isso com Jorge de Lima, a quem primeiro desdenhou, em 1941, para depois aclamar, em 1947. Em junho de 1953, quando as oscilações da política interna brasileira levaram à demissão de João Neves da Fontoura, Álvaro quis renunciar às suas funções em Lisboa, não o fazendo diante dos insistentes pedidos do ministro. Regressou, entretanto, ao

⁹³ *Correio da Manhã*, 12/4/1946, Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/30786> Acessado em 20 fev. 2019.

⁹⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC-FGV

⁹⁵ Folha. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais/5.html>> Acessado em 20 fev. 2019.

Brasil em agosto de 1954, devido à crise político-militar desencadeada pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Numa inversão dos fatos de 1937, desta vez a política o afastou da literatura, e Álvaro deixou a coluna de crítica literária no *Correio da Manhã* para assumir os editoriais políticos. Com o aval do dono do jornal, Paulo Bittencourt, passou a defender com veemência a legitimidade da posse de Juscelino Kubitschek. Na ocasião, redigiu três editoriais contra o então deputado federal Carlos Lacerda que se tornaram famosos.

Empossado, JK o convidou para chefiar o Gabinete Civil – seu subchefe era o escritor Josué Montello, também do círculo de amigos de Rosa. Em novembro desse mesmo ano, entretanto, Álvaro deixou o cargo para assumir a embaixada do Brasil em Lisboa. Depois, entretanto, em 1959, indispôs-se com JK ao conceder asilo ao general Humberto Delgado, um opositor da ditadura de Antonio Salazar (1889-1970). JK não avalizou o gesto, Álvaro sentiu-se abandonado e publicou uma carta de rompimento com o presidente. De volta ao Brasil, em 1961, Álvaro passou a dirigir o suplemento literário do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Deixou o periódico em 1964, e desde então dedicou-se exclusivamente à literatura, até falecer em 1970.

2.1.3 Josué Montello (1917-2006)

A leitura atenta dos diários de Josué de Sousa Montello, respeitado colunista do *Jornal do Brasil* e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, expõe sua proximidade com Guimarães Rosa. Há 50 menções ao autor do *Grande sertão: veredas* nos seis diários, reunidos em dois tomos. Ambos compartilhavam a devoção incondicional aos livros e o apreço pela vida monástica. Natural de São Luís do Maranhão – assim como Franklin de Oliveira – Montello relembra o convite do chanceler João Neves da Fontoura para que fosse ministrar o curso de estudos brasileiros na Universidade de São Marcos, no Peru. Rosa, que era chefe de gabinete de Neves, telefonou para que Montello fosse ao encontro do chanceler. Naquela ocasião, Montello sofria com o doloroso fim de seu casamento, mas registrou no diário que a oportunidade de passar uns meses em outro país abriu uma “vereda” em sua vida. A tristeza pelo fim do casamento durou pouco. Apenas dois meses depois, ele se casaria com Yvonne Pinto Sobral, que o acompanhou durante a estadia no Peru⁹⁶.

Em entrevista para esta pesquisa, Vilma Guimarães Rosa, filha do escritor, exalta a amizade de Montello com o pai. “Ah, esse daí é Deus no céu e ele na terra, um grande amigo”⁹⁷. Depois do Peru, o Itamaraty também enviou Montello para ministrar o curso de estudos brasileiros em Portugal, em 1957. Na aula inaugurou, afirmou que Guimarães Rosa fez uma revolução na língua

⁹⁶ *Diário da Manhã*, tomo I, 13 de abril de 1953 p. 69.

⁹⁷ Depoimento de Vilma Guimarães Rosa para esta pesquisa em 7/7/2018 em sua residência no Rio de Janeiro.

portuguesa. O conteúdo da aula foi publicado no *Jornal do Brasil*, onde Montello era articulista⁹⁸.

Quando concorreu pela primeira vez à Academia Brasileira de Letras, em 1958, Rosa fez de Montello seu confidente. “... Pensando muito em você, principalmente em você. Que pena, você não estar aqui, pertinho da gente, para animar, fortalecer, ajudar a aguentar”, escreveu o então candidato a imortal, em uma carta de novembro de 1957, conforme Montello registraria em seu diário

A primeira coisa que estou fazendo é escrever a você. Josué, mande-me palavras, conselhos, mande-me alma. Vou para a frente, se Deus quiser, candidato firme, até o fim, não recuo. Com desejo, angústia e respeito. Josué, pense em mim e abrace, forte, este muito seu amigo Guimarães Rosa⁹⁹

A eleição seria em janeiro de 1958. Um mês antes, Montello, que já era membro da Academia, tornaria público o seu voto em Guimarães Rosa. O candidato enviou-lhe uma carta de agradecimento, exaltando a relação de confiança com o amigo. “Portanto, repito: Josué, ser seu amigo é uma riqueza – mais que tudo, porque a gente volta a acreditar na amizade”¹⁰⁰. Passados dois anos, Montello desafiou os acadêmicos, que mais uma vez decidiram não conceder o prêmio Machado de Assis a Guimarães Rosa. O escolhido era Eduardo Frieiro, indicado por Levi Carneiro, que controlava a comissão julgadora. Inconformado, Montello recolheu mais de 20 adesões ao nome do autor de *Sagarana*, contrariando Carneiro e deflagrando uma crise interna. “Na Academia, ardeu Tróia”, registrou em seu diário. Escreveu também que o

⁹⁸ “A mais recente rebelião desse tipo na língua literária do Brasil é a de João Guimaraes Rosa, com as sete novelas dos dois volumes de *Corpo de Baile* e as 600 páginas compactas, densas, cerradas, sem uma só pausa em capítulos, do romance *Grande Sertão: Veredas*, incontestavelmente a mais arrojada aventura da nova ficção brasileira. Guimarães Rosa é um renovador da língua como Aquilino Ribeiro”. A língua literária no Brasil, aula inaugural no curso de literatura brasileira, proferida em 28/3/1957, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicado em 9/4/1957 no *Jornal do Brasil*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72576?pesq="Guimarães%20Rosa](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/72576?pesq=)> Acessado em: 10 fev. 2019

⁹⁹ Diário da Tarde, 18/11/ 1957, p. 509, tomo I

¹⁰⁰ Diário da Tarde, 1/12/1957, p. 511, tomo I

confronto com Carneiro “esteve a um passo do pugilato”. Ao fim, obteve o compromisso da instituição de que em 1961, a láurea seria de Rosa.¹⁰¹

Montello foi um prodígio; tinha 37 anos quando se elegeu para a ABL, contabilizando três romances publicados: *Janelas Fechadas* (1941), *A luz da estrela morta* (1948) e *Labirinto de espelhos* (1952), além de sete ensaios – dentre estes, um importante estudo sobre Gonçalves Dias, maranhense como ele. Estreou em jornais aos 15 anos, em 1932, quando publicou em *O Imparcial*, de São Luís (MA), um artigo sobre educação. Em dezembro de 1936 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou colaborador assíduo das publicações *A Careta*, *O Malho* e *Ilustração Brasileira*. Com o tempo, assinaria textos em vários periódicos nos quais publicou contos e crônicas, como a revista *Vamos Lêr!* e os jornais *A Manhã* e *Correio da Manhã*. Sua mais importante e longa atividade jornalística foi como colunista do *Jornal do Brasil*, a partir de abril de 1955, quando passou a escrever duas vezes por semana no espaço antes reservado a Roquette-Pinto (1884-1954) – “pai da Radiodifusão”, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nos anos 20 e autor do romance *Rondonia* (1917).

A coluna, que durou até 1993, foi batizada de “Areia do tempo”, e publicada sempre no alto da página 3, espaço nobre do periódico. Na apresentação do novo articulista aos leitores, o jornal diz que seu antecessor – Roquette-Pinto – havia criado “alguma coisa que era encantadora, o ensaiozinho de palmo e meio onde punha o esplendor de uma ideia nova e fecunda”. Sobre Montello, o texto afirma que, tal qual Roquette-Pinto, ele daria “as lições condensadas do muito que sabe e do muito que medita”¹⁰².

Montello dedicou a estreia da coluna ao amigo Manuel Bandeira, o “príncipe do espírito”, celebrando o aniversário de 70 anos que o poeta completaria em 12 meses.¹⁰³ A coluna repercutia no meio intelectual, como revelaria mais tarde o episódio envolvendo o escritor José Cândido de

¹⁰¹ Diário da Tarde, 15/6/1960, p. 622, 623, tomo I

¹⁰² Jornal do Brasil, 26/4/1955

¹⁰³ A coluna estreou em 30/4/1955, com o título “Imagens de Manuel Bandeira”. Em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/50415

Carvalho, autor de *O coronel e o lobisomem* (1964). Em 1984, Carvalho telefonou para Montello, queixando-se de um artigo de Antonio Candido na Folha de S. Paulo, no qual o crítico indicava Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto como as “grandes figuras” da literatura brasileira. Carvalho queria que Montello escrevesse uma nota dizendo que ele (Carvalho) também estava entre os grandes. Montello questionou por que ele mesmo não protestava em sua própria coluna no jornal *O Fluminense*. Mas Carvalho respondeu que o espaço de Montello era mais importante: “O bom seria o seu protesto, no Jornal do Brasil. Tem mais força”¹⁰⁴.

Integrante do círculo mais perene de amigos de Rosa, Montello, um ano depois de assumir a coluna no *Jornal do Brasil*, seria nomeado para um posto político: com a eleição de Juscelino Kubitschek, em 1956, tornou-se subchefe da Casa Civil. O titular da pasta era Álvaro Lins. Montello também fazia parte do seleto clube de amigos de José Olympio, no qual Rosa se inseria. A Livraria José Olympio Editora passou a publicar suas obras, a partir do segundo romance, *A luz da estrela morta* (1948). O relevante *Os tambores de São Luís* também seria impresso pela editora em 1975. No ano de 1986, o romance foi incluído pela Unesco na seleção de “obras representativas da humanidade até 1989”.

Esteve com Rosa no dia de sua posse na academia. No diário, registrou o ar aflito, as mãos frias e o pulso em disparada do novo acadêmico. Então, orientou-lhe a fazer um gesto de “correr a mão direita sobre a sobancelha correspondente”, durante a leitura do discurso, se não estivesse se sentindo bem. “Não me desampares, preciso que me socorram, só confio em ti”, suplicou Rosa na ocasião. Montello diz que pensou consigo: “Sempre o Rosa com os seus exageros”¹⁰⁵. O escritor viria a falecer três dias depois. Montello foi o primeiro a chegar ao seu apartamento, no Arpoador, como

¹⁰⁴ Diário da Noite, 26/1/1984, p. 361, tomo II.

¹⁰⁵ Diário do Entardecer, 19/11/1967, p. 968, 969, tomo I

registrou em suas memórias. “Já o encontrei preparado para a cerimônia final, assim imóvel, assim silencioso. Não lhe ouvirei mais a voz nem o riso.”¹⁰⁶.

O autor de *Tambores de São Luís* tinha a personalidade que mais se aproximava de Rosa quanto à vida reclusa e a dedicação obsessiva aos livros. Um episódio ocorrido quando ele tinha 19 anos e acabara de se mudar para o Rio de Janeiro comprova essa faceta. O fato é narrado por Viriato Correia no discurso de recepção ao escritor na ABL em 1955. Segundo Viriato, Montello desembarcou no Rio de Janeiro carregando três malas, sendo duas só de livros, e a outra com livros e roupas. Arrumou o primeiro emprego em um jornal para escrever sobre economia e finanças –foi colaborador, entre outros, do *Diário de Notícias* e do *Jornal do Commercio*. Depois de receber o primeiro ordenado – magros 300 mil-réis – ele passava pela Rua São José quando esbarrou em um leilão de livros. O leiloeiro apregoava as obras de Balzac, edição de Olendorf. “Duzentos e noventa mil réis!”, ofertava. Viriato narra que Montello “sentiu uma sacudidela em todo o corpo”, e gritou: “Trezentos!”, entregando ao leiloeiro o salário de um mês. Nas semanas seguintes, os companheiros da pensão tiveram de ajudá-lo com as despesas de transporte e alimentação¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Diário do Entardecer, 19/11/1967, p. 968, 969, tomo I

¹⁰⁷ *Diário de Notícias* e do *Jornal do Commercio*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/discurso-de-recepcao_4/6/1955> Acessado em 18 apr. 2018.

2.1.4 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

“João era tudo?”
(Drummond sobre Rosa)

Guimarães Rosa evocava a economia mineira para se distinguir de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) quanto ao temperamento: “O mineiro do ferro é o Drummond, o do barro sou eu”, dizia Rosa, segundo relato do poeta e embaixador Francisco Soares Alvim Neto, ou “Chico Alvim”, para esta pesquisa¹⁰⁸. Era uma licença poética referente a Itabira, cidade natal de Drummond, berço da exploração do minério-de-ferro no país. Segundo Alvim, Rosa se autodeclarava o “mineiro do barro” porque se via como “meio baiano, alegre”, alguém que “gostava de cantoria e de mulheres”. Já o seu conterrâneo ilustre seria mais calado, “desconfiado como o mineiro do ferro”.

Na época um diplomata em início de carreira, Alvim – que mais tarde, se tornaria um dos expoentes da poesia marginal, da geração de Cacaso e Chacal – conviveu com Rosa em seu gabinete no Itamaraty nos últimos anos de vida do “mineiro do barro”. Aos 27 anos, estava lotado no Departamento Cultural, chefiado na ocasião por um dos grandes amigos de Rosa no Itamaraty, o embaixador Everaldo Dayrell de Lima.¹⁰⁹ Alvim relembra que a comparação entre as duas personalidades veio à baila porque Rosa havia se esquivado de um grupo de brasilianistas que, durante uma reunião em seu gabinete no Itamaraty, queria prolongar a conversa na residência do escritor. No que Rosa retrucou em tom enfático: “lá em casa não!” Depois que os estudiosos deixaram a sala, Rosa comentou com Alvim: “agora eu dei uma de mineiro do ferro”.

Mineiros e aclamados pelas respectivas obras, Guimarães Rosa e Carlos Drummond não eram íntimos, mas conviviam socialmente – em particular, nos concorridos almoços na Livraria José Olympio Editora – e

¹⁰⁸ Depoimento para esta pesquisa concedido em sua residência em Brasília em 28/4/2018.

¹⁰⁹ Everaldo Dayrell de Lima é citado por Rosa em uma nota pé a um dos prefácios de *Tutameia, Sobre a escova e a dúvida*: “meu colega amigo Dayrell, do Serro-Frio”. Nesta citação, o escritor revela que o amigo lhe apresentou a palavra soroptimícia ou, no inglês, serendipity - a arte de fazer descobertas ao acaso.

admiravam-se mutuamente. Rosa referia-se carinhosamente ao poeta como “este Drummond de ar sertanejo” ou o “bruxo de outras artes”.¹¹⁰ De sua vez, Drummond via o conterrâneo como um ser humano além do normal, e o cita entre suas admirações literárias, ao lado de Machado de Assis e Gonçalves Dias. “Guimarães Rosa para mim continua admirável. Por mais que ele tenha em boa conta a originalidade de seus processos literários, vai muito além do seu próprio julgamento. Acho que ele é um louco que pensa que é Guimarães Rosa”.¹¹¹

É notável que ambos tenham publicado contos, crônicas e poemas nos mesmos veículos de imprensa, exatamente nos mesmos períodos. É singular, por exemplo, que tenham estreado juntos no jornal *O Globo*, com chamada na primeira página, no dia 7 de janeiro de 1961:

Uma notícia certamente grata para os leitores de *O Globo*, especialmente para os que mais se detêm nas nossas páginas literárias: Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa estão hoje nas colunas de “Porta de Livraria”. Não é necessário reeditar aqui tudo o que se tem dito em louvor dos dois admiráveis escritores para acentuar a importância da inclusão desses nomes entre os grandes colaboradores de *O Globo*. Guimarães Rosa estará na nossa seção literária todos os sábados em “Guimarães Rosa conta”. Drummond também com uma página de excepcional qualidade aparece hoje e aparecerá outras vezes para satisfação de *O Globo* e dos seus leitores.¹¹²

Rosa e Drummond ocuparam a Segunda Seção, caderno de *O Globo* que misturava noticiário esportivo (tendo o futebol como carro-chefe), coluna social, quadrinhos, classificados, palavras cruzadas, jogo dos sete erros, cinema, teatro, literatura etc. Rosa estreou com o conto *De Stella et advento magorum*, republicado mais tarde no livro póstumo *Ave, Palavra* (1970), e Drummond com o poema *Janela*. No diário carioca, Rosa publicaria

¹¹⁰ Conforme relato do repórter Álvaro Salema na crônica “Na Livraria José Olympio com Drummond de Andrade e Guimarães Rosa”, publicada no Diário de Lisboa, 29/7/1965. As citações foram retiradas do recorte disponível para consulta em JGR-R8, 40, IEB-USP.

¹¹¹ Pedro Bloch entrevista Drummond. Revista Manchete, 1963, Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/51009> Acessado em: 03 mar. 2019;

¹¹² O globo. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019610107.>> Acessado em: 03 mar. 2019

semanalmente, sempre aos sábados, em uma colaboração que se estendeu de janeiro a agosto. Seus contos, crônicas ou poemas eram impressos na prestigiada coluna “Porta de Livraria” de Antonio Olinto. Drummond seria um colaborador frequente, mas sem data fixa para publicação de seus textos.

Rosa e Drummond ainda foram colaboradores, simultaneamente, entre 1947 e 1967, do *Correio da Manhã*, *O Globo*, revistas *Senhor*, *O Cruzeiro* e *Comentário*, além de colunistas do jornal médico *Pulso*. Depois de estreiar nos jornais em 1930, participando de concursos literários da revista *O Cruzeiro*, Rosa só voltaria a assinar textos em periódicos em 1947, quase duas décadas depois. A reestreia foi com “História de fadas”, no *Correio da Manhã*. O segundo texto – a crônica de viagem “Sanga Puytã – publicado em 17 de agosto de 1947, teve ao seu lado uma resenha de Drummond: “A volta de Bopp”, sobre o lançamento do livro “Poesias” (1947) do poeta modernista e diplomata Raul Bopp (1898-1984). Drummond se tornaria colunista fixo do jornal em 1954. Também o terceiro texto – a primeira parte da reportagem “Com o vaqueiro Mariano” – publicado em 26 de outubro de 1947 dividiu a página com uma crônica de Drummond: “Recordações de Província – O político”. (Reproduções dessas duas páginas podem ser consultadas no Anexo).

Rosa reestreava nos jornais em meio à consagração pelo lançamento de *Sagarana*, um ano antes. Drummond, em contrapartida, era um autor maduro, já reconhecido pelos seus livros *Alguma poesia* (1930) e *A rosa do povo* (1945), e exercia o jornalismo como ofício desde 1921 – quando começou no *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, o mesmo jornal em que muitos anos depois, em 1953, Rosa publicaria dois textos: *Terrae vis* (Em 25 de janeiro) e *Ao Pantanal* (em 5 de abril).

Rosa considerava a palavra uma “coisa sagrada”, e ao defender a recuperação da linguagem literária, apontou Drummond – já nos anos 40 – como o escritor que detinha o pleno domínio do idioma, destacando um dos poemas do livro de *A rosa do povo* como exemplo de aplicação da palavra exata a uma obra literária:

Uma palavra é coisa sagrada, em todos os sentidos. Já leu aquele assombroso poema “Áporo”, em *A rosa do povo*?¹¹³ Não é novo gênero, mas é espécie inédita, que, para o meu uso, batizei de tecnema, palavra que os gregos tinham. Dá matéria para uma *Sagarana* de meditação... e o relaxamento de linguagem escrita é perigoso, leva à pobreza.¹¹⁴

Dois anos depois, ao responder a uma enquete na prestigiosa coluna Vida Literária, de José Condé, Rosa voltaria a citar Drummond como um escritor que detém absoluto domínio do idioma. A enquete tratava dos dez maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Três autores responderam. Franklin de Oliveira e Dinah Silveira de Queiroz citaram Drummond, mas Rosa o excluiu, com a seguinte justifica:

Não incluo Carlos Drummond de Andrade para evitar acumulação: deixo-o para os “10 Maiores Prosadores”. Carlos Drummond é, a meu ver, o maior dominador do idioma, e dificilmente poderá ser superado. Basta ler-se o capítulo *Esboço de uma casa*, do livro *Confissões de Minas*.¹¹⁵

Entre 1960 e 1962, Rosa e Drummond foram colaboradores da revista *Senhor*, de Nahum Sirotsky. Nela, Rosa publicou *Meu tio o lauretê*, em março de 1961. Finalmente, em 1965, os dois se revezariam quinzenalmente na mesma coluna no jornal médico *Pulso*, um semanário publicado pelo laboratório Sidney Ross. Foi o periódico para o qual Rosa contribuiu de forma sistemática e por mais tempo: dois anos, de maio de 1965 a agosto de 1967. Os textos de *Pulso* foram reunidos no livro *Tutameia* (1967).

Uma diferença notória entre ambos era o fato de que Drummond teve o jornalismo como ofício. “Sou um funcionário público aposentado, e um jornalista em atividade. Nas horas vagas, porém – como dizia Camilo Castelo

¹¹³ Áporo: “Um inseto cava/ cava sem alarme/ perfurando a terra/ sem achar escape. Que fazer, exausto, em país bloqueado, enlace de noite/ raiz e minério? Eis que o labirinto (oh razão, mistério) presto se desata: em verde, sozinha, antieuclydiana, uma orquídea forma-se”.

¹¹⁴ Entrevista a Ascendino Leite, o *Jornal*, 26/5/1946
<[http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33236?pesq="Ascendino%20Leite](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33236?pesq=)>. Acessado em 10 fev. 2019.

¹¹⁵ Resposta à enquete de Vida Literária, no *Correio da Manhã*, em 4/7/1948
<http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/42247> A coluna seria republicada dois anos depois, em 10/9/1950

Branco –, sou um literato”, disse na entrevista para a filha Maria Julieta.¹¹⁶ Embora formado em Farmácia, em 1926, Drummond se tornou redator-chefe do *Diário de Minas*, e depois colaborou para jornais e revistas até o fim da vida. Seu livro de estreia, *Alguma poesia*, saiu em 1930. Sua obra reúne 17 livros de poesia, dez de prosa – inclusive a correspondência com Mário de Andrade –, cinco infanto-juvenis e nove antologias de crônicas e poesia.

Guimarães Rosa e Carlos Drummond eram figuras frequentes nos almoços com escritores promovidos pelo editor José Olympio na sede da editora, na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Um desses encontros foi testemunhado em 1965 pelo jornalista português Álvaro Salema, que descreveu o evento em artigo publicado no *Diário de Lisboa* em 1965.¹¹⁷ Salema relata que chegou para o almoço num dia de chuva torrencial, com “água até os joelhos”, e inesperadamente, esbarrou com os dois mineiros, “duas figuras das maiores na literatura brasileira deste século, sem qualquer intuito nem solicitação de entrevista, em volta de uma mesa simples e sóbria, onde se falou de tudo e ninguém pretendeu nada”. O português havia sido convidado pelo relações públicas da editora, Adalardo Cunha. Lá estavam o anfitrião José Olympio, o jornalista e escritor Povina Cavalcanti, Joaquim Daniel Pereira, irmão do editor, o professor Victor Rodrigues, Riva Blanche, entrevistadora literária da televisão, o diplomata Alberto da Costa e Silva, Drummond e Rosa. Ele acrescenta que Manuel Bandeira era aguardado, mas o temporal o reteve em casa.

Rosa e Drummond eram conhecidos em Portugal, onde já haviam sido publicados. Drummond teve sua *Antologia poética* (1962) divulgada pela Portugalia Editora, enquanto Rosa era publicado pela Livros do Brasil, de Antonio de Souza Pinto. De Drummond, Salema relata que falou da infância em Itabira, do trabalho com Gustavo Capanema no Ministério da Educação, além de ter debatido com Rosa os “limites da autenticidade possível de uma

¹¹⁶ Drummond fala a Maria Julieta Drummond, 29/1/ 1984, Jornal O Globo.

¹¹⁷ “Na Livraria José Olympio com Drummond de Andrade e Guimarães Rosa”, publicada no *Diário de Lisboa*, 29/7/1965. As citações relacionadas ao texto de Álvaro Salema foram retiradas do recorte disponível para consulta em JGR-R8, 40, IEB-USP.

linguagem literária moldada na linguagem popular”. Sobre Guimarães Rosa, diz o português: “na superfície da convivência há uma sugestão de timidez sob o sorriso de irônica modéstia, coado através de um olhar resguardado pelas lentes grossas dos óculos. Na sua palavra sacudida tudo se dilata.” Em um relance da conversa, Salema narra que o professor Victor Rodrigues alfineta o autor de *Sagarana*: “Guimarães Rosa põe vaca na altura para a descrever maior”. Lembra que Rosa lhe perguntou se sua literatura era compreendida em Portugal. “Mas os leitores portugueses conseguem entender-me? E sem dicionário brasílico?” Salema respondeu-lhe que o glossário de Alberto da Costa e Silva na edição portuguesa de *Sagarana* ajudou os leitores de além-mar, mas ponderou que eles têm o gosto da “tradição vernacular dos clássicos”, de Camilo Castelo Branco e Aquilino Ribeiro.

No mesmo almoço, tratou-se de política. Uma das afinidades entre Rosa e Drummond era justamente o dissabor em falar sobre o assunto. Ao jornalista português, naquela tarde, Drummond confessou que se sentiu atacado pela crítica por motivos políticos.

Os meus livros de poesia foram bode expiatório no movimento modernista. Atacavam-me dos mais diversos setores, com argumentos literários, por vezes, mas confundindo neles as circunstâncias da minha atividade profissional e da direção, que exerci por algum tempo, do jornal *Tribuna Popular* [do Partido Comunista]. E, no entanto, estava já então convencido, como continuo hoje, da incompatibilidade radical entre o meu temperamento e a política.¹¹⁸

A Salema, Drummond revelou sua razão de viver: “Nunca pedi nem desejei da vida senão alguma poesia” – título de seu livro de estreia de 1930. Drummond foi chefe de gabinete do ministro da Educação, Gustavo Capanema, do governo Getúlio Vargas, de 1937 a 1945, durante a ditadura do Estado Novo, num momento em que a elite intelectual do país estava vinculada ao Ministério. Também assessoravam Capanema, entre outros: Mário de

¹¹⁸ “Na Livraria José Olympio com Drummond de Andrade e Guimarães Rosa”, publicada no *Diário de Lisboa*, 29/7/1965. As citações relacionadas ao texto de Álvaro Salema foram retiradas do recorte disponível para consulta em JGR-R8, 40, IEB-USP.

Andrade, Candido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles e Afonso Arinos.

O poeta sempre argumentou, entretanto, que suas funções eram protocolares, e não políticas. “Já fui acusado de ter sido instrumento do Estado Novo. Na verdade, aceitei apenas trabalhar com o meu amigo Gustavo Capanema”, disse em entrevista à filha Maria Julieta publicada no jornal *O Globo*.

Não saí em 37 e fiquei até 45 porque minhas funções nunca foram políticas, mas estritamente burocráticas. Capanema achava que eu era útil a ele, e eu gostava de ser útil ao meu amigo. Mas eu não tinha a menor ligação com o governo, nunca fiz discursos, nem escrevi artigos elogiando o presidente. (DRUMMOND, 1984)¹¹⁹

Confessou à filha que sua fase poética mais produtiva foi a social, quando se achava imbuído de ideais políticos:

Queria dar a minha contribuição através da poesia, mas a tentativa se frustrou: um começo de militância política no jornalismo, sem compromisso formal com o comunismo, e me decepcionou tão profundamente que eu não quis mais saber daquilo. Refluí então para uma poesia mais subjetiva, algo metafísica”. (DRUMMOND, 1984)

Em 1945, depois que deixou a chefia do gabinete de Capanema, Drummond aceitou convite de Luís Carlos Prestes para ser codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Meses depois, entretanto, afastou-se por discordar da orientação do jornal, e foi trabalhar na diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN).

No universo jornalístico, Drummond e Rosa eram igualmente avessos a entrevistas. A revelação de que Drummond evitava falar a seus colegas de profissão veio da filha Maria Julieta, que o entrevistou para *O Globo* em 1984, informando que o pai era pessoa “sabidamente reservada e pouco propensa a prestar depoimentos em público”. “Não gosto é de entrevistas

¹¹⁹ “Drummond fala a Maria Julieta”, entrevista de Carlos Drummond de Andrade, *O Globo*, 29/1/1984.

chatas, com pessoas que me perguntam quando é que eu nasci, se já publiquei algum livro, se tenho mensagens para os jovens” (DRUMMOND, 1984).

Os mineiros homenagearam-se reciprocamente, com a ressalva de que a de Drummond a Rosa viria *post mortem*. Em 1961, pouco depois da estreia de ambos em *O Globo*, Rosa escreveu uma crônica para Drummond, publicando-a no matutino carioca. O título era *Além da amendoeira*, em alusão ao livro *Fala, amendoeira*, do conterrâneo, publicado em 1957. Na crônica, Rosa relata que em meio a um passeio bucólico com seu cachorro, o pequinês Sung, quando saíram para “conferir as amendoeiras”, encontraram ao acaso Carlos Drummond de Andrade. O leitor descobre, então, que eram vizinhos no Posto 6 em Copacabana: moravam a 280 metros um do outro, Rosa na Rua Francisco Otaviano, Drummond na Conselheiro Lafaiete.

De de-dentro, porém, e reta para a varanda, pressentia-se tensa presença. Súbito, com elástico pé-ante-pé, alguém avançara de lá, a furto. Já de noite, às pardas, à primeira não se distinguia: sombra ou resumo de vulto. [...] Até que por viva alma decifrei-o – o bruxo de outras artes. Drummond. E só então deve de ter-me reconhecido. Ele morava, ali, à beira da amendoeira. (ROSA, 1961)¹²⁰

Rosa revela na crônica que o poeta era o “vigia” de uma amendoeira jovem que crescia à frente de sua casa, e tentava impedir que vândalos a derrubassem. Eles discorreram sobre a força e peculiaridades da planta, até se separarem. “Era uma célebre noite”, definiu Rosa, justificando a necessidade da despedida ante os “inadiáveis deveres do introvertimento”: a solidão do ofício de escritor. Ao fim, Rosa revela que tem perto de casa uma outra amendoeira, esta madura, com mais de oito anos, que guarda sob suas raízes o corpo de seu gato Tout-Petit. Num contraponto a Drummond, que na crônica *Fala, amendoeira* dialoga com a árvore sobre as agruras de envelhecer, Rosa conclui sua história evocando a saudade do felino que não tem mais ao seu lado. Para a sua árvore, Rosa pede silêncio. “a minha, a quem, então, às vezes peço: – Cala, amendoeira.”

¹²⁰ “Além da amendoeira”, publicado em *O Globo* em 21/1/1961, e depois em *Ave, palavra*, 1970.

Drummond iria retribuir a graça seis anos depois. Passados dois dias da morte de Rosa, os principais jornais da época publicaram o poema *Um chamado João* (1967), que ele compôs para o amigo, e hoje abre todas as edições dos livros de Rosa:

João era fabulista? Fabuloso? Fábula? Sertão místico disparando no exílio da linguagem comum?
Projetava na gravatinha a quinta face das coisas inenarrável narrada?
Um estranho chamado João para disfarçar, para forçar o que não ousamos compreender?
Tinha pastos, buritis plantados no apartamento? No peito? Vegetal ele era ou passarinho sob a robusta ossatura com pinta de boi risonho?
... João era tudo?
(...) Ficamos sem saber o que era João e se João existiu de se pegar.

Assim como Rosa, Drummond foi publicado em diversos países: Argentina, Estados Unidos, Portugal, Holanda, Suécia. Recebeu vários prêmios: pelo conjunto à obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira (1946), prêmio Nacional Walmap de Literatura (1975), prêmio Morgado Mateus (Portugal) de poesia (1980). Recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1980). Em 1987, foi homenageado com o samba-enredo *O reino das palavras*, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagrou campeã do Carnaval. Nesse mesmo ano, em dia 5 de agosto, morreu sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Profundamente abalado, o poeta morreu 12 dias depois, em 17 de agosto.

2.1.5 João Neves da Fontoura (1889 – 1963)

“Você é a minha consciência mineira”.
(Neves sobre Rosa)

Guimarães Rosa dizia-se “religioso e supersticioso”.¹²¹ Escreveu sobre o imponderável em pelo menos dois contos de *Ave, palavra* (1970): *A senhora dos segredos*, que trata da visita a uma cartomante, e *Os abismos e os astros*, que investiga a fatalidade em torno de personagens históricos.¹²² Pois quis o assombroso destino que, chegasse a hora e a vez de João Guimarães Rosa tornar-se um imortal da Academia Brasileira de Letras, seria para ocupar a cadeira de seu grande amigo e chefe no Itamaraty, João Neves da Fontoura. “Por essa mesma proximidade, tanto e muito me escapa; fino, estranho, inacabado é sempre o destino da gente”, discursou na cerimônia de posse¹²³. O diplomata, político, acadêmico e advogado João Neves da Fontoura – e jornalista, nos últimos anos de vida – tornou-se um dos grandes amigos de Rosa. O escritor foi seu chefe de gabinete nos dois períodos em que ele exerceu o cargo de ministro das Relações Exteriores: primeiro no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, e depois no segundo mandato de Getúlio Vargas. Trabalharam juntos, primeiro, de 1946 até agosto de 1948, quando Rosa foi remanejado para a Embaixada do Brasil em Paris. E por último, entre 1951 e 1954.

A relação era de respeito mútuo, ou mesmo de veneração, como sugere o relato do amigo em comum Josué Montello, em um de seus diários. Rosa fazia a leitura de seu parecer sobre a unificação da ortografia portuguesa em reunião do Conselho Federal de Cultura no Rio de Janeiro, em agosto de 1967. Todas as vezes que mencionava João Neves, falecido havia quatro

¹²¹Entrevista a Maria da Graça Coutinho, 1965.

¹²² “Antes que tudo, o assombro. Era uma das vezes em que, enorme, o que devia não ser possível sucede, o desproporcionado”, refletiu em *Os abismos e os astros*, sobre o assassinato de John Fitzgerald Kennedy. “A Providência é incompreendida computadoradora. Podem-se prever suas voltas? Os adivinhos, metapsíquicos, astrólogos, por vezes tem-se de aceitar que algum visor de verdade resida em seus dons e arte”. (*Os abismos e os astros*)

¹²³ ROSA, Vilma Guimarães. “O Verbo & o Logos”, discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 16/11/1967. *Relembraimentos*, 2014, p. 597.

anos, Rosa, que lia sentado, “repentinamente se levantava – como outrora, na Rússia, os nobres se levantavam à enunciação do nome do czar”(MONTELLO,1967,p. 932)¹²⁴ Ao assumir pela primeira vez a função de ministro das Relações Exteriores no governo Dutra, Neves encomendou ao embaixador Orlando Leite Ribeiro, chefe do Departamento de Administração, um nome para chefiar o seu gabinete. O perfil exigido era de alguém que não se ensaiasse “eminência parda” ou “ministrinho”, e que “entrasse para a chefia com atitude de espírito igual à de quem sai”. Quando soube que a indicação de Ribeiro era, ainda por cima, de um mineiro, Neves decidiu-se por Guimarães Rosa. (ROSA,2014, p.605)¹²⁵

Em artigo num semanário, Neves publicou: “Para a chefia do gabinete convidei o então 1º Secretário João Guimarães Rosa. Não o conhecia bem, mas, num lampejo ocasional, ele me apareceu como a pessoa de que precisava junto de mim”. Mais tarde, em seu livro de memórias, escreveria: “Rosa é um dos meus mais novos amigos”. Tornaram-se amigos com brechas para espontaneidades. Neves chamava Rosa de “Cordisburgo”. O escritor dirigia-se a ele como “ministro”, mas nos momentos de muita descontração, respondia “Cachoeira”, em alusão a Cachoeira do Sul, terra natal de Neves, de onde ele foi liderança política. A amizade e a confiança alçaram Rosa à condição de conselheiro do embaixador. Em dado momento, Rosa lhe perguntou como o tolerava. “Você é a minha consciência mineira”, respondeu o chanceler. (ROSA, 2014, p. 605 e 610).

Em uma passagem de seu diário, Josué Montello relembra um almoço de confraternização de fim de ano, em 1958, no restaurante da Mesbla, na companhia de Rosa e Neves, com a vista sobre o mar e a cidade. Neves falou de seu livro Memórias, recém lançado. Montello e Rosa foram os primeiros a lê-lo. “Uma reunião de velhos amigos, aproximação do Natal. Iniciativa de João Neves, que tem por mim uma velha amizade, sedimentada pelo convívio da Academia”, registrou. Nesse encontro, Neves comentou que

¹²⁴ Diário da Tarde, 13/8/1967, p. 932, tomo I

¹²⁵ ROSA, Vilma Guimarães. “O Verbo & o Logos”, Relembrações, 2014, p. 605.

Assis Chateaubriand o convidara para escrever semanalmente para *O Jornal*, mas ele relutava. Quando sentiu que o amigo estava contrariado, enviou ao periódico um artigo sobre a comemoração do 93º aniversário de Borges de Medeiros¹²⁶. Contudo, após deixar o Ministério das Relações Exteriores, em 1953, Neves se tornaria articulista e editorialista fixo de *O Globo*, a convite de Roberto Marinho. Rosa comentou a migração do amigo para a imprensa:

Ele não quis ser ministro do JK, foi convidado e entrou à imprensa que nem a outra paliçada. Formou de jornalista, dos pontualmente mais atuantes, em artigos e editoriais, coraçoados, escorridos, acertantes, de destopeteada bravura. Das coleções de *O Globo*, por mencionar, estariam de desentranhar-se, desses, volume e volume”. (ROSA, 2014, p. 605 e p. 618).

Em depoimento para esta pesquisa, o ex-secretário de redação de *O Globo* Argeu Affonso afirmou que João Neves era um “redator brilhante”.¹²⁷ Embora Guimarães Rosa afirmasse em seu discurso de posse na Academia que o chanceler entrou para a imprensa depois que deixou o segundo governo Getúlio Vargas, em 1953, Affonso pondera que ressalta que João Neves começou a redigir editoriais para *O Globo* em 1946, após a queda de Getúlio Vargas. “Ficou de 1946 a 1950 como editorialista reconhecido, e a partir da volta de Getúlio à presidência (em 1950) continuou como editorialista, embora isso fosse tratado como coisa secreta, já que ele voltara ao governo [como chanceler, pela segunda vez]”. Segundo Affonso, a continuidade de João Neves na redação dos editoriais, acumulando a função com o Ministério das Relações Exteriores, era um “segredo de polichinelo, pois todo o Brasil sabia da sua função no jornal.”¹²⁸

¹²⁶ Diário da Tarde, 20/12/1958, p. 562, tomo I

¹²⁷ Depoimento de Argeu Affonso, 88 anos, para esta pesquisa por email, encaminhado em 10/5/2018. Ele começou a trabalhar em *O Globo* em 1956, passou pelas editorias de Política, Esportes, Educação e Geral, e em 1977 foi promovido a secretário de redação.

¹²⁸ O acúmulo da função pública com a redação de editoriais era uma prática daqueles anos. Em depoimento para esta pesquisa em 18/12/2018, o embaixador Alberto da Costa e Silva afirmou que Álvaro Lins acumulou a função de ministro-chefe da Casa Civil de Juscelino Kubitschek em 1956 com a redação de editoriais para o *Correio da Manhã*. Com a sobrecarga, foi nomeado embaixador em Portugal e deixou o Brasil no fim daquele ano, abandonando o cargo e o jornal.

2.1.6 Otto Lara Resende (1922-1992)

Antes da literatura e do jornalismo, a mineiridade uniu Otto Lara Resende e Guimarães Rosa. Otto relembra que o autor de *Sagarana* foi aluno de seu pai em São João Del Rei:

Até o fim da vida, sabia de cor uma cópia que meu pai lhe passou por estar lendo durante a aula um livro de Camilo Castelo Branco. A cópia tinha várias linhas e era um elogio da leitura... Rosa repetia a cópia (que infelizmente não guardei) e imitava meu pai, referia-se aos seus olhos que refletiam autoridade. (RESENDE, 2017)¹²⁹

Homem de letras, como tantos intelectuais das décadas de 50 e 60, Otto buscou as redações como meio de subsistência. Compartilhava, entretanto, a angústia de tantos de seus contemporâneos com o jornalismo, que demandava tempo e energia criativa. Ele havia sido contratado por Ricardo Marinho, irmão de Roberto, responsável pelo Segundo Caderno de *O Globo*, que trazia os artigos de cultura e entretenimento. Em meados dos anos 50, Otto atravessava uma crise com o trabalho no jornal, do qual dizia ter desenvolvido “sagrado horror”. Relembra que, certa manhã, viu-se impactado por uma conversa com o escritor Murilo Mendes, que se declarou “preso” à redação do jornal. Naquele dia ele não retornou ao emprego. Mas semanas depois, sem alternativa, foi convencido a voltar pelo próprio Ricardo Marinho. Aos 32 anos, em meio à crise jornalística, recebeu uma oferta do embaixador Vasco Leitão da Cunha para assumir um posto na América Latina, que poderia ser a Bolívia, e mais tarde, fazer provas para o ingresso na carreira. Rosa havia servido na Colômbia. Foi se aconselhar com o escritor, mas a resposta o desconcertou. “O Rosa começou a rir e me disse que ele não iria para nenhum dos postos, nenhum dos três, ainda que só conhecesse um deles. Essa conversa foi decisiva para eu desistir do projeto que, na verdade, não me seduzia muito”(RESENDE, 2002, p.144-145)¹³⁰.

¹²⁹ RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*, “Um biscoito que virou pirâmide”, 2017, posição 2934, versão para Kindle)

¹³⁰ *Três Ottos por Otto Lara Resende*, 2002, p. 144/145. O trecho foi extraído de nota do autor, datada de 23/8/1987, sem assinatura, datiloscrito original.

A aflição descrita por Otto afetava grande parte dos escritores, que invariavelmente acabavam nas redações. Rosa optou pela diplomacia, e ainda buscou a Divisão de Fronteiras como um posto tranquilo onde pudesse conciliar o ofício com a literatura. Otto ressalva, todavia, que no caso de outros escritores, a diplomacia enterrou o talento e a capacidade produtiva.

No Itamaraty eu via um abrigo contra a vida dispersiva, o vencimento tranquilo, a solidão no exterior, mas via também, pelo que eu já sabia, alguns inconvenientes (tinha presentes inclusive os casos de escritores que, tendo ido viver no exterior, nada mais escreveram, como Aluísio de Azevedo).(RESENDE, 2002, p.145)

A série de dedicatórias de Guimarães Rosa para Otto espelha a longa amizade entre ambos. No exemplar da primeira edição de *Sagarana* (1946), Rosa escreveu: “A Otto Lara Rezende, com o maior apreço. Rio 5/V/946”. Já na segunda edição, em 1951, o tom era mais fraterno: “Para Otto Lara Rezende com uma simpatia e um entendimento de Anjos-da-Guarda, que abrem porteira para longa amizade. O Guimarães Rosa 5.IX.51”. A mensagem assinada no exemplar de *Corpo de baile* (1956), em fevereiro de 1956, é mais afetuosa. “Meu caro Otto, se você, que é um artista verdadeiro, com uma sensibilidade, a n dimensões, e capaz, capaz, capaz – gostar deste Corpo de Baile, eu ficarei contente. Com forte abraço o Guimarães Rosa. Rio 27.II.56” E a velha amizade fica evidente na dedicatória em *Tutaméia* (1967), com alusão à cidade onde Rosa foi aluno do pai dele: “Meu Otto e lisboeta, grande em São João Del Rei. E aqui em toda parte. Esta Tutaméia, se você dela gostar, estou pago. Agora o sempre abraço grato do Guimarães Rosa. Rio 1967”.¹³¹ Em 1958, quando concorreu pela primeira vez à Academia Brasileira de Letras, Rosa encomendou a Otto – que estava de partida para a Bélgica – que apanhasse o voto de Manuel Bandeira, que estava na Holanda. Diante do pleito, o poeta enviou uma carta a Rosa, empenhando o seu voto, salvo se

¹³¹ As dedicatórias foram compiladas por Tatiana Longo dos Santos, organizadora do livro *Três Ottos por Otto Lara Resende*, 2002, p. 63. (Rosa escreveu com Z o sobrenome de Otto, que na verdade é com S: Resende.)

outro nome “grande também pelo coração” se apresentasse. Esse nome se apresentou: era Afonso Arinos de Melo Franco. (RESENDE, 2017)¹³²

Otto Lara começou jovem no jornalismo, escrevendo para o *Diário de Minas*, em Belo Horizonte, ao lado de Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. O quarteto ficou conhecido como os “cavaleiros íntimos do apocalipse”. Depois trabalhou em *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Última Hora* e *Diário Carioca* e dirigiu a revista *Manchete* e o *Jornal do Brasil*. Nos anos 60, era apresentador de um programa na TV Globo ao lado do amigo Armando Nogueira. Vamos mostrar, adiante, que Rosa fazia pedidos a Otto para divulgar fatos de seu interesse na imprensa.

¹³² RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá e outros perfis*, “Um biscoito que virou pirâmide”, 2017, posição 3033, versão para Kindle)

2.1.7 João Condé (1912-1996) e José Condé (1917-1971)

Os irmãos João e José Condé, pernambucanos de Caruaru, perderam os pais ainda na adolescência, e migraram para o Rio de Janeiro nos anos 30, com o irmão mais velho, Elysio. José dedicou-se ao fazer literário: escreveu contos, romances e novelas, enquanto João projetou-se como titular da antológica coluna literária “Arquivos Implacáveis”. Em 1949, os três irmãos fundaram o *Jornal de Letras*, que circulava uma vez por mês, e se tornaram referência na crônica literária. Simultaneamente, João e José dedicavam-se a outros espaços literários.

Por volta de 1950, José começou a trabalhar com o conceituado crítico Álvaro Lins, então diretor do suplemento literário do *Correio da Manhã*, assinando a seção Vida Literária, que em 1952 seria rebatizada como Escritores e Livros. No mesmo período, José publicou o romance *Onda selvagem* (1950), que obteve o segundo lugar num concurso patrocinado pela revista *O Cruzeiro*. Uma de suas obras mais renomadas, o romance *Terra de Caruaru* (1960), foi agraciado com o prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, e ganhou uma edição portuguesa. José Condé também é autor de *Pensão Riso da Noite: rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)*, de 1966. Uma das novelas da obra, *Venturas e Desventuras do Caixeiro-Viajante Ezequiel Vanderlei Lins, o seu Quequé para os Íntimos*, que narra a história de um caixeiro-viajante casado com três mulheres, inspirou a minissérie *Rabo-de-saia* da TV Globo em 1984.

Irmão do meio, colecionador obsessivo, João Condé estreou a coluna Arquivos Implacáveis em 1946 no suplemento *Letras e Artes* do jornal *A Manhã*. Já naquele tempo havia a preocupação com os direitos autorais. No alto da página, à direita, lia-se a advertência: “Os Arquivos Implacáveis não podem ser transcritos, mesmo parcialmente, sem autorização do sr. João Condé, que sob sua responsabilidade direta dirige a seção”.¹³³

¹³³ Memória. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/114774/63?pesq="Arquivos%20implacáveis](http://memoria.bn.br/DocReader/114774/63?pesq=)> Acessado em 06 fev. 2019

Em 1952, a coluna migraria para a consagrada revista *O Cruzeiro*, onde circulou por 19 anos. A epígrafe que emoldurava todas as edições foi criada por Carlos Drummond de Andrade, quando exaltou o hábito do colecionador: "Se um dia eu rasgasse meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção; restariam os Arquivos Implacáveis de João Condé".¹³⁴

Na revista *O Cruzeiro*, a coluna estreou no dia 13 de dezembro de 1952 com uma entrevista-perfil do titular, ressaltando que, amigo de escritores e frequentador do universo literário, a peculiaridade era que João Condé não criava.

Não há, entre os que se interessam pela literatura no Brasil, quem não conheça, ao menos de nome, João Condé. É uma figura popularíssima, está frequentemente em foco. Mas afinal de quem se trata? – poderá perguntar o leitor leigo no assunto, que obras publicou? Onde escreve? – isso respondemos simplesmente: Condé não escreve. Procurou ele outra porta para entrar na literatura. Tornou-se colecionador. É o maior colecionador de autógrafos do Brasil, não somente de autógrafos, mas de toda a sorte de curiosidades referentes a homenagens das letras e artistas.¹³⁵

Na entrevista a *O Cruzeiro*, Condé diz que começou a frequentar as rodas literárias no Rio de Janeiro por causa de Álvaro Lins, de quem era amigo desde a adolescência em Caruaru. Ele argumenta que, ao invés de se tornar um “escritor mediano”, preferiu ser, como afirmou Tristão de Ataíde (Alceu de Amoroso Lima), o “maior colecionador de autógrafos do Brasil”. Quando estreou em *O Cruzeiro*, sua coleção contabilizava, aproximadamente, 100 originais de livros de autores representativos, cinco mil cartas de escritores, mil fotografias. Ele conta que roubou fotografias, por exemplo, das casas de Manuel Bandeira e Oswald de Andrade. “Que horas dorme José Lins do Rêgo, quando foi escrito o último poema de Manuel Bandeira, a dose de uísque que

¹³⁴ Memória. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/114774/63?pesq="Arquivos%20implacáveis](http://memoria.bn.br/DocReader/114774/63?pesq=) Acessado em 07 apr. 2019.

¹³⁵ Memória. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/003581/78816?pesq="Arquivos%20Implacáveis](http://memoria.bn.br/DocReader/003581/78816?pesq=) Acessado em 07 fev. 2018.

bebe Rubem Braga, quando faz a barba o poeta Augusto Frederico Schmidt?”, são informações que o leitor encontraria naquele espaço. A coluna inaugural trouxe uma carta de Érico Veríssimo, um bilhete de Machado de Assis a Afrânio Peixoto e um perfil de Manuel Bandeira.

Rosa colecionava as edições dos Arquivos Implacáveis. No acervo do IEB-USP há um álbum de recortes da coluna desde a estreia em *O Cruzeiro* até o ano de 1963, somando 232 artigos¹³⁶. Rosa guardou a edição de 8/5/1954, em cuja seção "Curiosidades" há um "croqui de batalha" feito por ele, e possivelmente relacionado ao livro *Sagarana* (1946)¹³⁷. Também arquivou a edição de 2/2/1957, onde é o escritor entrevistado da seção "10 coisas: gosta / detesta"¹³⁸. Em seu livro de memórias, Vilma Guimarães Rosa afirma que seu pai era mais ligado ao responsável pelos Arquivos Implacáveis do que aos outros dois Condés. "Tudo isto [o registro da gênese de *Sagarana*] tão importante quanto a amizade que meu pai e João Condé se dedicaram" (ROSA, 2014, p. 485).

Foi para João Condé que Rosa escreveu de punho uma carta publicada no suplemento *Letras e Artes* de *A Manhã*, em 21 de julho de 1946, com a gênese e explicações sobre cada conto de *Sagarana*: "Exigiu você que eu escrevesse, manu própria, nos espaços brancos deste seu exemplar de *Sagarana*, uma explicação, uma confissão, uma conversa, a mais extensa possível – o imposto João Condé para escritores, enfim". Rosa chama *Sagarana* de "uma série de Histórias adultas da Carochinha". Em tom confessional, revela que *Sagarana* foi escrito "quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas – em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e em 1945 foi "retrabalhado", em cinco meses de reflexão e de lucidez)". Uma semana depois, Condé publicou uma retificação porque na primeira publicação ele omitiu "duas vírgulas, um ponto, aspas e, no final, a palavra danadamente".

XII) – A hora e a vez de Augusto Matraga – História mais séria, de certo modo síntese e chave de todas as outras, não falarei sobre o seu conteúdo. Quanto à forma, representa para mim vitória íntima, pois, desde o começo do livro, o seu estilo era o que eu procurava, danadamente, descobrir. (ROSA, 2014, p. 486/490).

¹³⁶ Disponível no acervo: JGR-AI-002

¹³⁷ Disponível no acervo: JGR-AI-073

¹³⁸ Disponível no acervo: JGR-AI-161

Em 1956, Condé apresentou um programa na extinta TV Tupi, chamado "Os Arquivos Implacáveis na TV", dirigido por Carlos Thiré, no qual entrevistava escritores e lia trechos de romances ou poemas.

2.1.8 Assis Chateaubriand (1892-1968)

Em junho de 1952 – um mês após a epopeia da condução de uma boiada no sertão de Minas Gerais – Guimarães Rosa foi um dos seletos convidados da comitiva organizada pelo então senador Assis Chateaubriand para receber o presidente Getúlio Vargas, em um evento de vaqueiros e na solenidade de inauguração de um hotel em Caldas do Cipó, no sertão da Bahia. Vargas foi homenageado com a comenda da “Ordem do Vaqueiro”. Rosa estava impregnado da atmosfera dos vaqueiros e, aparentemente, desejava mergulhar ainda mais fundo naquele universo. Chateaubriand tinha conhecimento desse interesse, até porque a revista *O Cruzeiro* – de seu grupo de comunicação – havia entrevistado Rosa no fim do percurso da viagem com a boiada de Chico Moreira, em Minas, e publicaria extensa reportagem sobre o episódio, como detalharemos adiante.¹³⁹

Em suas memórias, Vilma Guimarães Rosa afirma que a aventura do pai com Chateaubriand foi a única vez em que ele visitou o sertão propriamente dito, ou seja, o nordestino. Ela relata que, a convite de Chateaubriand, Rosa integrou a “guarda vaqueira” que foi ao aeroporto receber o presidente Getúlio Vargas, e coube a ele comandar os vaqueiros de Soure e de Cipó. Vilma relembra que, na véspera da viagem, o pai estava angustiado sem saber o que deveria usar no evento. Então ela telefonou para Chateaubriand, e este disse que não se preocupasse, porque ele daria um jeito. Horas depois, ela recebeu um telefonema do pai com o desfecho do impasse: “Estava animadíssimo, pois recebera o traje de vaqueiro enviado pelo

¹³⁹ “A história da “Ordem do Vaqueiro” tem o seu quê de anedótico. O prefeito de Jiquié (BA), Lomanto Júnior, num dia em que conversava com amigos sobre a vida de Assis Chateaubriand e sua futura candidatura a senador, acolhe sugestão de um empregado para que o jornalista fosse chamado a um jantar onde vestiria roupas de vaqueiro e até sambaria no meio deles. Cria-se imediatamente a “Ordem do Vaqueiro” e decide-se que a primeira comenda seria oferecida a Chateaubriand. Este último, sem pestanejar, aceita o convite e, nesse evento em Jiquié, entre grandes festas e pantomimas, a ordem é oficialmente estabelecida, “pois o Sr. Assis Chateaubriand desejava o maior rigor e o maior êxito à iniciativa”. A partir daí, reuniões festivas de vaqueiros e distribuição de comendas tornam-se praxe – em Caldas do Cipó, Getúlio Vargas recebe o título de “1º. Vaqueiro do Brasil”. CAMARGO, Frederico Antonio Camillo, tese de doutorado “O outro Rosa: textos “marginais” e narrativas inacabadas”, 2018, p. 227.

amigo e já o vestira: venha ver, Vilminha, estou até parecendo o John Wayne!” (ROSA, 2014, p. 62).

Rosa escreveu uma carta ao pai, seu Florduardo, relatando a aventura com franco entusiasmo:

Cerca de 600 vaqueiros dos encourados – chapéu, guarda-peito, jaleco, gibão, calças, polainas, tudo de couro de veado mateiro, cor de suçarana. Lá compareceram vaqueiros de vários Estados e de quase todos os municípios baianos onde há criação de gado do curraleiro (pé-duro) bravo das caatingas. (ROSA, 2014, p. 275)

E mencionou o empresário:

Fui com o Chateaubriand que é o rei dos entusiastas e tive de vestir também o uniforme de couro e montar a cavalo (num esplêndido cavalo paraibano), formando na “guarda-vaqueira” que foi ao campo de aviação receber o presidente Getúlio Vargas. A mim coube comandar os vaqueiros de Soure e de Cipó”. (ROSA, 2014, p. 275).

Ele registrou a aventura no artigo “Pé-duro, chapéu-de-couro”, publicado em 28 de dezembro de 1952, no caderno Revista de *O Jornal*, do grupo de Assis Chateaubriand. Em tom de ensaio ou reportagem literária, o texto estampou uma página inteira do periódico, com alusões a Euclides da Cunha.¹⁴⁰

Satisfeito, Rosa exibiu o feito, que chamou de “peça braba”, para os amigos. Em uma carta, pergunta ao amigo Álvaro Lins se recebera o recorte do conto que enviou pelo Correio. Álvaro estava em Portugal, na ocasião, e os dois correspondiam-se com frequência naquela época. “A vida é ingente. E é confusão constante. Você já deve ter recebido minha carta de 8 deste mês; recebeu? Junto com ela enviei o “Pé-Duro” – peça braba, e um livro do Hermann Lima sobre “O Conto”, no qual somos indissolúvel e justamente mencionados”¹⁴¹. Em resposta, Álvaro Lins elogiou a obra. “Li a grande página – nos dois sentidos – publicada em *O Jornal*. É uma coisa, não digo euclidiana

¹⁴⁰ Memoria. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/18727?pesq="Pé-Duro](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/18727?pesq=) > Acessado em: 11 fev. 2018.

¹⁴¹ Fonte: CARTA Rio, 27/1/1953, disponível no acervo: JGR-CP- 01,05 IEB-USP

(seria pouco), mas roseana, da mais alta categoria. E é de desanimar os outros de escrever!”¹⁴².

Rosa e Chateaubriand não eram íntimos, mas havia alguma proximidade, além da admiração mútua. Os veículos de Chateaubriand davam espaço generoso a Rosa. A segunda entrevista que ele concedeu por ocasião do lançamento de *Sagarana* foi para O Jornal, dos Diários Associados. Assinada por Ascendino Leite, a entrevista foi publicada em 26 de maio de 1946 com o título “Arte e céu, países de primeira necessidade”, da qual falaremos no capítulo seguinte. Também é peculiar que a equipe da revista *O Cruzeiro* – o repórter Álvares da Silva e o fotógrafo Eugênio H. Silva – o aguardasse na fazenda Sirga quando concluiu o périplo de 40 léguas feito em dez dias no lombo da mula Balalaica, acompanhando a boiada de seu primo Chico Moreira. A matéria recebeu o título “Com o vaqueiro Guimarães Rosa – Um escritor entre seus personagens”, numa referência ao conto de Rosa *Com o vaqueiro Mariano*¹⁴³. Rosa era espontâneo com Chateaubriand, como se infere dos telegramas trocados quando, em 1963, o voto para a eleição da academia. “Candidato vaqueiro academia rogo apoio imenso amigo chefe grão-mestre Guimarães Rosa”¹⁴⁴, escreveu o escritor em um telegrama. “Pode contar meu voto cédula de caixão”, prometeu Chateaubriand”¹⁴⁵. Ele cumpriu a promessa.

¹⁴² Fonte: CARTA DE 23/1/1953, disponível no acervo: JGR-CP- 01,04 IEB-USP

¹⁴³ “Com o vaqueiro Guimarães Rosa - Um escritor entre seus personagens”, publicada em *O Cruzeiro*, 17/6/1952. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/003581/81537> > Acessado em: 11 fev. 2018.

¹⁴⁴ Disponível no acervo: JGR-CP-03,8 IEB-USP.

¹⁴⁵ Disponível no acervo: JGR-CP-03,17 IEB-USP.

2.2 RELATOS DE PROXIMIDADES

O meticuloso planejamento de mídia para o lançamento de *Sagarana*, em abril de 1946, foi elaborado pelo próprio Guimarães Rosa, que tinha em mente os “figurões” das colunas literárias, os críticos importantes e influentes da imprensa regional e nacional. Ele escreveu ao tio Vicente Guimarães – então um escritor já aclamado pelas obras infanto-juvenis, como *João Bolinha virou gente* (1943) – pedindo indicações de profissionais em Minas Gerais, com os nomes dos jornais em que publicavam e endereços, ressaltando que já se ocupara dos críticos nacionais. Rosa afirmou que o processo de divulgação de uma obra era tão importante que foi usado até mesmo na “bomba atômica”.

Quero ajudar um pouco o meu editor, controlando de certo modo a publicidade, coisa importante, que não faltou sequer à bomba atômica...Peço, pois, que você rabisque, ou datilografe os nomes dos figurões (não só os que mantêm seções regulares ou rodapés, mas também os que às vezes perpetraram artigos e artiguetes sobre as novidades literárias). E também os respectivos endereços, nomes dos jornais em que escrevem, ou revistas. Além de outros nomes, que você indicará, pediria os atuais endereços dos seguintes rapazes: Oscar Mendes, Aires da Mata Machado, Alphonsus de Guimarães Filho, Mário Matos e do nosso amigo João Gomes Teixeira. A turma daqui já está fichada. (ROSA, 1972, p. 127-128).

Os detalhes do plano de comunicação revelam um autor ansioso pelo lançamento da obra, mas racional e sistemático, zeloso de cada etapa midiática para garantir a melhor divulgação do livro. “Até agora, impedi, ferozmente, qualquer publicidade, para reservar todas as baterias à campanha de surpresa, depois do livro na rua. Barulhada prévia, seria contraproducente, cheirando a propaganda encomendada”, diz Rosa ao tio Vicente. Ele revela que recusou entrevistas aos principais jornais – *O Jornal, Vamos Lêr!* – porque elas deveriam ocorrer após a chegada do livro às prateleiras: “Entrevistas só serão permitidas um mês depois de exposto o *Sagarana* nas vitrines das livrarias. Ando numa sensação danada.” (ROSA, 1972, p. 127-128)

A estratégia delineada por Rosa consumou-se: ele concedeu entrevistas exclusivas aos dois principais jornais da época – *Correio da Manhã*

e *O Jornal*, dos *Diários Associados* – somente um mês depois de *Sagarana* (1946) chegar às livrarias, como veremos no Capítulo 3. Por essa ocasião, os principais críticos do país, como Álvaro Lins e Lauro Escorel, já haviam publicado importantes resenhas celebrando o advento da obra.

O plano de comunicação para o lançamento de *Sagarana* (1946) expõe a faceta estrategista de Guimarães Rosa, um escritor ciente de como se relacionar com a mídia, de quais os profissionais e quais periódicos deveria buscar para assegurar a divulgação exitosa de seu livro. Outro episódio, agora envolvendo o prestigiado suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã* (RJ), revela os bastidores de uma intensa movimentação de Rosa junto aos amigos influentes na imprensa para se defender de uma reportagem que considerou ofensiva à sua reputação. Em fevereiro de 1950, o correspondente em Paris de *Letras e Artes*, Louis Wiznitzer, publicou um relato sobre o encontro com Guimarães Rosa e Cícero Dias no atelier do pintor, em Montparnasse. O texto tratou Rosa com ironia. Perguntado se estava trabalhando em algum novo livro, o escritor teria respondido “em atitude sibilina: diga que sou Guimarães Rosa, o misterioso.”¹⁴⁶

Em outra passagem desconfortável para Rosa na matéria, o repórter afirmou que o escritor e o artistas plástico discordaram sobre o papel da inspiração no trabalho do artista:

Creio na inspiração. Às vezes começo a divagar, a imaginar, e então, a coisa não tem mais fim, como um rio que se repartisse em muitos outros e fosse correndo sempre. Não sei como canalizá-lo, como recolher tanta riqueza. Quando a inspiração não vem nenhum esforço me pode ser útil. Resta-me esperá-la.

Teria afirmado Rosa, segundo Wiznitzer. Cícero rebateu, ponderando que o peso da inspiração depende das artes. “A poesia e a música são artes frágeis. Um pintor deve refletir, recomeçar, lutar para chegar a exprimir-se. Da mesma maneira, o romancista”, disse Cícero, afirmando que o

¹⁴⁶ “Encontro com Guimarães Rosa e Cícero Dias em Paris”, por Louis Wiznitzer, suplemento *Letras e Artes*, 5/2/1950, Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/2025>> Acessado em: 20 fev. 2018.

artista plástico e o escritor não poderiam se dar ao luxo de aguardar a inspiração, em contraponto a Rosa.

No entanto, o trecho que efetivamente indignou Rosa abordou uma questão diplomática, sobre o intercâmbio cultural franco-brasileiro. “Seria preciso fazer vir menos estudantes e menos velhos célebres do Rio, e mais homens maduros pertencendo à geração dos trinta aos quarenta que representa, verdadeiramente, nossa cultura atual e viva. Lutamos nesse sentido”, teria declarado o autor de *Sagarana* (1946). Tão logo a reportagem foi publicada, Rosa enviou uma carta ao amigo Álvaro Lins, crítico renomado do *Correio da Manhã*, para que intercedesse junto ao editor de *Letras e Artes*, Jorge Lacerda, e garantisse a publicação de sua resposta, onde dizia tratar-se de tudo de “alheia invenção”. Ele se mostrou indignado com o que considerou um rompimento do compromisso do repórter com o anonimato e com a exposição não autorizada de sua imagem.

“Você sabe que eu já nasci com cadeado na boca, e que voluntariamente não me exponho, a não ser por deliberado projeto”, escreveu a Lins.¹⁴⁷

Ao despedir-me de Wiznitzer, não sei que raça de aviso meu anjo da guarda me soprou, que tive a precaução de dizer a Wiznitzer que: mesmo se, para movimentar a entrevista com Cícero, ele tocasse circunstancialmente em mim ou no meu nome, que eu fazia questão de ver o escrito, antes de ser mandado para o Rio. Wiznitzer assegurou-me que isso seria feito. Fiquei tranquilo. E, agora, sai a entrevista. Amigos meus me enviam o recorte de jornal. E é aquela maluqueira,

Reclamou na mesma carta:

Todas as respostas que ele pôs em minha boca são trechos de conversa *off the record*, e ainda assim incompletas, parcialmente reproduzidas, mutiladas ou hidratadas, pífiás, chochas. Perfeito retrato de um Guimarães Rosa imbecilizado, contraposto ao brilho de Cícero,

Protestou.

¹⁴⁷ Carta a Álvaro Lins, Paris, 19/2/1950, “Eu já nasci com um cadeado na boca, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais/11.htm>> Acessado em: 13 fev. 2018;

Rosa mostrou-se irritado com declarações que não teria dado sobre o intercâmbio cultural entre Brasil e França, que o comprometiam perante o Itamaraty, e também por se sentir diminuído em relação à figura de Cícero Dias. Ele ponderou na carta a Álvaro Lins que a ausência de Lacerda, o editor, que estava de férias, postergaria ainda mais a divulgação de seu posicionamento. “A única coisa que me interessa é que *Letras e Artes* publique na íntegra a minha carta. A estada de Lacerda em Santa Catarina vai atrasar essa publicação, o que ainda é mais aborrecido”. Rosa ainda pediu a Álvaro que seu posicionamento fosse divulgado em outros veículos, sugerindo o *Correio da Manhã*, ou o *Jornal de Letras*, dos amigos João e José Condé.

E, agora, Álvaro, sem querer tomar muito do seu tempo, mas por estar você aí, forte e informado, em pleno campo dos acontecimentos, não será abuso meu pedir a você que controle por mim tudo o que houver ou que não houver, a esse respeito? Você não imagina quanto ficarei grato, por qualquer palavra sua. Talvez, se você achar bem, valeria a pena, depois que “*Letras e Artes*” publique minha carta, arranjar-se uma nota no “*Correio*” ou em “*Jornal das Letras*”, sobre o caso. Não estou querendo demais?¹⁴⁸

A carta-resposta de Guimarães Rosa seria publicada em *Letras e Artes* apenas um mês depois da reportagem de Louis Wiznitzer. Chama a atenção o sarcasmo do escritor no desfecho da mensagem ao resumir suas “lutas” ao embate com o jornal para exigir a retratação, à descoberta de palavras, às lições de boas maneiras para suas gatas, e para se livrar dos “cacetes”:

¹⁴⁸ Carta a Álvaro Lins, Paris, 19/2/1950, “Eu já nasci com um cadeado na boca”, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais!/11.html>>. Acessado em 13 fev. 2018.

Nego, peremptoriamente, a autoria das afirmações a mim atribuídas, sobre intercâmbio cultural Brasil-França e sobre a vinda de brasileiros à Europa, velhos moços estudantes, ou quaisquer que sejam. Não disse nada, não pensei nada, não acho nada, não se falou nisso. Nego tudo, da raiz à rama. Nenhum empregado diplomático se referiria assim levianamente a assuntos de política cultural.

Além disso, e é o que é mais grave, reputo estapafúrdia aquela pretensa “resposta”, que contraria brutalmente minhas convicções. Não admito que se classifiquem valores culturais pelo critério da idade ou de gerações. Repugna-me toda e qualquer agitação sob essa bandeira – porque só servem para suprir de fáceis ersatz [substitutos, em alemão] vidinha literária, em épocas de penúria, ou para distrair do solitário labor de criação os melhores talentos, nos períodos de fartura. Sou a-geracionista.

Na “resposta” inexistente, perpetrou-se ainda a inverosimilhança de atribuírem-me também um ameaçador: Lutamos nesse sentido. Lutando quem, com quem, para que, por que? Lutas minhas, que eu saiba, e fora esta de hoje, só as para descobrir palavras belas e exatas, para ensinar às minhas gatas boas maneiras, para salvar a alma e livrar-me dos cacetes.¹⁴⁹

O editor Jorge Lacerda esforçou-se em se redimir com Guimarães Rosa. No texto de apresentação da carta-resposta do escritor, explica aos leitores que Rosa “não” falou com o repórter Louis Wiznitzer, elogia a “admirável” carta de indignação, com qualidade literária, e informa que o escritor prometeu conceder uma entrevista ao periódico.

A entrevista que o autor de *Sagarana* não concedeu ao nosso correspondente fica compensada com a carta que nos dirigiu e que é, como tudo que ele escreve, uma admirável página literária. Entretanto, não lhe dispensaremos a entrevista prometida a *Letras e Artes*.

Essa entrevista jamais ocorreu, mas Rosa e Lacerda aparentemente se entenderam. Três anos depois do episódio, ocorrido em 1950, Rosa começaria uma colaboração expressiva com *Letras e Artes*, ainda editado por

¹⁴⁹ *Letras e Artes*, em 5/3/1950, disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/2074>>. Acessado em 01 mar. 2018.

Lacerda: foram 13 textos publicados, sendo dez inéditos, entre 1953 e 1954 – os dois últimos anos de veiculação do suplemento.¹⁵⁰

A intensa troca de correspondência com Álvaro Lins no ano de 1953, quando o crítico ministrava um curso sobre língua portuguesa e cultura brasileira em Portugal às expensas do Itamaraty, evidencia como as amizades nos jornais lhes eram úteis. Em uma carta de fevereiro de 1953, Álvaro relata com entusiasmo como foi a aula inaugural no salão nobre da Faculdade de Letras de Lisboa. Diz que o salão estava cheio de autoridades, diplomatas, escritores, professores e até mesmo a embaixatriz da França. “Você foi citado na aula inaugural – e com que relevo!” Então, Álvaro comunica que está enviando “recortes de jornais” que repercutiram a aula. “Peço-lhe que não passe apenas os olhos, que os leia atentamente”. Remarca que não houve nada encomendado, os noticiários foram “espontâneos”, que houve notícia nas primeiras páginas, e menciona o *Diário de Notícias*¹⁵¹, “uma espécie de Correio da Manhã daqui”. Ao fim, pede que Rosa os mostre para o chanceler Neves da Fontoura.¹⁵²

Em outra correspondência, esta de 7 de dezembro de 1953, Rosa tranquiliza Álvaro. O crítico estava incomodado com rumores que circulavam no Brasil de que ele abandonaria o seu posto em Portugal, durante o período letivo, somente para vir ao país para desfrutar das festas de fim de ano. Rosa minimiza o fato “Apenas, alguns fazem perguntas, ouviram (não sei onde) o galo cantar, e ficam no ar”. Mas o escritor propõe ao amigo uma estratégia de

¹⁵⁰ Inéditos: “Teatrinho” (19/4/1953), “O homem de Santa Helena” (3/5/1953), “Terrae vis” (10/5/1953), “Do diário em Paris – passagens do Nautikon” (17/5/1953), “Fantasmas dos vivos” (24/5/1953), “Os doces” (7/6/1953 e 1/6/1954), “A chegada de Subles” (6/4/1954), “Do diário em Paris– outras passagens do Nautikon” (13/4/1954), Risada e meia (4/5/1954), “Uns índios - sua fala” (25/5/1954). Publicados em outros periódicos: “A senhora dos segredos” (22/3/1953 e 18/5/1954), “Cipango” (12/4/1953) e “Aquário (Nápoles)” (11/5/1954). Relação completa disponível no Anexo.

¹⁵¹ Álvaro Lins compara o *Diário de Notícias* ao *Correio da Manhã*, onde era crítico literário. Nesta pesquisa, indicamos duas aparições de Rosa no *Diário de Notícias* de Portugal. Em uma crônica assinada por Álvaro Salema, sobre um almoço em 1965 na sede da Livraria José Olympio, na companhia de Rosa e Carlos Drummond de Andrade, que analisamos no Subcapítulo 2.4 (JGR-R8,40, IEB-USP). E a entrevista concedida a Arnaldo Saraiva publicada em novembro de 1966 no periódico português, que detalharemos no Capítulo 3.

¹⁵² Carta de Álvaro Lins para Guimarães Rosa, Lisboa, 14/2/1953, disponível no acervo: JGR-CP-01,07 IEB-USP.

imprensa para resguardar a imagem dele, sugerindo que sua chegada ao país fosse divulgada nas colunas literárias dos irmãos João e José Condé – respectivamente, na revista *O Cruzeiro* e no jornal *Correio da Manhã*:

Ora, fico pensando: quem sabe não valia a pena você mesmo dar desde já ampla e clara divulgação da dita, via-Condés, por exemplo? A vinda ao Brasil é coisa hoje em dia corriqueira, comezinha, desimportante. (Agora, por exemplo o Josué Montello, que foi para Lima há tão pouco tempo, está sendo esperado no Rio, em férias)¹⁵³

Rosa alerta que o silêncio prolongado de Lins sobre o assunto pode imprimir ao fato uma “nebulosidade má de mistério”. A conclusão da carta é uma pérola de Guimarães Rosa sobre o famigerado “jeitinho brasileiro”:

Álvaro, acho que você devia tomar e tratar tudo um pouco mais pequenininho, e aplicar métodos ordinários a acontecimentos extraordinários. O Brasil, você sabe, não leva nada muito a sério. Façamos como ele (não veja em minhas palavras nenhuma “espoletice”, meu caro Álvaro; só estou palpitando por vontade amiga de querer ser útil, poder ajudar um pouquinho)¹⁵⁴

O jornalista e escritor Otto Lara Resende evoca outra passagem ilustrativa da veia estrategista do autor de *Grande sertão: veredas* (1956) em relação à mídia. Após a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1963, Guimarães Rosa passou quatro anos postergando a posse, pelo receio místico de que algum mal lhe poderia sobrevir. Quando decidiu que era chegada a hora, telefonou para Resende encomendando-lhe o anúncio, mas alertando que o jornalista deveria preservar o anonimato da fonte.

“A notícia de sua posse na Academia foi dada por mim. Assim que marcou a data, pediu-me para dar uma nota no Jornal do Brasil, informando apenas que JGR, ‘segundo consta’, iria afinal tomar posse de sua cadeira”. Depois Rosa pediu ao amigo que falasse dele em seu programa na televisão,

¹⁵³ Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, Rio de Janeiro, 7/12/1953, disponível no acervo: JGR-CP-01,25 IEB-USP.

¹⁵⁴ Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, Rio de Janeiro, 7/12/1953, disponível no acervo: JGR-CP-01,25 IEB-USP

para que a neta se impressionasse ao ver o avô sendo mencionado na televisão.

Depois eu diria algo mais explícito no programa que na época fazia diariamente na TV Globo. Ele telefonou-me para casa no dia seguinte e me pediu, rindo, que me referisse a ele como embaixador e contasse uma história de sua neta. Desejava que a neta me visse na TV, falando dele, para que ficasse feliz e soubesse que o avô era muito importante. (RESENDE 2017, posição 2986, versão para Kindle)

Guimarães Rosa fugia de entrevistas, como veremos detalhadamente no próximo capítulo, mas sabia recorrer à imprensa quando lhe aprouvesse, e era bem relacionado com editores, colunistas e donos dos periódicos. O jornalista e escritor Ruy Castro relembra, por exemplo, que o autor de *Grande sertão: veredas* (1956) era uma fonte credenciada do renomado colunista Ibrahim Sued nos anos 50 e 60.

O que importava a Ibrahim eram as fontes. Um dia, pela quantidade de notas precisas e reveladoras que ele dava, digamos, sobre o Itamaraty, ficaria óbvio que tinha lá dentro uma fonte insuspeita e autorizada. O que ninguém poderia imaginar era que se tratava do embaixador Guimarães Rosa.¹⁵⁵

O jornalista e escritor Nilo Dante DiGiovanni, que era amigo íntimo de Ibrahim Sued e atuou em redações nos anos 50 e início dos anos 60, afirmou, em colaboração para esta pesquisa, que Guimarães Rosa tinha apreço pelo universo jornalístico, e gostava especialmente do colunista. Ele deu este depoimento para a pesquisa:

¹⁵⁵ Ruy Castro, *A noite do meu bem – A história e as histórias do samba-canção*, 2015, posição 3905. Em uma colaboração para esta pesquisa, Ruy Castro disse que a informação de que Rosa era fonte de Ibrahim Sued foi extraída de um dos livros de memórias do colunista, citados na bibliografia do romance. São eles: SUED, Ibrahim. *20 anos de caviar*. Rio: Bloch Editores, 1972; *30 anos de reportagem*. Rio: Nova Fronteira/Confraria dos Amigos do Livro, 1983; *Em sociedade tudo se sabe*. Organização de Bebel Sued. Rio: Rocco, 2001.

Posso lhe assegurar que o Rosa amava jornais e jornalismo. Jornais e jornalistas também o amavam. O Antonio Callado o considerava o maior escritor do Brasil. O Sergio Porto tinha todos os livros do Rosa na sua biblioteca “na mesma estante”, dizia ele, de Goethe, Machado de Assis e Manuel Bandeira. O Cícero Sandroni era capaz de citar de memória páginas inteiras do Rosa. Com toda naturalidade, o Rosa poderia ser considerado uma fonte do Ibrahim, porque gostava dele. O Ibrahim era casado com uma mineira, Glorinha Drummond, pessoa admirável, mãe exemplar, vinda de família próxima à do Rosa.¹⁵⁶

O autor de *Grande sertão: veredas* (1956) circulava com desenvoltura entre os jornalistas, sobretudo entre os especializados na cobertura de política internacional, os quais diariamente frequentavam o Palácio Itamaraty. Contudo, zelava pela discrição, e se repassava informações, era mediante o compromisso do anonimato. O jornalista e escritor Elio Gaspari, responsável pela cobertura de política internacional para o jornal *Diário da Noite* (do grupo dos *Diários Associados*) nos anos 60, era um dos repórteres com assento fixo no comitê de imprensa do Itamaraty. Ele relembra que a sala de imprensa ficava exatamente em frente ao gabinete de Rosa, então chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras – portanto, sua rota obrigatória ao deixar a sala de trabalho. Assim, para driblar os repórteres que inevitavelmente o abordavam em busca de notícias, Rosa esbanjava simpatia e os despistava com amenidades. Questionado pelos repórteres a qual compromisso iria, ao deixar o gabinete, Rosa respondia, misterioso: “vou incrementar o comércio”. Depois alegava que pretendia lanchar, tomar um mate na lanchonete em frente ao Itamaraty ou comprar alguma coisa de que necessitava. “Era imponente, e ao mesmo tempo risonho, solícito na conversa fiada”, recorda-se Gaspari.¹⁵⁷

O autor de *A ditadura envergonhada* (2002) ressalta que Guimarães Rosa valorizava a imprensa e recorria a ela quando lhe interessava. Assim, quando tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 16 de novembro de 1967, mandou imprimir cópias de seu discurso *O Verbo & o Logos* no mimeógrafo do Itamaraty, e distribuiu-as aos repórteres do comitê de imprensa,

¹⁵⁶ Depoimento de Nilo Dante DiGiovanni para esta pesquisa, enviado por e-mail em 18/2/2018. Nilo Dante trabalhou em revistas e jornais diários, e dirigiu as redações do Diário de Notícias, Tribuna da Imprensa, Última Hora, Jornal do Comercio e Jornal do Brasil.

¹⁵⁷ Depoimento de Elio Gaspari para esta pesquisa em seu escritório em São Paulo no dia 18/12/2018.

esperando, evidentemente, a conseqüente repercussão nos jornais. Além disso, Rosa foi uma fonte técnica e credenciada dos jornalistas em 1966, em um dos episódios mais relevantes da política internacional durante os governos militares: as queixas limítrofes do Paraguai com o Brasil, em meio aos estudos para construção da usina binacional de Itaipu¹⁵⁸.

Segundo Gaspari, o diplomata era solícito e atendia com paciência os repórteres que acompanhavam de perto a questão. Enfim, Elio Gaspari recorda-se da fonte como um diplomata sempre gentil, mas habilidoso se o momento era de esquivar-se dos repórteres. Se o pressionavam, saía-se com uma anedota. Inventara uma sobre a divergência com o Paraguai. Rosa defendia que a saída para a controvérsia era criar o “Rapaguai”: entregava-se a faixa ao oeste e sul do país para a Argentina, o norte para a Bolívia, e o que restasse – a “rapa” – seria anexada ao Brasil. E assim, resolvia-se a peleja.¹⁵⁹

¹⁵⁸ “Pois, você sabe que eu sou aqui o chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras; e deve ter acompanhado nos jornais o palpitante caso de divergência com o Paraguai, o assunto de Sete Quedas. Imagine, pois, o que comigo sucedeu, de junho do ano passado, até julho deste. Foi uma absurda e terrível época, de trabalho sem parar, de discussões, de reuniões, de responsabilidades. Várias vezes, tive de trabalhar aqui no Itamaraty até 5 horas da manhã. E comparacer no outro dia já às 9, para reuniões que duravam o dia inteiro. Tudo isso, sob a circunstância de ser, entre os 80 milhões de brasileiros, o que é pago para cuidar do assunto, debaixo do peso dele”. (Rosa na Carta ao tradutor italiano Edoardo Bizzarri)

¹⁵⁹ Elio Gaspari guardou o croqui, em lápis coloridos, feito por Guimarães Rosa ao lhe explicar a batalha fronteira do Paraguai com o Brasil, assinalando o local onde, a seu ver, deveria ser construída a usina de Itaipu. A relíquia, autografada pelo escritor, foi emoldurada e afixada à parede de seu escritório em São Paulo.

3 ENTREVISTAS E “NÃO-ENTREVISTAS”

3.1 “É UM HOMEM UM POUCO RETRAÍDO”

Guimarães Rosa não gostava de entrevistas e as recusava mesmo a amigos próximos. Uma das missões de sua secretária na Divisão de Fronteiras do Itamaraty, dona Albertina, que trabalhou com o diplomata pelo menos oito anos, era espantar jornalistas e resguardar a intimidade do chefe. Em 1967, quando conversou com o repórter da revista *Realidade*, disse que “dezenas de repórteres” haviam tentado, sem sucesso, passar a porta do escritório para penetrar no mundo burocrático do escritor. “É um homem um pouco retraído, o senhor sabe”, justificou.¹⁶⁰ O repórter de *Realidade* ouviu dona Albertina, o porteiro do prédio de Rosa na rua Francisco Otaviano, seu Francisco, amigos e colegas de Itamaraty para compor o perfil publicado em 1967, quatro meses antes da morte do escritor. Só não conseguiu entrevistá-lo.

Do início da carreira de escritor, a partir do lançamento de *Sagarana* em abril de 1946, até o fim da vida, Guimarães Rosa concedeu 13 entrevistas: uma média de 0,6 por ano em 21 anos – contabilidade que analisamos na conclusão deste capítulo. Essa conta inclui as conversas com estudantes, bem como uma declaração de um minuto para uma produtora de televisão argentina que o abordou num encontro de escritores latino-americanos em Berlim, conforme relação que apresentamos a seguir. Exclui as declarações que teria dado ao repórter Louis Wiznitzer no atelier de Cícero Dias em Paris, em 1950, e que depois ele refutou em dura carta a Jorge Lacerda, editor do suplemento *Letras e Artes de A Manhã* – episódio que relatamos no capítulo anterior.

No começo da carreira literária que Guimarães Rosa concedeu alentadas entrevistas aos dois principais jornais do país, na esteira do lançamento de *Sagarana*. Foi um gesto calculado, como justificou em carta ao tio Vicente Guimarães, citada no capítulo anterior, quando destacamos a

¹⁶⁰ Reportagem de Otoniel Santos Pereira na revista *Realidade*, julho de 1967, edição 16, p. 58-63, disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213659/2269>> Acessado em: 17 fev., 2019.

sagacidade do escritor no trato com a imprensa¹⁶¹. Depois disso, Rosa só voltaria a receber repórteres em seu apartamento, ou em seu gabinete, sete anos depois – mediante uma combinação prévia. Em 1953, abriu as portas de seu confortável apartamento na rua Francisco Otaviano, onde Copacabana encontra-se com Ipanema, a um repórter do semanário *Flan* com a condição de que as perguntas se restringissem aos seus gatos persas.¹⁶²

Vicente Guimarães revela que passou anos a fio tentando convencer o sobrinho a dar mais entrevistas porque impulsionariam a venda dos livros – em alguns casos, Rosa seria pago por elas: “(...) recusou e recusava inúmeras entrevistas, até oferta em dinheiro para apresentar-se numa televisão, proposta insistente feita por meu intermédio”. (GUIMARÃES, 1972, p.171)

Em uma dessas recusas, ouviu de Rosa que as entrevistas não ajudam na comercialização dos livros, porque estes, depois de publicados, tornam-se independentes e devem fazer sucesso por si, desgarrados do autor.

Trato meus livros como filhos fossem. Enquanto os estou escrevendo, são menores e precisam de toda a minha atenção e dedicação completa. Sacrifico-me por eles, neles só penso. A publicação é o sinal de maior idade de cada um. São lançados ao mundo e eles que se arranjam como puder. Meus livros são como as aves, depois que alçam voo, não precisam mais da ajuda dos pais, já foram preparados para viverem independentemente. E também, meu caro Vicente, cada macaco em seu galho: o escritor escreve, a venda compete ao editor. (GUIMARÃES, 1972, p. 171)

Uma vez, o romancista Paulo Dantas, um de seus amigos mais próximos, viajou de São Paulo ao Rio de Janeiro na expectativa de obter uma entrevista para publicar em um periódico. Mas Rosa o desarmou. “De jeito nenhum. Entrevista, não. Não gosto disso. Você sabe muito bem o que penso a respeito. Não insista”. Dantas ainda argumentou que era um pedido de amigo, mas Rosa rebateu afirmando que a imprensa distorce as informações. “Gosto

¹⁶¹ “(...) recusei até entrevistas grandes, com fotografia (...) Entrevistas só serão permitidas um mês depois de exposto o Sag. [Sagarana] nas vitrines das livrarias” (Rosa em carta a Vicente Guimarães, de 17/1/1946, *Joãozito*, p. 127-128).

¹⁶² “Foi pelos gatos que obtivemos esta reportagem, porque todas as perguntas que fazíamos ao escritor e ao diplomata recebiam respostas evasivas, pedindo-nos encarecidamente que falássemos mais dos gatos que dele”. (Entrevista a Carlos de Laet, jornal *Flan*, junho de 1953).

dos meus amigos, mas não gosto do sentido bisbilhoteiro da imprensa. Ela deforma tudo. Irrita-me”¹⁶³.

Com o tempo, a aversão de Guimarães Rosa a entrevistas gerou episódios pitorescos. Vicente Guimarães narra que certa feita, o escritor confrontou um jornalista que pediu para entrevistá-lo. “Você já leu meus livros?” Obtendo resposta negativa, retrucou: “Vai lê-los, então, e depois volte. Interessar deve ao público apenas uma entrevista sobre livros e não sobre o particular do autor”. (GUIMARÃES, 1972, p.171)

Era 1963 e Rosa havia lançado um novo livro de contos, *Primeiras estórias*, e dois repórteres tentavam ouvi-lo para uma reportagem especial. Buscaram a ajuda do crítico e filólogo Aurélio Buarque de Holanda, que estava com o escritor em um evento literário em Vitória, capital do Espírito Santo. Aurélio prontificou-se: “É fácil”, e levou-os até Rosa, que tomava café da manhã no restaurante do hotel¹⁶⁴. Segundo relato de Aurélio a Josué Montello, ao ser apresentado aos jornalistas, o escritor fez um comentário pilhérico. Um deles retrucou, em tom contrariado: “o senhor é muito engraçado” e Rosa: “Sim, sou. Mas, engraçado só, não: sou inteligente, e culto, e elegante, e simpático, e bonito”. Depois levantou-se e despediu-se, com picardia: “na entrevista, não se esqueçam de ressaltar minha modéstia”.¹⁶⁵

O escritor esquivava-se da imprensa sempre que possível. Em uma carta a Paulo Dantas, disse que se refugiou em Minas Gerais para evitar os jornalistas, que tentavam arrancar-lhe uma declaração sobre a derrota sofrida para a Academia Brasileira de Letras, em janeiro de 1958:

Voltei a Minas, fui só até Paraopeba, para me esconder dos jornalistas e repórteres, nos quentes dias da eleição para a Academia (...). O resultado, você viu, foi o que foi: deu em água de barrela. Do estouro, salvei dez garrotes – isto é, os 10 votos bons, que deram para salvar a face. (DANTAS, 1975, p. 83)

¹⁶³ Reportagem de Otoniel Santos Pereira na revista *Realidade*.

¹⁶⁴ Montello, Josué. *Diário do Entardecer*, 2/7/1975, p. 1.333

¹⁶⁵ Montello, Josué. *Diário do Entardecer*, 2/7/1975, p. 1.333

O episódio envolvendo o correspondente de *A Manhã* em Paris, Louis Wiznitzer, de que tratamos no capítulo anterior, foi um dos que mais aborreceram Guimarães Rosa no trato com a imprensa. Na carta enviada a Álvaro Lins, em que demonstra sua contrariedade com o ocorrido, ele ressalta que “entrevista a dois, para pequeno espaço em jornal, não é da minha crença”, e que “a rigor, em hora pacífica, o seguro é a gente responder, por escrito, a perguntas escritas.”¹⁶⁶ Como vimos, o jornal publicou um mês depois da reportagem uma carta de Guimarães Rosa desmentindo as declarações a Wiznitzer. No texto de apresentação ao documento, o editor Jorge Lacerda menciona a “entrevista que o autor de *Sagarana* não concedeu” ao repórter.¹⁶⁷

A resistência a entrevistas perdurou até 1963, quando Guimarães Rosa fez ao jornalista, médico e escritor Pedro Bloch a deferência que negou a Paulo Dantas. Com a ressalva de que seria uma “conversa entre amigos”, concedeu-lhe uma entrevista com declarações saborosas, publicada na revista *Manchete* em junho de 1963, que detalhamos logo abaixo. Bloch arrancou revelações do entrevistado, como o porquê da preferência pelas gravatas borboletas, uma das marcas do escritor. “É porque nunca aprendi a dar laço nas gravatas comuns, acho esta mais fácil”.¹⁶⁸

Em uma de suas entrevistas mais substanciais, concedida ao crítico alemão Günter Lorenz, Rosa recorreu ao mesmo argumento utilizado com Bloch: seria uma “conversa”. Lorenz estava empolgado com a oportunidade de entrevistar “o inimigo de toda a espécie de entrevistas e terror dos repórteres”¹⁶⁹. Apesar da expectativa de um diálogo de alto nível entre dois

¹⁶⁶ “Você sabe que eu já nasci com o cadeado na boca, e que voluntariamente não me exponho, a não ser por deliberado projeto”, acrescentou. (Carta a Álvaro Lins, 1950, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais/11.html>> Acessado 15 fev. 2019.

¹⁶⁷ “A entrevista que o autor de *Sagarana* não concedeu ao nosso correspondente fica compensada com a carta que nos dirigiu e que é, como tudo que ele escreve, uma admirável página literária”. Carta de Guimarães Rosa ao suplemento *Letras e Artes*, 5/3/1950, Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/114774/2074>> Acessado 15 fev. 2019.

¹⁶⁸ “Não-entrevista de Guimarães Rosa”, 1/6/1963, disponível no acervo: JGR-R06,014 IEB-USP

¹⁶⁹ “Diálogo com Guimarães Rosa”. Entrevista a Günter Lorenz, janeiro de 1965, no “Congresso de Escritores Latino-Americanos”, em Gênova, Itália.

intelectuais, Rosa exigiu que o interlocutor não usasse o termo 'entrevista': "Eu certamente não teria aceito seu convite se esperasse uma entrevista. As entrevistas são trocas de palavras em que um formula ao outro perguntas cujas respostas já conhece de antemão. Vim como combinamos porque desejávamos conversar".¹⁷⁰

Em contrapartida, se de um lado desconfiava da capacidade de seus inquisidores, Rosa tinha uma faceta semelhante aos seus "algozes": era um entrevistador obsessivo, interessado em esmiuçar histórias e desvendar personalidades para a futura composição de seus personagens e de suas narrativas, como veremos no capítulo IV desta dissertação.

A seguir, apresentamos a relação de todas as entrevistas concedidas por Guimarães Rosa que se tornaram públicas, e o respectivo conteúdo de cada uma.

¹⁷⁰ "Diálogo com Guimarães Rosa". Entrevista a Günter Lorenz, janeiro de 1965, no "Congresso de Escritores Latino-Americanos", em Gênova, Itália.

3.2 RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Foram 13 entrevistas: cinco para jornais e revistas de grande circulação, três para jornalistas e críticos estrangeiros (dois portugueses e um alemão) e mais três para estudantes. Também há registro de duas entrevistas concedidas para canais de televisão.

3.2.1 Jornais e revistas, críticos e estudantes

- 1) *Correio da Manhã*, ao repórter José Cesar Borba, Publicada em 19/5/1946, “Histórias de Itaguara e Cordisburgo”;
- 2) *O Jornal (Diários Associados)*, ao repórter Ascendino Leite, Publicada em 26/5/1946, “Arte e céu, países de primeira necessidade”;
- 3) *O Cruzeiro*, ao repórter Álvares da Silva e ao fotógrafo Eugênio H. Silva, Edição 36, 17/6/1952, “Com o vaqueiro Guimarães Rosa – Um escritor entre seus personagens”;
- 4) *Jornal Flan*, ao jornalista Carlos R. M. de Laet, com fotos de Jader Neves, publicada no número 10, edição de 14 a 20 de junho de 1953, “Há títulos e brasões também no mundo dos bichanos”;
- 5) *Revista Manchete*, ao jornalista e escritor Pedro Bloch, Publicada em 1/6/1963, “Não-entrevista de Guimarães Rosa”;
- 6) Ao crítico Günter Lorenz, janeiro de 1965, em Gênova, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos, “Diálogo com Guimarães Rosa”, incluída em 1970 no livro *Dialog mit Lateinamerika: Panorama einer Literatur der Zukunft*. A obra foi traduzida e publicada no Brasil em 1973, no livro *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*, Editora Pedagógica Universitária;

- 7) *Revista Humboldt*, Alemanha, entrevista concedida ao professor e jornalista português Fernando Camacho, Gravada em abril de 1966, publicada no periódico em 1978;
- 8) *Diário de Notícias*, Portugal, ao jornalista Arnaldo Saraiva, Publicada em 24 de novembro de 1966;
- 9) À estudante Maria da Graça de Faria Coutinho, em 1966, publicada na revista Primeira Impressão, nº 8, julho/1988, p.10, Republicada pela Oficina Literária Afrânio Coutinho (Olac) em 2010, em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- 10) À estudante Lenice, de Curvelo (MG), prima do escritor, resposta enviada em carta de 19/10/1966;
- 11) Revista *O Cruzeiro*, concedida em 12/9/1967 a um grupo de seis alunos do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro (provavelmente a última de Rosa) , reportagem de Vander de Castro e fotos de Eugênio Silva , Publicada na edição 65, de 23/12/1967, “Guimarães Rosa fala aos jovens”.

3.2.2 Emissoras de televisão

- 1) Entrevista concedida ao apresentador Walter Höllerer para um canal de televisão independente em Berlim, em 1962;
- 2) Entrevista concedida durante o 2º Colóquio de escritores latino-americanos e alemães em Berlim – Semana Cultural Latino-Americana em Berlim. A editora Kiepenheuer & Witsch ofereceu recepção na cidade de Colônia pelo aparecimento do Grande sertão: veredas em alemão. Em 1/10/1964. Do arquivo da produtora argentina Archivo DiFilm.

3.3 ENTREVISTAS

Analisamos, a seguir, os pontos principais de cada uma das entrevistas concedidas por Guimarães Rosa.

3.3.1 Correio da Manhã (1946)

No dia 19 de maio de 1946, um domingo, cerca de um mês após o lançamento de *Sagarana*, o *Correio da Manhã* estampou em duas páginas a primeira entrevista de Guimarães Rosa: “Histórias de Itaguara e Cordisburgo” era o título da entrevista, assinada por José Cesar Borba. “Um rapaz gordo, cordial e míope”, registrou o repórter sobre o escritor:

Coube-nos esta primazia com respeito a este autor, cujo aparecimento na literatura brasileira está servindo para renová-la e revigorá-la; está sendo motivo pra que os verdadeiros homens de letras, conscientes de sua função e vitoriosos no seu ofício, saúdem o companheiro com o mesmo entusiasmo com que Rui Barbosa e Tristão de Athayde saudaram, em sua estreia, a Monteiro Lobato e a José Américo de Almeida,

Completo, sobre obter a primeira entrevista com Rosa.¹⁷¹

Rosa relatou como foi o processo de criação de *Sagarana*, que havia sido escrito nove anos antes, e enviado para o concurso de contos Humberto de Campos, com o codinome Viator. “Como minhas relações literárias eram quase nenhuma e eu sentia falta de-alguém que me dissesse se aquilo valia alguma coisa, recorri anonimamente aos membros da comissão julgadora”, revelou o autor. Também relatou que ficou em segundo lugar, mas o amigo Cícero Dias o incentivou a publicar a obra. “Fiz-lhe pouquíssimas alterações de forma ou estilo, limitando-me a suprimir em uma ou duas histórias, parágrafos que me pareceram supérfluos para o público, embora tivessem para mim uma grande importância, mas toda de ordem subjetiva” contou o entrevistado.

¹⁷¹ Trechos e citações extraídos do original do *Correio da Manhã*, consultado na Hemeroteca Digital, em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/31337> Acesso em 09 fev. 2018.

Refratário a entrevistas, no entanto, Guimarães Rosa afirma a José Cesar Borba que, como escritor, prefere a narrativa na forma de diálogos, porque dessa forma seus personagens podem se expressar com autenticidade:

Prefiro que os personagens falem por si mesmos, isso é hábil, aconselhável – e simplifica o texto. Não sei que vantagem advém para o autor de ser um intérprete das suas criações. Os personagens devem mentir ou dizer a verdade com a sua própria boca; o leitor que os pilhe em falta ou em virtude.

A entrevista também explora o viés regionalista do autor. Rosa explica ao interlocutor que as histórias narradas em *Sagarana* remontam à sua infância, nas cidades de interior onde foi criado, lembranças que ainda estavam vivas em sua memória:

O regionalismo de *Sagarana* talvez não seja um gênero, mas sim uma contingência. À medida que vou vivendo e sonhando, participando de um mundo diferente do da minha infância, vou sentindo que mais tarde serei capaz de me tornar um escritor da cidade, quando os fatos e as pessoas de hoje forem partes da minha memória, constituírem lembranças e saudades, como os de Cordisburgo e Itaguara que me fizeram escrever *Sagarana*.

O escritor esclarece que esse regionalismo acaba se impondo porque só sabe descrever o que viu efetivamente, e sonhou depois. “Em literatura sou um visual”, definiu. Ao fim da conversa, Rosa não descartou criar narrativas urbanas, mas ponderou que seria preciso vivenciar por muitos anos o cotidiano das cidades para compô-las. Por isso, como a experiência urbana ainda lhe demandaria tempo, concluiu dizendo que o livro seguinte ainda seria de histórias “regionais”, como ocorreu de fato, com as publicações de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, ambos de 1956.

3.3.2 O Jornal (1946)

A segunda entrevista concedida por Guimarães Rosa foi publicada no domingo seguinte à do *Correio da Manhã*, em 26 de maio de 1946. O escritor abriu novamente as portas de seu apartamento, na Rua do Russel, no Rio de Janeiro, desta vez para receber o repórter Ascendino Leite, de *O Jornal*, dos *Diários Associados*. Embora concedida no dia seguinte à do concorrente, nessa entrevista são abordados outros temas, como a preocupação do escritor com o que chama de “empobrecimento” da linguagem. Sob o título “Arte e céu, países de primeira necessidade”, o diálogo mostra um Rosa saudosos das belezas de sua terra natal, sobretudo da gruta de Maquiné – tema de uma crônica que publicou no mesmo periódico em 1930. Fala dos bichos que existiram de se pegar com a mão e que viraram personagens dos contos de *Sagarana*, como o Burrinho Pedrês, e das pessoas de carne e osso que emprestaram nomes a personagens, caso do vizinho Nhô Augusto Matraga. Fala também da infância, “tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, comentando, perguntando, mandando, comandando, estragando os prazeres.”¹⁷²

Rosa revela-se preocupado com a “recuperação da linguagem literária”. Apresenta ao repórter a proposta de se reunir todas as palavras – “de Portugal, do Sertão, dos tupis dos clássicos, galicismos, gírias, termos novos arrancados dos desvãos do latim, tecnicismos, cinemismos, neologismos premiados em concursos” – e depois confiar a uma comissão de artistas a alta tarefa de selecionar as necessárias, as “boas”, para elaboração da nova língua, que o escritor gostaria que fosse “simples, formosa, exata em força e sutileza”.

Em meio a esse raciocínio, o autor lamenta que a descoberta de palavras “boas” demanda uma atividade de garimpo: “É preciso uma montanha de minério, para poder-se extrair grama de metal raro. Se a gente pudesse ensinar às crianças o idioma falado no céu, este mundo melhorava tanto, que era um espanto”. Ele também destaca a criatividade do homem simples da

¹⁷² Trechos e citações extraídos do original de *O Jornal*, consultado na Hemeroteca. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33236> Acessado em 12 apr. 2018.

roça: “O capiau está mais certo: com o vocabulário, involuntariamente escasso, de que dispõe, gosta da ostentação, de opulência, de beleza, de inventar nomes”.

A relevância desta entrevista para as pesquisas sobre Guimarães Rosa, é que desde então, em 1946, ele já criticava o descaso com a língua portuguesa. Ao repórter, ele alerta que o relaxamento da palavra escrita era “perigoso”, e levava à pobreza. “Uma palavra é coisa sagrada, em todos os sentidos”, enfatizou. Outro destaque é a valorização da linguagem do homem do campo: apontado como um “inventor de palavras”, Rosa revelou-se, na verdade, um garimpeiro do vocabulário dos homens simples, dos quais destacou a “criatividade” na arte de se comunicar.

A entrevista também é dedicada às lembranças da infância, como naquela concedida ao *Correio da Manhã*. Ele se recordou de deitar-se no chão e imaginar histórias, ainda menino, e argumentou: “a vida não passa de histórias mal arranjadas, de espetáculo fora de foco. A arte e o céu serão, pois, assunto mais sério, e também são países de primeiras necessidades”. Ainda nesta mesma entrevista, Rosa diz ao repórter que “na roça, o diabo ainda existe”, e que fez com o demo pequenos “pactos, provisórios”. Esta revelação torna-se historicamente relevante porque foi feita dez anos antes da publicação de *Grande sertão: veredas*, o romance que eternizaria o episódio do pacto do personagem Riobaldo com o diabo para obter coragem e poder, a fim de chefiar o bando.

3.3.3 O Cruzeiro (1952)

Em 1952, Guimarães Rosa era um escritor aclamado pela publicação de *Sagarana* e diplomata respeitado – ocupava a chefia de gabinete do chanceler João Neves da Fontoura – e, portanto, tinha a imprensa em seu encaço, por mais que tentasse esquivar-se. Por essa razão, logo chegou às redações a notícia de sua empreitada pelo sertão de Minas Gerais, acompanhando um grupo de vaqueiros na condução de uma boiada em maio daquele ano.

No fim da viagem, ele se deparou inesperadamente com uma equipe da revista *O Cruzeiro* que o aguardava na sede da fazenda para reportar os pormenores da aventura. “Sabíamos só onde a boiada, os vaqueiros e o homem iam esbarrar por final. De surpresa – que ele sempre foi vasqueiro [difícil] além de vaqueiro – fomos topá-lo no último dia da jornada. Era o fim de uma cavalgada de dez dias, para eles”, escreveu o repórter Álvares da Silva no periódico.

Rosa poderia tê-los ignorado, já que o encontro não havia sido combinado. Mas provavelmente animado com a façanha, dispôs-se a relatar os fatos aos jornalistas. Não foi uma entrevista no modelo tradicional de perguntas e respostas diretas, mas Guimarães Rosa conversou com o repórter, deu informações detalhadas e declarações sobre a viagem, e deixou-se fotografar com o traje de vaqueiro. O jornalista assim o descreveu: “tinha barba de três dias, vermelhão de sol e requeimado ao mais pela poeira do sertão”.¹⁷³

Sem o formalismo do modelo de perguntas e respostas, a entrevista transformou-se em uma conversa descontraída. Rosa explicou ao repórter, por exemplo, por que vinha no final do grupo de vaqueiros: enfatizou que era um posto importante, embora preferisse outra colocação no futebol. “Culatra é o lugar de resistência e de mais perigo, no caso de estouro e arribada. Ponto de fiscalização”, esclareceu. Ainda ressaltou que, no entanto, preferia uma outra

¹⁷³ Trechos e citações desta entrevista extraídos do original da Hemeroteca Digital. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/003581/81537>> Acessado em 13 apr. 2018.

colocação: “Minha posição predileta era de flaqueado no contra-coice do lado esquerdo. Corresponde no time de futebol ao *half* esquerdo”.

Deve-se a essa reportagem e às fotos de Eugênio Silva a consolidação no imaginário popular da imagem de Guimarães Rosa vestido de vaqueiro, chapéu de palha, montado na mula Balalaica que o carregou durante todo o percurso. “Esperta, danada de boa”, disse o autor sobre a companheira de viagem. A revista estampou diversas fotografias do escritor caracterizado de vaqueiro realizando ações comezinhas: bebendo cafezinho no coité, fumando cigarro de palha acendido no tição, montado na Balalaica. A reportagem revelou um escritor bem humorado, que enfrentou vicissitudes incomuns à rotina do diplomata, como uma dieta restrita a feijão, farinha, arroz e carne seca. Ele comemorou, entretanto, que em uma escala na fazenda do Pedro Mendes, ganhou uma garrafa de pimenta que lhe permitiu temperar a refeição.

3.3.4 Flan (1953)

Em meados de 1953, já consagrado por *Sagarana*, Guimarães Rosa abriu as portas de sua residência em Copacabana ao repórter Carlos R. M. de Laet e ao fotógrafo Jader Neves, do jornal *Flan*¹⁷⁴ com a condição de que responderia perguntas exclusivamente sobre seus gatos. A reportagem trouxe fotos de Rosa e Aracy abraçados aos três persas da família, todos da mais fina estirpe: Yogui, Xizinha e Boy (também conhecido como Bozinho). Por isso, logo no início do texto, o repórter informa e lamenta que o escritor condicionou a entrevista à restrição da pauta.

Rosa deu respostas evasivas a perguntas sobre outros assuntos pelos quais o jornalista tentou enveredar, mas fez uma concessão ao falar sobre um personagem recorrente em sua obra: o boi. “Sempre gostei de gatos e de bois indistintamente. Mas os gatos são mais fáceis de criar em casa. (...)”

¹⁷⁴ *Flan* foi um semanário de variedades criado pelo jornalista e empresário Samuel Wainer na tentativa de concorrer com a revista *O Cruzeiro*, de seu concorrente Assis Chateaubriand. O jornal circulou entre 1953 e 1954, e integrou o grupo de mídia de Wainer cujo carro-chefe era o jornal *Última hora*.

Na realidade aprecio todos os animais, mas o gato e o boi são os mais contemplativos”, disse o entrevistado.¹⁷⁵

À primeira vista, pelo seu conteúdo, a entrevista parece despreziosa para pesquisadores da obra de Guimarães Rosa. No entanto, a insistência e a perspicácia do repórter lhe permitiram extrair do escritor uma autoanálise e uma das melhores metáforas representativas de sua personalidade. Questionado sobre como conseguia harmonizar o regionalismo caipira de sua obra com o *black tie* que caracteriza o diplomata, Rosa respondeu: “O *black tie* é só por fora. Por dentro eu sou todo caipira. Sou muito mais caipira que diplomata”. O amante de bois e gatos ainda arrematou com uma frase representativa de sua biografia: “vaqueiro é uma filosofia e a diplomacia é uma especialização”.

A todo o tempo, entretanto, Rosa advertia o jornalista que o combinado era falar sobre os felinos. “Você deve falar mais sobre o gato, que é sempre mais interessante que a gente. O gato é um injustiçado. Ao contrário do que se imagina, ele é afetuoso, mas como é um introvertido, não faz estardalhaço do seu sentimentalismo.”

Assim, com exceção do momento de análise filosófica sobre o vaqueiro e o diplomata, a entrevista priorizou as histórias dos gatos do escritor, que mostrou fotos da saudosa Mica, vítima de um infarto de miocárdio, cartões postais enviados pelas mais nobres *chatteries* [gatis] de todo o mundo, e ainda apresentou o papagaio Louro, imigrante do médio São Francisco.

¹⁷⁵ Trechos e citações extraídos do original da reportagem, consultado na Hemeroteca Digital. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/305>> Acessado em 15 apr. 2018

3.3.5 Manchete (1963)

A edição de junho de 1963 da revista *Manchete* agraciou os leitores com uma “não-entrevista” de Guimarães Rosa ao amigo médico, escritor e jornalista Pedro Bloch. É a entrevista em que o escritor expôs com maior ênfase sua aversão a essa prática jornalística. Todo o tempo, Rosa fez questão de frisar que aquilo era apenas uma “conversa entre amigos”.

De sua parte, Bloch prometeu respeitar os escrúpulos de seu interlocutor. “Não é entrevista, que não sou entrevistador. É conversa. E não é de responder a perguntas, mas, tão amigo sou de Guimarães Rosa, tanto o conheço, tanto temos falado, que nem precisaria de ali estar para entrevistá-lo”, escreveu Pedro Bloch na introdução do texto.¹⁷⁶

De início, Rosa avisa Pedro Bloch que não pode lhe dar uma entrevista porque negou aos seus melhores amigos, inclusive a José Olympio. “Se dou a você, me coloco mal diante deles”, alertou. Ato contínuo, o escritor expõe ao amigo um dos motivos pelo qual passou a esquivar-se de repórteres: porque tendia a se arrepender de suas próprias declarações e não tinha como retificá-las, porque já estavam impressas e gravadas naquele determinado periódico:

Você sabe por que não dou entrevista? Não é por vaidade, por nada. No começo, quando eu não era ninguém, ninguém queria entrevistar-me. Depois, com o começo de minha carreira literária, com *Sagarana*, começaram a entrevistar-me. As entrevistas saíam e eu guardava. Não tenho nada contra quem entrevista. Tenho é contra mim. Passado tempo ia ver o que tinha dito e não concordava mais comigo. Não diria mais aquilo, compreende? Não gosto do transitório, do provisório. Gosto do eterno.

Em outro excerto, ao relembrar o episódio da morte do amigo e chefe João Neves da Fontoura, reclama da mania dos jornalistas de tentarem resumir tudo, até mesmo questões delicadas e sensíveis. “Quando morreu me

¹⁷⁶ Todos os trechos e citações deste subcapítulo foram extraídos do texto original, consultado na Hemeroteca Digital Disponível, em <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/50758>> Acessado em 15 apr. 2018

telefonaram de um jornal pedindo uma frase sobre ele. Como é que eu posso resumir João Neves numa frase? Por essas e outras é que eu não dou entrevista”, enfatizou. Rosa acrescenta que chegou a receber uma correspondente do jornal americano The New York Times, que travou com ele “uma luta enorme” em busca de respostas.

Grande parte da “não-entrevista” é dedicada a enumerar as razões pelas quais Guimarães Rosa evita entrevistas. Em outros trechos, entretanto, há espaço para declarações filosóficas, e relevantes para esta pesquisa. O escritor associa os jornais necessariamente aos fatos da vida cotidiana, que lhe causam “angústia”. É em meio a esse raciocínio, que o escritor profere uma de suas frases mais reveladoras sobre sua relação com o jornalismo:

Detesto o cotidiano. Pra mim é um suplício comer, fazer a barba, vestir. O todo-dia é um inferno. Não leio jornal na hora. Jornal é angústia concentrada. Só leio matutino à noite ... pra dar distância. Vivo para uma coisa maior, um vir-a-ser de uma natureza diferente. A arte permite isso. Permite essa transformação. Por mim os livros não deviam nem trazer nome do autor. O autor devia ser um mistério.

Adiante, ele complementa o raciocínio com uma observação bem-humorada sobre futebol: “Eu não leio as derrotas do Brasil. Só leio jornal quando o Brasil ganha”.

Apesar de toda a resistência do “não-entrevistado”, Pedro Bloch mostrou-se habilidoso para extrair declarações de ampla repercussão do escritor. É antológica a explicação de Rosa sobre seu método de criação, em que menciona a caderneta manchada de sangue:

Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo.

Rosa também fez a Bloch uma afirmação impactante sobre a composição de seus personagens: “vejo o ser humano com rascunho do que vai ser”. É possível que a força e a profundidade das declarações de Rosa nesta “não-entrevista” advenham da confiança no interlocutor, já que eram amigos e intelectuais de nível elevado.

Apesar da afirmação do escritor de que não gostava de entrevistas pelo conteúdo provisório que produziam, a conversa com Bloch gerou declarações emblemáticas, que até hoje embasam pesquisas em torno de sua obra.

3.3.6 Ao crítico alemão Günter Lorenz (1965)

Em janeiro de 1965, Guimarães Rosa participou do Congresso de Escritores Latino-Americanos, realizado em Gênova, na Itália. Na ocasião, travou uma longa conversa com o crítico alemão Günter Lorenz, que em 1970 a incluiu no livro *Dialog mit Lateinamerika: Panorama einer Literatur der Zukunft*. A obra somente seria traduzida e publicada no Brasil em 1973, com o título “Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro”.

Por isso, a entrevista de Rosa ao crítico alemão veio a público no Brasil somente oito anos depois. Estabelecida em elevado nível intelectual de entrevistado e entrevistador, a entrevista reúne considerações sofisticadas e análises filosóficas de Guimarães Rosa sobre arte, literatura, processo criativo, alma, condição humana e eternidade. Rosa também retoma suas considerações sobre entrevistas e jornalismo, como veremos a seguir.¹⁷⁷

De início, o crítico congratula-se pela “sensacional oportunidade”, pela proeza de haver conseguido uma “entrevista com o inimigo de toda a espécie de entrevistas e terror dos repórteres: Guimarães Rosa”. Reafirma, dessa forma, a conhecida aversão do escritor às entrevistas, tema que exploramos ao longo deste capítulo. Mas Rosa repete a estratégia com Pedro

¹⁷⁷ Todos os trechos citados e comentados neste subcapítulo foram extraídos do original. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>> Acessado em 15 apr. 2019.

Bloch, de se furtar ao termo “entrevista”, e fala em “conversa”: “Primeiro, e já disse isso, agrada-me conversar com você, pois escreveu a meu respeito coisas tão encantadoras e interessantes que gostaria de tratar delas novamente, ainda que fosse unicamente por razões de egoísmo”, respondeu.

Repetiu a recomendação que havia feito a Bloch dois anos antes – era 1965, e a “não-entrevista” a *Manchete* foi em 1963. “Peço-lhe que não use essa horrível expressão “entrevista”. Eu certamente não teria aceito seu convite se esperasse uma entrevista”.

Neste trecho, é importante remarcar que Rosa recorre a outro argumento para rechaçar as entrevistas. A Pedro Bloch, o escritor havia ponderado que as entrevistas têm natureza provisória, transitória – e depois de impressas nas páginas dos jornais e das revistas, quando voltava a elas, se arrependia de algumas declarações.

A Günter Lorenz, contudo, o escritor subverte o conceito de “entrevista”, como se as perguntas do entrevistador ao interlocutor não passassem de mera retórica. “As entrevistas são trocas de palavras em que um formula ao outro perguntas cujas respostas já conhece de antemão”, minimizou. Ele adverte o crítico esclarecendo que aceitou o convite para “conversar”, em uma conversa “em conjunto”.

Na sequência, Lorenz introduz o debate sobre o papel dos críticos literários, que levou Rosa a responder com acidez: “Não é possível dialogar com pessoas que manifestam por escrito a sua incompetência, pois lhes falta a condição básica para o diálogo: o respeito mútuo”.

Rosa admite que não tem opinião favorável à crítica, e relembra que no começo de sua carreira, por ocasião do lançamento de *Sagarana* (1946), muitos o atacaram. “Me lançavam ao rosto que meu estilo era exaltado, que eu permanecia no irreal, e assim toda espécie de retórica”, recordou-se.

Ato contínuo, Rosa afirma que quase 19 anos depois das primeiras críticas negativas, os críticos não o incomodam mais, até porque ele deixou de ler os periódicos. “Por isto o que essa gente escreve não me perturba; simplesmente não leio mais jornais.” Ele conclui ressaltando que aceitaria críticas de um profissional que o tratasse duramente, mas baseado na

compreensão, de forma fundamentada. Mas quanto ao crítico que escreve tolices, é maçante. “Eu odeio a tolice”, enfatizou.

Considerado “revolucionário” pelos críticos, sobretudo após a publicação de *Grande sertão: veredas* (1956) – que havia sido lançado em alemão em 1964, um ano antes dessa entrevista – Rosa disse a Lorenz que era um conservador em termos de linguagem.

Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem.

Rosa retoma o tema que havia introduzido na entrevista concedida a Ascendino Leite, que analisamos no subcapítulo 3.3.2, onde ele critica o “empobrecimento” da linguagem. Naquela oportunidade, 19 anos antes, Rosa aspirava à construção de uma nova língua, que fosse “exata em força e sutileza”, por meio da junção do idioma de Portugal e do Sertão, dos tupis e dos clássicos, dos galicismos, gírias, termos novos arrancados dos desvãos do latim, tecnicismos, cinemismos, neologismos premiados em sutileza.

Um outro tema que Guimarães Rosa retoma com Lorenz é o da “eternidade”. Em uma de suas metáforas mais inspiradoras, o escritor afirma que gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Segundo Rosa, esse animal vem ao mundo como um “magister da metafísica”, porque para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade.

Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.

Como vimos no subcapítulo anterior, Rosa revelou a Pedro Bloch na “não-entrevista” para a revista *Manchete* o seu apreço pela eternidade. Ao

explicar que não dava entrevistas para não se arrepende depois do que havia dito, e não ter como apagar aquela declaração, o escritor argumenta que não gosta do provisório ou do transitório, gosta do eterno.

3.3.7 Ao jornalista português Fernando Camacho para a revista alemã Humboldt (1966)

Esta entrevista foi concedida ao professor e jornalista português Fernando Camacho em abril de 1966, no gabinete de Guimarães Rosa no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro. Contudo, só foi publicada em 1978, na revista alemã Humboldt. Rara, foi recuperada por pesquisadores da obra do escritor, traduzida e divulgada em sites especializados no Brasil.

Em uma breve introdução, Camacho esclarece que estava de férias da Universidade de Zurique no Brasil, e havia se comprometido com a revista *Humboldt* a entrevistar o autor de *Grande sertão: veredas* – cuja tradução alemã havia sido lançada naquele país em 1964. Além da publicação prevista na revista alemã, também havia um acerto para que uma versão em português fosse publicada no Jornal do Brasil.

No entanto, a entrevista acabou não sendo publicada porque dois meses depois de voltar do Brasil, a vida de Camacho sofreu uma reviravolta; ele deixou Zurique e assumiu novo posto de ensino na Inglaterra. Com as mudanças e descaminhos da vida, o conteúdo se perdeu, e o professor só localizou o material 12 anos depois, logrando publicá-lo na revista alemã, como programado inicialmente.¹⁷⁸

Esta é outro exemplo de uma longa e densa entrevista, equiparável àquela concedida ao crítico alemão Günter Lorenz. Na conversa com Fernando Camacho, Guimarães Rosa discorre sobre o seu processo de criação literária,

¹⁷⁸ Publicada na Revista Humboldt, no 37, vol.18, p. 42/53, Munique|Rio de Janeiro, 1978. Entrevista rara, descoberta pelo professor doutor Gustavo de Castro da UnB e pelos pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) Pedro Marques e Frederico Camargo. Todas as citações deste subcapítulo foram extraídas da versão digital, reproduzida no site < <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/joao-guimaraes-rosa-entrevistado-por.html> > Acessado 15 fev. 2019.

discute as traduções de sua obra, sugere interpretações para o seu vocabulário, descortina intimidades da alma.

Entretanto, a questão da repulsa a entrevistas é retomada em mais este diálogo. Na introdução, Camacho revela que havia sido alertado quanto à “personalidade complexa” do escritor, que seria uma pessoa “extremamente egoísta, incapaz de ajudar a ninguém”. O professor rechaça essa afirmação, observando que o escritor lhe deu todo o apoio em sua primeira viagem ao Brasil, ainda assentiu com a entrevista.

Neste ponto, relata que Rosa considerava a entrevista “uma perda de tempo” e o havia advertido que “por uma questão de princípio, não dava entrevistas”. Faria a exceção, contudo, por acreditar que poderia ajudá-lo. Em dois momentos, Guimarães Rosa faz ressalvas sobre a interação com o entrevistador. No começo do diálogo, o escritor recomenda ao interlocutor que “olhe bem” para ele. “Quero ver seus olhos quando me fizer perguntas, vamos tornar [isto] o mais vivo [possível]”, disse Rosa. A correspondência de olhares reflete a exigência de Rosa pela atenção à sua fala, bem como o veto a qualquer distração.

Perto do final, o escritor cumprimentou o entrevistador pela boa condução do diálogo. “Camacho, estou gostando, você vai fazer uma bela entrevista”. Este comentário soa singular, porque além de Rosa ter cedido em responder às perguntas do amigo, demonstrou satisfação com o diálogo. Assim como ocorrido com Pedro Bloch e Günter Lorenz, que Rosa sabia que conheciam profundamente sua obra, é possível que a confiança em Camacho – também um estudioso de seus livros – tenha pavimentado o caminho para a entrevista.

O diálogo aborda o clássico “A terceira margem do rio”, publicado na coluna semanal que o escritor manteve no jornal *O Globo* entre janeiro e agosto de 1961, conforme mostramos no primeiro capítulo. Rosa disse que se assustou com a repercussão do conto, “uma peça de que o mundo gosta muito”, porque depois de vê-lo publicado, e diante da enxurrada de cumprimentos, não compreende como foi capaz de fazer aquilo.

“Os elogios até me deprimem. Quer dizer, eu penso: não sei como foi que aquilo ficou assim, eu não tenho a receita, não tenho a receita, não posso repetir isso”. Rosa recorre a uma metáfora curiosa para explicar que não consegue registrar a receita de uma obra-prima: “é como um cozinheiro que fosse botando coisa na panela sem tomar nota”.

Em outra passagem da entrevista, o autor explica que toma distância da obra depois de publicada, mas então começa a reler os textos e, dessa forma, busca aprender coisas sobre si mesmo:

Eu aprecio minhas coisas como se elas não fossem minhas. Às vezes eu pego uma coisa minha e digo "está bom, está bom" como sendo de outro autor. Eu gosto até de elogiá-las porque aquilo não sou eu. Houve tanto caminho, tanta mistura, tanta duração que eu depois sinto a coisa como se não tivesse ligação direta comigo.

Trata-se de um contraponto ao que Rosa afirmou na entrevista a Pedro Bloch, analisada no subcapítulo 3.3.5, alegando que evitava entrevistas, porque depois quando as relia, arrependia-se de certas declarações que não repetiria após algum tempo. Naquela situação, Rosa referiu-se ao arrependimento pelo que falou nas entrevistas, mas é peculiar que ele tenha apreço em reler sua obra e não cogite arrependimento, mas, sim, aprendizado. “Eu descubro coisas a meu respeito depois lendo calmamente o que eu escrevi, aprendo coisas a meu respeito me lendo”, confessou a Camacho.

3.3.8 À estudante Lenice, prima de Curvelo (1966)

Trata-se de uma entrevista feita por carta para o trabalho escolar da prima Lenice, estudante na cidade de Curvelo, Minas Gerais. As perguntas foram formuladas em 23 de agosto de 1966, mas a resposta só foi encaminhada em 19 de outubro do mesmo ano. O escritor pede desculpas pela demora porque “Tia (Vovó) Carlotinha” somente naqueles dias havia enviado a correspondência ao seu gabinete no Itamaraty.

Embora se esquivasse de entrevistas, Rosa era extremamente atencioso com estudantes que o procuravam para falar de literatura e de sua obra. “Não reparem, pois, se os quesitos vão preenchidos de modo curto e fosco. Mas faço-o com vivo carinho e sincera alegria”, registrou na resposta a Lenice.

A gentileza manifestada à prima não se deve ao parentesco, já que o mesmo tratamento se deu com a estudante Graça Coutinho e com os alunos do Pedro II, a quem ele concederá sua última entrevista – analisaremos ambos os casos nos itens seguintes.¹⁷⁹

A relevância desta entrevista para pesquisadores, mesmo tratando-se de um trabalho escolar, consiste na revelação do escritor de seu livro favorito: “de tudo o que escrevi, gosto mais é da estória do Miguilim (o título é “Campo geral”), do livro *Corpo de Baile*”. Rosa fundamenta a escolha: “Porque ela é mais forte que o autor, sempre me emociona; eu choro, cada vez que a releio, mesmo para rever as provas tipográficas. Mas, o porquê, mesmo, a gente não sabe, são mistérios do mundo afetivo”.

A respeito de seu livro de estreia, *Sagarana*, Rosa afirma que se trata de um “filho igual aos outros, apesar de ser o mais velho”. Rosa ainda repetiu a Lenice considerações que havia feito a Vicente Guimarães em 1946, quando o tio o instava a dar entrevistas. O escritor dizia ao tio que não falaria com repórteres porque o que importava era o livro, não o autor. É o que ele reafirmou na carta à estudante: “Os livros, em si, é que são importantes. Os autores, não. O autor é uma sombra, a serviço de coisas mais altas, que às vezes ele nem entende. O autor é sempre bananeira que já deu cacho”, concluiu.

3.3.9 Diário de Notícias, de Portugal (1966)

Em 24 de novembro de 1966, o Diário de Notícias, de Portugal, publicou uma das raras entrevistas de Guimarães Rosa, que não repercutiu no

¹⁷⁹ Citações extraídas da reprodução da carta no livro Joãozinho – Infância de Guimarães Rosa, de Vicente Guimarães, 1972, p. 172-174.

Brasil naquela ocasião. Foi concedida no Palácio Itamaraty ao enviado especial Arnaldo Saraiva, que assim definiu o escritor: “Eis o homem. O homem que em menos de vinte anos, com a sua prosa, o seu estilo, a sua literatura (...) conquistou o Brasil, Portugal, a Alemanha, a Itália, os Estados Unidos, o mundo, não?”

Assim como fizera com Pedro Bloch, Günter Lorenz e Fernando Camacho, Rosa reiterou seu repúdio a entrevistas, ressaltando que se tratava de uma concessão ao interlocutor: “Eu não gosto de dar, nem dou entrevistas. Tenho sempre a sensação de que não disse o que queria dizer, ou que disse mal o que disse, ou que criei maior confusão; e não estou assim tão seguro do que procuro e do que quero. Com você abri uma exceção”, observou.¹⁸⁰

Rosa mostra-se satisfeito em falar com um interlocutor português e manifesta seu afeto pelo país, a começar pela leitura dos autores portugueses. Cita Camilo Castelo Branco: “leio-o como quem vai visitar o avô”; e Eça de Queiroz: “leio-o como quem vai visitar a amante”.

Relata que na primeira visita a Portugal, buscou as “comidas ecianas (que gostosura, aquele jantar da Quinta de Tormes)”. Acrescenta que se torna “materialista” quando pensa em Portugal, “nos bons vinhos, nas excelentes comidas que há por lá”, e revela que gostaria de voltar àquele país.

É nesse contexto de afeição que o escritor comenta a boa receptividade de sua obra em Portugal, lamentando que no Brasil houve “equivocos”, diante da interpretação generalizada da crítica de que ele estaria inventando palavras:

¹⁸⁰ Publicada em 24/11/ 1966, essa entrevista é referenciada por admiradores da obra de Guimarães Rosa como a última concedida pelo autor. Eventualmente, para um veículo comercial, é possível que tenha sido, até onde as pesquisas avançaram. Mas a última entrevista, como veremos a seguir, foi uma deferência de Rosa a um grupo de alunos do Colégio Pedro II apenas dois meses antes de sua morte. As citações mencionadas neste subcapítulo foram extraídas da versão digital reproduzida em <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/grandes-entrevistas-guimaraes-rosa.html>

Em relação a mim, houve por aqui [no Brasil] muitos equívocos, que ainda hoje não desapareceram de todo e que, curiosamente, ao que parece, não houve em Portugal. Pensaram alguns que eu inventava palavras a meu bel-prazer ou que pretendia fazer simples erudição. Ora o que sucede é que eu me limitei a explorar as virtualidades da língua, tal como era falada e entendida em Minas, região que teve durante muitos anos ligação direta com Portugal, o que explica as suas tendências arcaizantes para lá do vocabulário muito concreto e reduzido.

Esse trecho expõe o tom de irritação de Rosa com os críticos, que o escritor havia manifestado na entrevista concedida em 1965 ao crítico alemão Günter Lorenz. Naquele diálogo, Rosa lembrou que classificaram seu estilo como “exaltado”, que ele vivia num mundo “irreal”. Ao alemão, o escritor ressaltou que admitiria críticas fundamentadas, baseadas na compreensão, mas não seria tolerante a “tolices”.

Esta passagem também remonta à entrevista concedida ao repórter Ascendino Leite, de *O Jornal*, em 1946, em que o escritor criticou o “empobrecimento” da linguagem, e defendeu a criação de uma nova língua, que entre outros requisitos reunisse o português falado em Portugal e no Sertão.

Em outra passagem da conversa com Saraiva, Rosa expõe seu respeito pelas palavras, e define o fazer literário como um “ato religioso”. Ele retoma a proposta de “fusão” de todas as palavras “boas” da língua, como havia sugerido a Ascendino Leite exatamente há 20 anos: “Eu quero aproveitar tudo o que há de bom na língua portuguesa, seja do Brasil, seja de Portugal, de Angola ou Moçambique, e até de outras línguas: pela mesma razão, recorro tanto às esferas populares como às eruditas, tanto à cidade como ao campo.”

Rosa volta a advertir que não substitui palavras a esmo, como afirmaram os críticos. Ao contrário, esclarece que rejeita muitas delas por considerá-las inexpressivas, o que o leva a buscar ou criar outras, mas sempre com desmedido respeito. “Respeito muito a língua. Escrever, para mim, é como um ato religioso”, definiu.

3.3.10 À estudante Maria da Graça de Faria Coutinho (1966)

Também no ano de 1966, Guimarães Rosa concedeu essa entrevista à estudante Maria da Graça de Faria Coutinho, estudante do 1º ano clássico do Colégio Brasileiro de Almeida, do Rio de Janeiro, para um trabalho escolar. Era uma deferência à filha de seu amigo, o crítico e ensaísta Afrânio Coutinho.

A entrevista traz contribuições relevantes para esta pesquisa: em um trecho que detalhamos previamente, no primeiro capítulo, Rosa descreveu com afeto o prazer de escrever histórias curtas para o jornal *Pulso*: “cada palavra tem de ser justa como um bordado delicado”. Em outra passagem, comentou seu “horror à vida social”.¹⁸¹

A estudante obteve declarações despojadas do autor. Questionado sobre a sensação diante do sucesso internacional de *Grande sertão: veredas*, Rosa disse que ficou “entusiasmado”, de modo até mesmo exagerado: “Quem nunca comeu melado quando come se lambuza. Depois me fui acostumando”.

Ele revelou os romances que mais admirava na literatura brasileira: *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Na literatura estrangeira, citou nove romances para reafirmar a vertente mística de sua personalidade. “Citei nove, pois é meu número de sorte. Ou então sete. Sou religioso e supersticioso”.¹⁸²

Por fim, uma curiosidade: questionado se preferia viver como escritor ou diplomata, Rosa respondeu: “como escritor, mas escritor retraído”. Recorreu ao mesmo adjetivo usado pela secretária, dona Albertina, para defini-lo na conversa com o repórter Otoniel Pereira de *Realidade*, como

¹⁸¹ O trabalho escolar seria publicado 22 anos depois na Revista Primeira Impressão, nº 8, julho/1988, p. 10. Citações extraídas da versão digitalizada, reproduzida no site da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com a Oficina Literária Afrânio Coutinho (Olac) <http://www.lettras.ufrj.br/olacdigital/?tag=primeira-impressao>. Acesso em 13 jan. 2019. A versão impressa está disponível no acervo do IEB-USP, JGR-R08,011.

¹⁸² São os seguintes: *A Divina Comédia* (Dante Alighieri), *Os Irmãos Karamazov* (Fiódor Dostoiévski), *A Ilha do Tesouro* (Robert Louis Stevenson), *Macbeth* (William Shakespeare), *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes). *Os Miseráveis* (Victor Hugo), *Dr. Fausto* (Thomas Mann), *A Relíquia* (Eça de Queiroz), *Contos* (Hans Christian Andersen).

demonstrado na introdução deste capítulo: “É um homem um pouco retraído, o senhor sabe”.

3.3.11 A estudantes do Colégio Pedro II (1967, reproduzida pela revista *O Cruzeiro* um mês após a morte do escritor)

Às vésperas do Natal de 1967, a revista *O Cruzeiro* (edição de 23/12) brindou seus leitores com uma joia rara: a transcrição da última entrevista de Guimarães Rosa, concedida no dia 12 de setembro – dois meses antes de sua morte, em novembro daquele ano – a um grupo de seis alunos do Colégio Pedro II. Remarque-se que nos referimos, neste trabalho, à reportagem como a “última entrevista” por se tratar das últimas declarações de Rosa no contexto de uma entrevista que se tornaram públicas, e de que pesquisadores da obra do autor têm conhecimento.¹⁸³

Já no início do texto, o repórter Vander de Castro alude à repulsa do escritor a entrevistas para destacar a proeza dos estudantes:

O grupo de alunos entrou pelo Itamaraty adentro, gravador em punho. Bateram à porta, o homem de gravata-borboleta atendeu com um largo sorriso. Entraram. Uma hora depois saía com uma coisa que ninguém, até hoje, pensou em conseguir: uma entrevista gravada com o homem que não dava entrevistas – Guimarães Rosa.

Era o último trabalho de literatura da turma do 1º ano científico sobre autores nacionais. Quando o grupo de seis alunos retornou tendo em mãos 50 minutos de conversa gravada em fita com Guimarães Rosa, diz o repórter de *O Cruzeiro* que a professora “quase desmaiou”. Na conversa com os estudantes, o escritor discorreu sobre o seu processo de criação e ressaltou a importância de registrar o fato na hora que ele acontece:

¹⁸³ Entrevista publicada na revista *O Cruzeiro*, edição 65, de 23/12/1967. Gravada em 12 de setembro de 1967 por seis alunos do Colégio Pedro II no gabinete de Guimarães Rosa. As citações foram extraídas da versão digitalizada disponível na Hemeroteca Digital. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/166027>> Acessada em 13 ago.2018.

Eu procuro captar o fato, o momento – como no cinema! –, para colocar o leitor dentro da trama. O leitor precisa conviver com os personagens. Mas para captar este *momento* é preciso que o autor *esteja no momento*. Por isso eu tenho meus caderninhos que me acompanham em todas minhas viagens. Eu amarro um lápis com duas pontas e, no sertão, até em cima do cavalo eu escrevo. É o *momento*. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e o escrevo como vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. Jamais poderia guardá-lo na cabeça para dali a algumas horas ir me inspirar nele para compor. Não. Não teria valor.

Mais uma vez, esclareceu que não inventava palavras, assim como registrou nas primeiras entrevistas de 1946, depois a Günter Lorenz e a Arnaldo Saraiva. “Eu não crio palavras. Elas todas estão nos clássicos, estão nos livros arcaicos portugueses. São expressões de muito valor que eu pretendo salvar”, explicou aos alunos.

Prosseguiu revelando que em *Grande sertão: veredas* há palavras que nem em Portugal se falam mais, mas enfatizou que elas existem. Assim como se preocupava em desmitificar a invenção de palavras, como lhe atribuíam os críticos, ele procurou alertar os estudantes de que era um mito a alegação de que sua obra seria incompreensível:

“Muita gente diz que é difícil ler minhas obras. Não é difícil. E não precisa ler em voz alta, como muita gente que conheço, para assimilar. Basta ler, ler com atenção”, esclareceu. “Você pensa que não está entendendo, mas, mentalmente, está”, reforçou.

Rosa fez confidências valiosas aos estudantes sobre o seu processo criativo, mencionando a atratividade, o uso dos cinco sentidos, e até mesmo a sétima arte. “Quando se está escrevendo, tudo é um ímã. As palavras se atraem, os assuntos também. E vai-se escrevendo sem parar (importante não parar). Se eu paro para olhar o meu estilo, como vai indo, eu começo a me copiar. A me repetir. E isso é falho”, declarou.

Rosa disse aos estudantes que é preciso “pensar na *coisa*”, e lamentou que fosse “impossível” definir esta “coisa”. Nesse sofisticado raciocínio, mencionou o cinema. “A *coisa* está ali, na tela, vai se

desenvolvendo. Nos meus romances muitas vezes eu fecho os olhos e deixo a ação se desenrolar”.

Para concluir, Rosa evocou o uso do olfato para apreender sua obra. “Por exemplo, em *Sagarana*. Eu gosto de lê-lo com os olhos fechados (engraçado isso, né?). Vendo. Sentindo o cheiro”.

Em suma, Rosa confirmou nesta entrevista de (involuntária) despedida seu respeito e carinho com os jovens. Aos alunos do Colégio Pedro II, fez confidências preciosas para os pesquisadores de sua obra no concernente ao seu processo criativo, bem como ao seu desconforto com o mito de que sua obra seria incompreensível. A atenção aos estudantes revela um escritor dedicado e paciente, desejoso de que os jovens conhecessem sua obra e desenvolvessem apreço pela leitura.

3.3.12 Ao crítico Walter Höllerer, de um canal de televisão independente em Berlim (1962)

Até hoje tem-se conhecimento de dois registros em imagem e som de João Guimarães Rosa: essa entrevista concedida a Walter Höllerer, em 1962, e um depoimento curto a uma produtora argentina, que detalharemos a seguir. São as únicas imagens em movimento do escritor que vieram a público.

Esse material foi descoberto pelas pesquisadoras Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, diretoras do documentário "Outro Sertão" (2013), que retrata a relação do escritor com a Alemanha. No vídeo, Rosa fala sobre o processo de criação, apresenta o livro *Grande sertão: veredas* (1946) e também outro de contos, *Primeiras estórias* (1962), que havia acabado de lançar.¹⁸⁴

Como Rosa havia sido cônsul adjunto em Hamburgo, ele responde em português, mas entende as perguntas do entrevistador alemão, que é auxiliado por um tradutor. Reproduzimos a menção à colaboração para *O Globo* – que resultou no livro *Primeiras estórias* – em capítulo anterior. O entrevistador

¹⁸⁴ Concedida ao crítico alemão com Walter Höllerer para um canal de televisão independente em Berlim, em 1962. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&feature=youtu.be>> Acessado em: 16 ago.2018.

pergunta como o escritor chegou a esse novo formato mais curto (o conto). Rosa responde: “Eu tive que dar colaboração num jornal... num suplemento literário de um jornal. Então tive limitação de espaço, e eu achei muito bom, porque acho que para o artista toda limitação é estimulante. ”

O entrevistador volta ao tema do novo formato adotado por Rosa em *Primeiras estórias*: “O senhor passou de um formato longo para um curto, e seu texto foi se tornando cada vez mais conciso. (...) Estamos muito interessados em saber como tudo vai continuar, e em saber se o senhor vai passar do conto para histórias mais curtas ainda, para no fim escrever poesia”. Rosa rebate com bom humor: “Chegarei até o hieroglifo!” [risos]

O escritor revela que se desinteressou de escrever poesia quando foi para a Alemanha, onde testemunhou de perto a realidade da guerra [Segunda Guerra Mundial]. “Eu fiz poesia, meu primeiro livro foi de poesia. E eu ganhei o prêmio no concurso da Academia, o primeiro prêmio, mas não publiquei, porque vim logo para meu primeiro posto, na Alemanha, como cônsul de Hamburgo, aí veio a guerra e eu não pensei mais nisso.” A entrevista ocorreu um ano depois de sua colaboração para *O Globo*, onde publicou poesias em sua coluna semanal.

3.3.13 A uma produtora ou emissora de TV argentina (1964)

Com um minuto de duração, trata-se na verdade de um depoimento colhido durante o 2º colóquio de escritores latino-americanos durante a Semana Cultural Latino-Americana em Berlim. A editora Kiepenheuer & Witsch ofereceu recepção na cidade de Colônia pelo lançamento da tradução alemã de *Grande sertão: veredas*. No vídeo, gravado em 1/10/1964, Rosa foi justamente questionado sobre a sensação de lançar o romance na Alemanha. A conversa transcorre em espanhol, provável idioma do entrevistador. Poliglota, Rosa responde igualmente na língua latina.¹⁸⁵

¹⁸⁵ Entrevista a uma emissora ou produtora argentina em 1/10/1964 em Berlim. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WXpu6MAknWE> O vídeo faz parte do arquivo da produtora argentina DiFilm (<http://www.difilm-argentina.com>)_Acessado em 09 ago. 2018.

O entrevistador observa que Rosa é considerado um autor intraduzível, e pergunta que impressão ele teve da leitura em voz alta de uma de suas obras em alemão, por artistas alemães, feita naquela noite. O escritor manifesta satisfação, e elogia o amigo Curt Meyer-Clason, tradutor de suas obras para o alemão:

Eu tive a melhor das impressões. A tradução em si mesma é magnífica, soberba. E a leitura também me comoveu, porque foi feita com convicção, com gosto e com arte. Realmente, minhas obras não são fáceis de traduzir, mas o tradutor Meyer-Clason realizou realmente, verdadeiramente, uma admirável performance.

3.4 AOS ESTRANGEIROS E ESTUDANTES, COM CARINHO

Como demonstramos no início do capítulo, entre o lançamento de *Sagarana* em abril de 1946, até a sua morte, em novembro de 1967, Guimarães Rosa concedeu 13 entrevistas: uma média de 0,6 por ano em 21 anos, ou uma a cada dois anos. Essa contabilidade inclui as declarações para a reportagem de *O Cruzeiro* após a viagem com a boiada em maio de 1952, as conversas com estudantes, e a declaração de um minuto para uma produtora de televisão, que fogem ao modelo convencional de perguntas e respostas diretas entre repórter e entrevistado.

Trata-se de um número inexpressivo e surpreendente por se tratar do maior escritor brasileiro, ao lado de Machado de Assis, e de repercussão internacional, tendo sua obra traduzida em uma dezena de países.

Também salta aos olhos os intervalos entre as duas primeiras entrevistas concedidas em 1946, por ocasião do lançamento de *Sagarana*, ao *Correio da Manhã* e ao *O Jornal*; a entrevista seguinte, somente em 1953, para o jornal *Flan*; e finalmente, o diálogo com o crítico alemão Günter Lorenz em 1965, e os jornalistas portugueses, ambos em 1966.

Transcorreram sete anos, até que Guimarães Rosa permitisse a entrada em sua casa do repórter de *Flan*, com a condição de que as perguntas fossem exclusivamente sobre os gatos do escritor. Depois, entre esta entrevista e a conversa com o crítico alemão, passaram-se 12 anos.

Outra peculiaridade é que Rosa não repercutiu com os jornalistas os lançamentos quase simultâneos de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, ambos de 1956, diferentemente de como procedeu com *Sagarana*.

Já analisamos ao longo do capítulo as sucessivas declarações do escritor de que não gostava de dar entrevistas: esquivava-se dos repórteres, e instruíra sua secretária a afugentar os jornalistas que o procuravam no Itamaraty. É possível que o maior desencanto com os repórteres remonte ao infeliz episódio ocorrido em 1950 com o jornalista Louis Wiznitzer, quando este o encontrou no atelier de Cícero Dias em Paris, e assinou a subsequente reportagem no suplemento *Letras e Artes*.

Demonstramos que Rosa indignou-se profundamente com o episódio, sentimento que ficou evidente na carta publicada posteriormente pelo jornal. Naquela ocasião, Rosa irritou-se, particularmente, com a quebra do compromisso do repórter de que a conversa havia sido travada *off the record* – ou seja, ele não poderia atribuir as declarações a Guimarães Rosa.

Mas o que mais perturbou o diplomata foi a atribuição a ele de afirmações que o comprometiam no exercício de suas funções acerca do intercâmbio cultural Brasil-França. Rosa enviou à redação do jornal um texto que exalava contrariedade e irritação diante do ocorrido: “Não disse nada, não pensei nada, não acho nada, não se falou nisso. Nego tudo, da raiz à rama. Nenhum empregado diplomático se referiria assim levianamente a assuntos de política cultural”, asseverou.

Desta forma, podemos atribuir àquele episódio uma das causas do profundo desalento de Rosa com o jornalismo brasileiro, e daí a aversão a entrevistas aos repórteres brasileiros. Na lista das 13 entrevistas, infere-se uma evidente deferência aos jornalistas estrangeiros, bem como aos estudantes, e aos amigos. Foram cinco entrevistas a estrangeiros: Günter Lorenz, Fernando Camacho, Arnaldo Saraiva, ao apresentador de tevê Walter Höllerer e a uma produtora argentina.

Lorenz, Camacho e Saraiva eram sabidamente conhecedores da obra de Rosa, que espantava quem tentasse entrevistá-lo sem ter lido os seus livros. Relatamos, acima, o episódio em que Rosa negou-se a falar com um

jornalista que desconhecia sua obra. “Vai lê-los, então, e depois volte. Interessar deve ao público apenas uma entrevista sobre livros e não sobre o particular do autor” (GUIMARÃES, 1972, p.171).

Além disso, a partir de 1963, Rosa deu preferência aos amigos, que sabidamente conheciam sua obra: Pedro Bloch, e os portugueses Camacho e Saraiva. “Você me conhece de tão longa data não é? Já desde 1962 que somos amigos. Viajamos juntos, fomos ver hotéis, fomos buscar minha mulher no aeroporto, se lembra?”, disse Rosa a Saraiva.

De igual forma, o português avalia que o autor de *Grande sertão* lhe fez uma exceção por causa de seu amor por Portugal: “evidentemente que a consideração foi muito menos para comigo do que para com o povo de onde venho”. Rosa afirmou nessa entrevista: “Gosto muito do português, sobretudo da sua integridade afetiva. O brasileiro também é gente muito boa, mas é mais superficial, é mais areia, enquanto o português é mais pedra”.¹⁸⁶

Uma última inferência remonta ao carinho do escritor para com os estudantes que lhe pediam entrevistas. Indicamos pelo menos três diálogos que vieram a público, e estão catalogados no acervo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), e disponíveis para consulta na internet: as respostas à prima Lenice, a Maria da Graça Coutinho e aos estudantes do Colégio Pedro II.

Rosa tinha especial apreço aos jovens, como podemos deduzir de sua resposta a Lenice na pergunta sobre o que pensava sobre os jovens. “A juventude? É uma maravilha. A juventude é quase tudo. É a humanidade e a esperança, recomeçando”, afirmou na carta reproduzida por Vicente Guimarães. Nesta correspondência, ele recomendou aos jovens estudo, disciplina e paciência: “A melhor colaboração que a juventude pode dar para melhorar a situação atual da sociedade é estudar, aprender, aplicar-se à disciplina e à paciência, e principalmente, não pensar por enquanto em querer melhorar a situação da sociedade. Mas procurar apenas melhorar a si mesma.” (GUIMARÃES, 1972, p.174).

¹⁸⁶ Rosa a Saraiva, 1966. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/01/grandes-entrevistas-guimaraes-rosa.htm>> Acessado em 28 ago. 2018.

4 GUIMARÃES ROSA, REPÓRTER

O autor de “Grande sertão: veredas” (1956) flertou com a prática do jornalismo ao utilizar técnicas de reportagem na composição de seus textos, ao assinar crônicas e pelo menos uma reportagem literária em vinte anos de colaborações para jornais e revistas. Ao longo dessa trajetória, seus atos e declarações, analisados no contexto de depoimentos de amigos e “fontes”, revelam um escritor agraciado com uma genuína inclinação para a narrativa de não-ficção. É o que demonstraremos neste capítulo.

O embaixador Alberto da Costa e Silva evoca uma viagem a Manaus, para um encontro de embaixadores dos países da bacia amazônica em janeiro de 1967, para afirmar que testemunhou Guimarães Rosa em campo, lápis e papel em mãos, “entrevistando” um personagem. Rosa queria conhecer um cabaré amazonense, e fez-se acompanhar de um grupo de embaixadores, do qual faziam parte Luiz Filipe de Macedo Soares, Lauro Escorel, Luiz Cláudio Pereira Cardoso, além do próprio Alberto. “Era um galpão enorme todo aberto, chegamos, ocupamos uma mesa e dissermos à senhora que queríamos umas moças para conversar, e não passaria disso”, relembrou¹⁸⁷.

Conforme o relato de Alberto, logo chegaram “três ou quatro mocinhas”, e Rosa perguntou o nome de uma delas. “Sueli”, respondeu. O escritor rebateu: “não quero saber o nome de guerra, quero o nome de verdade, é Maria Aparecida de quê?” A moça deu outro nome, “Ana Maria, coisa assim”. Então, narra Alberto que “Rosa puxou o famoso caderninho e começou a entrevistar a moça”. Ele recorda-se do espanto do grupo diante da disposição da moça em responder aos questionamentos de Rosa, “coisa que elas não fazem”. Alberto atribuiu a proeza à habilidade do escritor no trato com as pessoas. “Tal era a delicadeza extrema do Rosa, porque ele era sobretudo um homem delicado, amável, mas atento aos outros”.

¹⁸⁷ Depoimento concedido para esta pesquisa em sua residência no Rio de Janeiro em 18/12/2018.

O embaixador também destaca a curiosidade e o olhar acurado de Rosa aos novos cenários. Em uma outra noite, naquela mesma viagem, os embaixadores foram a uma festa em um terreiro de candomblé, Rosa de caderno e lápis à mão. “O Rosa precisava copiar tudo o que via”, disse Alberto. Lamentou que Rosa não tenha escrito um conto ou crônica sobre aquela epopeia. “Sempre esperei que ele publicasse alguma coisa dessa viagem”. Os episódios ocorreram dez meses antes da morte do escritor, em 16/11/1967, que naquele período mantinha a coluna quinzenal em *Pulso*.¹⁸⁸

4.1 “JORNALISTA VIVE É DE PERGUNTAR”

Guimarães Rosa tinha atributos de repórter: a apuração em campo, a observação atenta dos fatos, a persistência e a minúcia na entrevista, o registro dos fatos em cadernetas, a preocupação com os dados de realidade. Esses atributos adequam-se ao conceito do profissional do ofício: “O repórter é aquele que está presente, servindo de ponte (portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação.” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15)

Inúmeras vezes, Rosa saiu a campo para testemunhar *in loco* os fatos que depois converteria para narrativas de ficção ou não-ficção. Para conceber “Grande sertão: veredas”, ele lançou-se na aventura de acompanhar um grupo de vaqueiros durante a condução de uma boiada. De 19 a 28 de maio de 1952, percorreu 240 quilômetros montado na mula Balalaica, para transportar o rebanho desde a fazenda Sirga, de seu primo Chico Moreira, até a fazenda São Francisco. Cedeu à dieta de carne seca com farinha de mandioca e café com rapadura, passou noites em volta da fogueira ouvindo os

¹⁸⁸ Rosa escreveu uma carta ao amigo Pedro Barbosa relatando trechos da viagem à Amazônia. “Desci de lancha até ao encontro-das-águas, confluência do Negro com Solimões – os botos pulando fora d’água, aquela beleza toda. Você viu, daí subimos o Solimões (...) Outro dia, em lancha menor, entrei pelo “Paraná” (...) maravilha, macacos pulando nas árvores, as jaçanãs em quantidades, tudo. Vi a Ponte-Negra. O igarapé Tarumã, a estrada para Itacoatiara, o museuzinho das irmãs Salesianas que têm missões no Alto Rio Negro (...) o Tapajós é o mais belo rio amazônico”. (Carta a Pedro Barbosa, Rio de Janeiro, 20/2/1967, transcrita parcialmente nos Cadernos de Literatura Brasileira, 2006, p. 51)

causos e as modas de viola dos companheiros de jornada, e dessa forma, vivenciou a rotina e a proximidade dos bois para contar a história imaginada.

Os fatos que presenciou durante a jornada foram lançados nas cadernetas, que levava amarradas ao redor do pescoço, tornaram-se sua marca registrada: as conversas dos vaqueiros, as expressões, as cantigas, os nomes das árvores, dos pássaros, das plantas, dos bichos¹⁸⁹. O vaqueiro Manuel Nardi, que se tornou conhecido como Manuelzão, disse ao repórter José Rezende Jr. do *Correio Braziliense*, em 1996, que Rosa perguntava tanto, que o obrigou a inventar respostas:

O senhor quer saber muita coisa do sertão. Jornalista vive é de perguntar. Mas eu conheci um mais perguntador que o senhor. Um Guimarães, um João Rosa. Ele juntava gente velha e fazia o mesmo que o senhor tá fazendo agora. Perguntava e escrevia. Mas ele usava um caderno maior que esse, um caderno espiral grosso pendurado no pescoço. E no lugar de caneta escrevia com uns lápis bem apontadinhos que levava no alforje. (...) De tudo que ele via, de tudo ele perguntava. De tudo queria definição. Via um pau de sucupira: quando a folha é velha e cai, o senhor sabe, ela é roxa; quando nova, é verde. Aí ele queria saber o motivo dessa diferença de cor. E outra: por que esse mato aqui é mais seco que aquele acolá? Que nome tem esse passarinho? Por que ele canta desse jeito e não daquele? (REZENDE, 1996, *Correio Braziliense*).

Em uma conversa com estudantes, Rosa definiu-se como um fotógrafo – que é uma categoria de repórter – observador das cenas da vida, preocupado em “fotografar” o momento e registrá-lo mentalmente: “um dia passei todo o tempo observando uma cobra-cascavel – o que ela fazia, o que ela pensava fazer. Sempre se descobre alguma coisa nova se se olha com atenção. Quem olha estudiosamente *fotografa* o momento e o *revela* na retina”¹⁹⁰.

¹⁸⁹ O vaqueiro Zito comentou o aparato de Rosa: “Antes apreciara minha caderneta atada a botão da camisa por cordel que prendia igual o lápis de duas pontas: – Acho bom o vosso sistema.” (ROSA, *Tutameia*, “Sobre a escova e a dúvida”, 2009, posição 3132, versão para Kindle).

¹⁹⁰ Entrevista concedida em 12/9/1967 aos alunos do Colégio Pedro II, publicada na revista *Cruzeiro*, 23/12/1967, “Guimarães Rosa fala aos jovens” <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/166027>> Acessado em: 20 ago. 2018.

Naquela mesma entrevista, explicou por que recorria ao famoso “caderninho”, que considerava necessário para registrar o fato na hora exata do acontecimento. Ele receava que se não anotasse na hora exata o que lhe chamara a atenção, esqueceria depois e a inspiração lhe fugiria:

Eu procuro captar o fato, o momento – como no cinema! – , para colocar o leitor dentro da trama. O leitor precisa conviver com os personagens. Mas para captar este *momento* é preciso que o autor esteja *no momento*. Por isso eu tenho meus caderninhos que me acompanham em todas minhas viagens. Eu amarro um lápis com duas pontas e, no sertão, até em cima do cavalo eu escrevo. É o *momento*. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e o escrevo como vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. Jamais poderia guardá-lo na cabeça para dali a algumas horas ir me inspirar nele para compor”¹⁹¹.

A caderneta de anotações é uma ferramenta de repórteres, mas igualmente de escritores. Um hábito que, na opinião de Rosa, todos os homens de letras deveriam seguir. Por isso, ele recomendava - *prenez votre cahier d'ecrivain* – aos colegas escritores, para registro imediato quando o interlocutor contasse uma história curiosa ou fizesse uma observação interessante.¹⁹²

Outra afinidade com a reportagem é a obsessão do escritor pela precisão na apuração dos fatos e a premência de reunir os “dados de realidade” para imprimir verossimilhança às narrativas. É o que podemos inferir diante da minúcia com que o escritor praticamente interrogava o pai, Florduardo Pinto Rosa, no afã de recuperar fatos do passado. Seu Florduardo era proprietário de um armazém que recebia tropas para reabastecimento antes de uma caçada ou da partida para a condução de uma boiada. Ainda menino, o futuro escritor ouvia com especial atenção os causos dos viajantes e dos moradores que passavam por lá. Por isso, Rosa escrevia verdadeiras

¹⁹¹ Entrevista concedida em 12/9/1967 aos alunos do Colégio Pedro II, publicada na revista *Cruzeiro*, 23/12/1967, “Guimarães Rosa fala aos jovens” <<http://memoria.bn.br/DocReader/003581/166027>> Acessado em: 20 ago. 2018.

¹⁹² Otto Lara Resende afirma que Rosa aconselhava a todo escritor que tivesse o seu *cahier d'ecrivain*. (RESENDE, 2017, posição 2971, versão para Kindle)

“cartas-questionários”, demandando lembranças de Cordisburgo que servissem de munição para suas histórias. Um exemplo é a carta ao pai de 27 de outubro de 1953, num momento em que Rosa estava no meio do processo de composição de “Corpo de baile” e “Grande sertão: veredas”, ambos de 1956:

Há outros assuntos que gostaria de esmiuçar. Por exemplo:

- 1) A briga do Túlio com o Nicão - com os possíveis detalhes sobre a questão do terreno;
 - 2) Descrição de pessoas da roça, as mais interessantes, que vinham à venda em Cordisburgo;
 - 3) Descrição de pescarias, a rede;
 - 4) Jogos de baralho: o truque, a “pavuna”, no restaurante em Cordisburgo; a intervenção do Vigário, a briga do Sr. Gastão, com o padre;
 - 5) Chico Sanfona, sua família, coisas interessantes que lhe digam respeito;
 - 6) o Renério, idem;
 - 7) as donas daquele sobradinho na Várzea, em Cordisburgo, idem;
 - 8) aquelas grandes quantidades de peixes de Pirapora (?), como o Sr. Os comprava, como vinham, etc.
 - 9) caixeiros-viajantes, interessantes ou curiosos, alguns bons traços;
 - 10) coisas interessantes, biográficas ou outras, sobre pessoas como: tio Adonias; o Siô Tico e Nhá Chica; o pai do Juca Saturnino; Siô Lé; Luiz Canabrava; aquele Sr. Nalesherbes, meio esquisito, que passou por Cordisburgo; etc.
 - 11) Esta é com ajuda de Mamãe: _ A história daquele corpo de homem, mumificado, que se desenterrou, em Jequitibá, e foi levado para a igreja;
 - 12) Histórias de crimes, grandes brigas, raptos de moças, etc.
- A lista é grande, mas o Sr. não se assuste com ela. É apenas um punhado de sugestões. Mas não deixe de ir mandando alguma coisa, aos poucos. (Como disse, os detalhes – sobre objetos, usos expressões curiosas na conversa, etc. – são sempre importantes. Tipos encontrados em viagens, também, por exemplo.) Nomes curiosos, de lugares e de pessoas.” (ROSA, 2014, p. 278-279)

Chama a atenção que em uma dessas cartas, Rosa, a exemplo de um bom repórter, cobra o “furo”: pede ao pai apurações específicas sobre fatos variados, mas adverte que ele não as revelasse antes a ninguém para garantir que fosse o primeiro a usar aquelas informações. Nesta carta, Rosa havia lançado “Sagarana” (1946) havia um ano, e comunica ao pai que está em meio ao processo de criação de outros livros.

Também, sempre que se lembrar de cantigas ou expressões sertanejas legítimas, ouvidas de caipiras nossos, de Cordisburgo ou Gustavo da Silveira. E tudo o que se refira a vacas e bezeros. Estou escrevendo outros livros. Lembro-me de muitas coisas interessantes, tenho muitas notas tomadas, e muitas outras coisas eu crio ou invento, por imaginação. Mas uma expressão, uma cantiga ou frase, legítima, original, com a força de verdade e autenticidade, que vem da origem, é como uma pedrinha de ouro, com valor enorme. Desde já, muito agradeço o que o senhor conseguiu. Mas, não conte a outras pessoas, para que eu possa usá-las em primeira mão”. (ROSA, 2014, p. 254-255)

Podemos afirmar, ainda, que Rosa tinha “faro” para a notícia, como fica claro na crônica “O homem de Santa Helena”. O autor relata um episódio que se passou com ele quando servia no Serviço de Passaportes do Itamaraty, no Rio de Janeiro, entre 1934 e 1935. Na ocasião, atendeu um paulista, que lhe chamou a atenção porque morava na ilha onde Napoleão Bonaparte exilou-se em 1815, na costa da África. O escritor descreve sua perplexidade diante do personagem: “Perdi um momento me acostumando ao fato de haver alguém, assim ao meu alcance, morador em Santa Helena. E, por pim e pam, um brasileiro.” (ROSA, 2009, posição 1153, versão para Kindle)

Para Rosa, aquele brasileiro era um “personagem” digno de sair nos jornais. Depois de praticamente entrevistá-lo informalmente, avaliou que valia uma entrevista formal dele a algum periódico. Por isso, telefonou para a redação de um jornal sugerindo a “pauta”. Acompanhou os jornais dos dias seguintes, mas frustrou-se porque a história não foi publicada:

Coisas mais me disse, pois conversamos bastante, e eu achei que devia repartir com o público minha informação. Tirado de alguma dúvida, ele concordou em dar entrevista. Estava hospedado num hotel do Largo de São Francisco, ou adjacências. Assim, mal se despediu, telefonei para a redação de um jornal, e resumi o caso, encarecendo que o procurassem. Agradeceram-me, muito. Por dias, esperei ler a reportagem. Como, porém, nada saísse, perdi o meu porfio – isto é, nunca mais nada se soube a respeito do brasileiro de Santa Helena (ROSA, 2009, posição 1153, versão para Kindle)

4.2 “DEIXA EU ANOTAR ISSO”

Em junho de 1947, Guimarães Rosa participou de uma excursão promovida pelo Instituto Rio Branco, escola de formação de diplomatas do Ministério das Relações Exteriores, com os alunos do curso de Geografia da então Universidade do Brasil – depois transformada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A viagem converteu-se em farta produção literária: a reportagem literária “Com o vaqueiro Mariano”, a novela “Meu tio, o lauretê”, somente publicada 14 anos depois, como vimos no subcapítulo 2.3, e quatro crônicas – “Sanga Puytã”, “Cipango”, “Ao Pantanal”, “Uns índios (sua fala)” – sobre as quais discorreremos ainda neste capítulo¹⁹³.

Para chegar ao Pantanal, Rosa embarcou no “Trem do Pantanal” no Rio de Janeiro, que o deixou no Porto da Manga, no Mato Grosso do Sul, onde seguiu em viagem em um barco a vapor, depois em uma lancha, e depois em um veículo 4 x 4. Durante o percurso de trem, Rosa foi apresentado ao então estudante de filosofia na Universidade do Brasil, Abílio de Barros – irmão do poeta Manoel de Barros (1916-2014) – que estava a caminho de Corumbá para passar as férias na fazenda dos pais. Manoel não estava junto com Abílio, e como casara-se com Stella naquele ano, era provável que tivesse ficado no Rio de Janeiro. Segundo vários integrantes da família Barros, o irmão que cruzou o caminho de Guimarães Rosa foi Abílio, e não Manoel.¹⁹⁴

Em depoimento para esta pesquisa, Abílio recorda-se de um Guimarães Rosa “muito perguntador”. Eles foram apresentados por um amigo em comum. Durante a viagem, Rosa pediu ao amigo que lhe apresentasse alguém que pudesse lhe descrever a rotina e o funcionamento das fazendas do Pantanal. O interlocutor em comum lembrou-se de Abílio, cujos pais eram proprietários de

¹⁹³ Um ofício do Ministério das Relações Exteriores autorizando a viagem de Guimarães Rosa ao Pantanal consta do arquivo histórico do Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

¹⁹⁴ Depoimento de Abílio de Barros, advogado e escritor, para esta pesquisa em 2 de setembro de 2017, em sua residência em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Abílio encontrou-se com Rosa a bordo do “Trem do Pantanal”, que cruzava a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando Bauru, em São Paulo, passando pelo Rio de Janeiro, até Corumbá, no Mato Grosso do Sul – o que só foi possível em 1952. Em 1947, era preciso descer no Porto Esperança ou Porto da Manga, e tomar um vapor subindo o Rio Paraguai para chegar a Corumbá.

uma fazenda perto de Corumbá. O irmão de Manoel de Barros recorda-se que bateram à sua cabine, ele abriu a porta e deparou-se com o escritor, e ficou muito constrangido, porque estava sem camisa. Como ele havia acabado de ler “Sagarana” (1946), lançado havia um ano, conhecia Rosa das entrevistas e resenhas em jornais, e o admirava.

Então, Abílio compôs-se e encaminharam-se para o vagão-restaurante, onde almoçaram juntos e conversaram. “Ele era muito simples, não tinha frescura nenhuma”, relatou. Ele se lembra de que surpreendeu Rosa ao revelar-lhe que havia lido “Sagarana”. “Ele devia achar que por ser filho de fazendeiro eu era um brucutu e não tinha hábito de leitura”. Abílio recorda-se de que Rosa era detalhista: sacou um lápis do bolso e passou a anotar em uma caderneta tudo o que lhe interessou. “Deixa eu anotar isso”, dizia o escritor. O irmão do poeta explicou a Rosa como era o manejo do gado nas fazendas pantaneiras: não havia cercas entre as propriedades, então o gado misturava-se, e era diferenciado pelo picote na orelha. Rosa pediu-lhe, então, que desenhasse no caderninho como eram as marcas do gado pantaneiro.

O relato de Abílio de Barros reforça o argumento de que Rosa comportava-se como um repórter quando saía a campo, em busca de munição para suas narrativas, fossem elas de ficção ou não-ficção. O interesse pelas fazendas pantaneiras se transformaria em cenário da reportagem “Com o vaqueiro Mariano” e da novela “Meu tio, o lauretê”.

4.3 JORNALISMO LITERÁRIO

Como vimos anteriormente no Capítulo 2, a reportagem “Com o vaqueiro Marian” foi publicada em três partes no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro: 26/10/1947 (1ª parte), 22/2/1948 (2ª parte) e 7/3/1948 (3ª parte). Depois, foi incluída em “Estas estórias”(1969), com o título “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”. Cinco anos após a publicação em jornal, o poeta Thiago de Mello, amigo de Guimarães Rosa, converteu a narrativa para um livro artesanal publicado pelas Edições Hipocampo, de Niterói, que fundara em sociedade com o poeta Geir Campos.

Em depoimento para esta pesquisa, aos 92 anos, Thiago recorda-se vagamente das conversas que travou com Rosa sobre o processo de criação do perfil do vaqueiro Mariano.¹⁹⁵ Leitor do *Correio da Manhã* – do qual se tornaria colaborador em 1951 – o poeta acompanhou a série de três partes iniciada em outubro de 1947 e concluída cinco meses depois. Thiago lembra que ficou “fascinado” pela história, o que o motivou a querer conhecer pessoalmente o autor. Recorda-se de que tempos depois, foi ao seu gabinete no Itamaraty para sugerir a publicação da história pelas Edições Hipocampo. Relembra-se, sensibilizado, que ao recebê-lo, o escritor declamou de cor alguns de seus poemas, e estava interessado em sua trajetória pessoal – Thiago, assim como Rosa, deixou a medicina para dedicar-se à literatura. “Ele quis saber dessas minhas opções, e eu respondi: só se você me disser como escreveu o vaqueiro Mariano”. O poeta acrescentou que o título foi escolhido

¹⁹⁵ Depoimento de Thiago de Mello para esta pesquisa, gravado com a mediação de sua esposa, Pollyanna Furtado Lima, em 3/1/2019 em sua residência, em Manaus. As Edições Hipocampo (1951) eram mantidas pelos subscritores da ata de fundação, que recebiam uma cota dos exemplares. Rosa era um dos subscritores.

para ser publicado pela Hipocampo por seu “gosto pessoal”, mas relembra-se de que Rosa “ficou muito feliz” com a decisão.¹⁹⁶

Com o perfil do vaqueiro Mariano – consciente ou inconscientemente – Rosa exerceu o jornalismo literário na melhor acepção do conceito. Ele interessou-se e aproximou-se do personagem com quem conviveu durante duas semanas – período em que ficou hospedado na Fazenda Firme, a mais importante do Pantanal naqueles anos. O autor entrevistou o vaqueiro várias vezes, conviveu com o personagem, vivenciou sua rotina, saiu a campo, e registrou os fatos. Tudo isso com o objetivo de extrair a informação verdadeira e, a partir dela, redigir um texto fiel aos fatos, mas com apuro literário.

O jornalista literário não se exime de responsabilidade, não admite meramente reproduzir aspas da fonte, como se isso não gerasse maiores consequências — ele é autor do texto e reclama para si essa autoria. Mas, ainda mais importante do que esse argumento, que parece meramente apontar para egos inflados, ele reconhece a importância de aprender a lidar num nível mais qualificado de relações com as fontes — dessa interação retirará material de força para a composição do texto. (PANIAGO, 2008, p. 29)

Passados seis anos desde o encontro de Rosa com o vaqueiro Mariano, em 1953, uma equipe de reportagem do jornal *Flan*, dirigido por Samuel Wainer (1910-1980), retornou à Fazenda Firme, no Pantanal, para entrevistá-lo. O confronto das declarações do personagem sobre o escritor demonstra a autenticidade dos fatos narrados pelo escritor, reforçando o conceito de narrativa de não-ficção atribuído ao conto-reportagem. Mariano disse ao repórter de *Flan* que Rosa confidenciou-lhe o desejo de conhecer a “alma dos bois”:

¹⁹⁶ Em colaboração para outra pesquisa, Mello lembrou-se de um episódio curioso durante o processo de impressão do livro. “Eu chegava em casa às dez e meia da noite de Niterói. E quando eu chego está na calçada, sentado, o embaixador João Guimarães Rosa, o grande Rosa. Ele disse: Thiago, pelo amor de Deus, vocês imprimiram hoje a página que eu dei *Com o vaqueiro Mariano*?” Eu respondi que sim. Ele disse: “Saiu um verbo errado. Eu digo lá que o ‘o pelo da vaca de noite reluz’, mas não é, Thiago: ‘o pelo da vaca obluz’!” Ao fim, Rosa comprometeu-se a arcar com custos extras, porque a página era impressa letra por letra. Thiago refez o trabalho e entrou o verbo “obluz”. (CRENI, 2013, posição 604, versão para Kindle)

Mas o mais gozado em “seu” Guimarães era quando tinha vaca no meio da conversa. Duma vêz êle me disse, no meio do campo: – “Mariano – e fêz uma pausa – eu só queria era penetrar na alma de um bovino!”. Eu disse “que coisa esquisita, doutor”, e ele temperou: – Quando vejo a grama molhada só tenho vontade é de pastar.¹⁹⁷

Sobre o mesmo tema, Guimarães Rosa escreveu em “Com o vaqueiro Mariano”:

Eu tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me factos, casos, cenas. Enrolado no poncho, as mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me (ROSA, 2015, posição 1470, versão para Kindle)

Mariano confirmou aos repórteres que Rosa madrugava para acompanhá-lo até o curral para a ordenha das vacas:

Seu Guimarães era gozado... Me acordava todo dia às duas da madrugada para eu tirar leite no curral, com ele junto. A gente ia e ele segurava o balde e pedia para aprender a tanger o peito da vaca. Eu deixava êle fazer. Mas era duma falta de jeito, Nossa! e a vaca escondia o leite...¹⁹⁸

Sobre o mesmo tema, Rosa assim escreveu no conto-reportagem:

Trazem Pombinha e Biela para perto da cerca, e peiam-nas pelas patas de trás. Lá chegam aos pulos suas crias. Atam-nas. O leiteador põe-se de cócoras. O bezerrinho preso para atravessado, sob o pescoço da mãe, e, faminto, lambe-lhe a boca. O homem colhe o peito da vaca; manipula, dedos hábeis. Freme um fio branco, batendo o balde, com escorrijo. Abre-se o cheiro de leite, como um enjoio. O bezerro se debate, embarafusta a cabeça, procurando. (ROSA, 2015, posição 1775, versão para Kindle)

¹⁹⁷ O vaqueiro e o ministro: o personagem fala sobre o autor. A matéria não está assinada. *Flan*, o jornal da semana. Edição 14, de 12 a 18 de julho de 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/100331/470>> Acessado em 29 ago. 2018.

¹⁹⁸ O vaqueiro e o ministro: o personagem fala sobre o autor. A matéria não está assinada. *Flan*, o jornal da semana. Edição 14, de 12 a 18 de julho de 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/100331/470>> Acessado em 29 ago. 2018.

Mariano também afirmou à equipe de *Flan* que se lembrava de Rosa sempre fazendo questionamentos, e anotando as repostas na caderneta que sempre trazia à mão. O depoimento de Mariano evoca o do vaqueiro Manuelzão, na entrevista ao *Correio Braziliense* (1996), sobre o escritor perguntar nomes de árvores e passarinhos:

Ele deixava, eu pegava, êle se aquietava e ficava puxando coisas lá num caderninho. Tudo queria saber: os nomes dos pássaros, dos pés de folha, o nome das vacas. Não largava o caderninho, nem nos rodeios. De vez em quando parava o cavalo para perguntar as cousas, tirava o caderninho e escrevia. Aí o cavalo se espantava, dava uma cabeçada e “seu” Guimarães se aperreava, em vias de cair, porque não sabia montar. As perguntas eram gozadas... Uma vez pediu para eu responder se urubu sentia frio.”¹⁹⁹

4.4 CRÔNICAS DE VIAGEM E DE GUERRA

Guimarães Rosa também se aproxima do jornalismo ao compor crônicas – um gênero jornalístico por definição. A crônica publicada em periódicos é considerada um texto de valor literário, um gênero de fronteira. “Se é difícil apartar a crônica das páginas do jornal, por outro lado, são textos de valor literário inequívoco”, afirma Lúcia Granja (2004), em ensaio sobre Machado de Assis. Nas colaborações com periódicos, Rosa dedicou-se às crônicas assim como centenas de escritores brasileiros da estatura de Machado de Assis, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Rubem Braga, para citar alguns.

Em sua tese de doutorado, Mônica Fernanda Rodrigues Gama (2013) identifica o gênero crônica na obra de Guimarães Rosa. Mesmo que a ideia do autor tenha sido produzir contos, “a escrita determinada pela periodicidade e restrição espacial também resultou em textos nos quais se traça uma ponte, ainda que frágil e problematizada, com o cotidiano”. As

¹⁹⁹ O vaqueiro e o ministro: o personagem fala sobre o autor. A matéria não está assinada. *Flan*, o jornal da semana. Edição 14, de 12 a 18 de julho de 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/100331/470>> Acessado em 29 ago. 2018.

crônicas de Rosa estão ligadas a poucos motivos, por exemplo, as paisagens de regiões do interior do Brasil, muitas vezes se aproximando da reportagem literária, e do caráter misterioso de acontecimentos. “A crônica é assumida como relato do tempo, mas relato do tempo dele, Guimarães Rosa, que não se rende ao tempo do cotidiano mundano”. (GAMA, 2013, p. 234).

Rosa escreveu crônicas, por exemplo, sobre as viagens ao Pantanal (1947) e à Bahia (1952), as visitas aos zoológicos de diferentes países, os passeios com o pequinês Sung, os flagrantes urbanos de Paris e outras metrópoles onde viveu, o cotidiano no Itamaraty e até mesmo digressões poéticas, como a série sobre o riachinho Sirimim. A primeira crônica publicada no *Correio da Manhã*, em 1947, “História de fadas” – que detalhamos no Capítulo 2 - relata a cruzada de beija-flores que deixaram o Recife rumo à Dinamarca. A última foi “Rogo e aceno”, em 1967, pela qual se despediu dos leitores de *Pulso*.

As quatro narrativas sobre a empreitada ao Pantanal são exemplos flagrantes de crônicas publicadas (e republicadas) por Rosa em diferentes periódicos nos anos de 1947 a 1958. Apresentamos cada uma delas, mas vamos nos aprofundar em “Sanga Puytã”, porque acreditamos tratar-se de um conto-reportagem sobre a guerra civil no Paraguai, conforme o conceito de Olinto (2008).

4.4.1 Ao Pantanal

Nesta crônica de viagem, Guimarães Rosa narra sua épica viagem partindo do Porto da Manga – depois de desembarcar do “Trem do Pantanal” – seguindo de vapor e lancha até Corumbá, e de lá até a região conhecida como Nhecolândia, em tempos de cheia no Pantanal, até a famosa Fazenda Firme. São dez horas de ida (coisa que na seca se faz em quatro horas de automóvel), e seguidas mudanças de meios de transporte, de acordo com os obstáculos da natureza: vapor, lancha, chalana, carro de boi, caminhão.

Rosa aproveita a epopeia para observar e descrever em líricas minúcias a paisagem, a fauna, a flora, as cores do Pantanal. Na chegada ao

destino, anota no caderno de viagem: “17h, 10. Chegamos. De que abismos nascemos, viemos? Mas no princípio era o querer de beleza. No princípio era sem cor.” (ROSA, 2009, posição 2863, versão para Kindle)

A crônica foi publicada três vezes: no *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, em 5/4/1953; no *Correio da Manhã*, em 30/11/1957; e no *Jornal de Letras*, em janeiro de 1958.

4.4.2 Cipango

“Cipango” é a crônica da visita a uma colônia japonesa. Primeiro, Rosa tem a atenção atraída pela aparência física dos imigrantes: “[...] indescoráveis amarelos, cabelos ouriçados, caras zigomáticas, virgulados olhos obvexos” (ROSA, 2009, posição 1694, versão para Kindle).

Depois, desponta a admiração pelos usos e costumes dos colonos, sua disposição para o trabalho. A paciência oriental, simbolizada pelo homem que arranca capim, e que ao fazê-lo “Repensa e laboreja, tal um artista de remate, desenhista, bordador”. A tradição dos casamentos arranjados pelos pais, à revelia do sentimento dos noivos, que rende este delicado diálogo entre Rosa e uma jovem esposa. Em mais uma entrevista informal, o cronista pergunta à japonesa se gosta do marido e ela: “Bom. Munto târâbârâdor. Trâbâra todo dia. Trâbâra noite.” Rosa pergunta sobre o amor: “Amor, sim, munto. Primeiro casa, depois amor vem. Amor, devagarzinho, todo dia amor mais um pouco.” (ROSA, 2009, posição 1738/1746, versão para Kindle)

Foi publicada na *Folha da Manhã*, em 17/2/1953, e republicada em *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, em 12/4/1953.

4.4.3 Uns índios (sua fala)

Nesta crônica, Rosa narra seu encontro com os índios Terenos, “urbanizados, vestidos como nós, calçando meias e sapatos”. Menciona que eles serviram na Guerra do Paraguai, e cita o comandante naquela batalha, Chico das Chagas. O cronista se encanta com a beleza e a estranheza da fala dos índios:

Rápido, ríspido idioma. Uma língua não propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firme, contida, oclusiva e sem molezas – língua para gente enérgica e terra fria. Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individida extensão de som, fio crespo, em articulação soprada; e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas.” (ROSA, 2009, posição 1491, versão para Kindle)

Misto de repórter e linguista, caderneta em punho, Rosa se põe a entrevistar os indígenas, para produzir um pequeno vocabulário bilíngue (tereno-português). Descobre que várias palavras perderam seu significado, após tanto tempo de contato com a língua dos brancos: “Nenhum – diziam-me – significava mais coisa nenhuma, fugida pelos fundos da lógica. Zero nada, zero. Uma tristeza.” (ROSA, 2009, posição 1491/1525, versão para Kindle). Foi publicada no suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, em 25/5/1954.

4.4.4 Sanga Puytã

A crônica que reporta o percurso inverso das etapas da Retirada da Laguna, em que o grupo de Guimarães Rosa partiu de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, em direção ao Paraguai, pode ser considerada um relato de guerra com as impressões do autor sobre a revolução no país vizinho, depois de interagir com combatentes legalistas e revolucionários (os montonera) e presenciar os flagelos do confronto²⁰⁰. Rosa adotou um tom incisivo e crítico sobre os sofrimentos impostos ao país e, em especial, sobre a população –

²⁰⁰ Publicada no *Correio da Manhã* em 17/8/1947 http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/37692. Depois republicada em *Ave, palavra* (1970). Acessado em 29 ago. 2018

milhares de paraguaios refugiaram-se nos países vizinhos, inclusive no Brasil.²⁰¹

É preciso salientar que a crônica foi publicada no *Correio da Manhã* no calor dos acontecimentos, em 17 de agosto de 1947, tão logo Guimarães Rosa havia chegado da excursão ao Pantanal – a viagem que durou um mês ocorreu entre junho e julho daquele ano. A proximidade dos fatos sugere uma urgência característica do jornalismo, em que o repórter precisa narrar para a contemporaneidade os sofrimentos impostos pela guerra. É nesse sentido a aferição de Frederico Camargo, que se debruçou sobre as crônicas de “Ave, palavra”, que chamou de “textos marginais”:

Terminada a leitura, melhor nos acercamos das razões por que Guimarães Rosa teria feito publicar “Sanga Puytã” imediatamente após o seu retorno da viagem ao Mato Grosso e na forma de crônica de viagem. Em agosto de 1947, a guerra civil paraguaia ainda estava em curso, embora não passasse desse mês. O texto de Rosa, portanto, tem um caráter de intervenção nos debates sobre o conflito, delatando seus males e funcionando como libelo pacifista. (CAMARGO, 2018, p. 218)

Na tese “O outro Rosa: textos “marginais” e narrativas inacabadas”, Frederico Camargo refuta o parecer ainda vigente segundo o qual “Guimarães Rosa foi um artista alheio aos problemas histórico-sociais de seu tempo, não comprometido com pensamentos progressistas e, ao contrário, politicamente conservador”. Para o pesquisador, é sobretudo dos textos “marginais” (ou seja, os não canônicos), publicados nos jornais, que emerge um Rosa “participante”, atento aos problemas de seu tempo:

²⁰¹ “Sanga Puytã” foi publicada nos estertores da guerra civil do Paraguai, que se estendeu de janeiro a agosto de 1947. O objetivo era derrubar o governo de Higinio Morínigo, que conduziu o país sob um regime autoritário de 1940 a 1948. As forças legalistas de Morínigo tinham o reforço do Partido Colorado – uma das lideranças da sigla era o futuro ditador, general Alfredo Stroessner, aliado de Morínigo. As forças armadas dividiram-se, e uma parte da Marinha apoiou os revolucionários febristas. Os rebeldes formaram um governo paramilitar na cidade de Concepción, mas após oito meses, foram derrotados pelos governistas. Dezenas de milhares de paraguaios que se opuseram ao governo exilaram-se nos países vizinhos, inclusive no Brasil.

Até o início da década de 1960, Guimarães Rosa utilizará as páginas dos jornais para interferir nos debates em voga. É verdade que nem sempre as manifestações são diretas e destituídas de ambiguidade ou mistificação: o recurso à ficção e a uma ironia difícil de captar muitas vezes mascaram o real propósito do escrito. Outras vezes, porém, o “recado” é direto e Rosa assume desembaraçadamente a primeira pessoa.” (CAMARGO, 2018, p. 208)

Camargo recomenda, em especial, a leitura de “Sanga Puytã” para refutar as afirmações sobre o distanciamento do autor das questões políticas.

Aqueles que acusam Guimarães Rosa de alienação e abstenção política devem ler essa crônica na versão de 1947, onde, em longos parágrafos, a narrativa de viagem cede espaço a reflexões sobre a guerra paraguaia e o destino de seus habitantes. (CAMARGO, 2018, p. 217)

Nesta crônica, Rosa discorre sobre suas impressões durante a visita ao país em guerra. Os trechos de conotação mais política não foram incluídos na versão editada vinte anos depois, que seria republicada no livro póstumo *Ave, palavra* (1970) – provavelmente pelo transcurso de tempo. Na década de 60, quando Rosa retrabalhava a narrativa, o drama paraguaio era outro, e recaía sobre a ditadura do general Alfredo Stroessner, com início em 1954.

No trecho essencialmente político, o escritor investe-se do diplomata para criticar a ineficaz mediação dos diplomatas sul-americanos pela pacificação do Paraguai. Ele reconheceu os obstáculos, mas ressalta que as dificuldades não poderiam justificar uma abstenção dos países vizinhos. Ele admitiu, entretanto, tratar-se de uma guerra “anômala”, agravada pelo espírito obstinado dos paraguaios, já que nenhum dos lados dispunha-se a ceder. Os parágrafos que transcrevemos, a seguir, foram excluídos da versão para o livro:

Por suas próprias mãos, rasgou-se em duas uma nação, que já era um corpo cheio de cicatrizes. Às nações vizinhas e amigas, cabia uma atitude única, em face da tragédia: experimentar a pacificação, mediar o retorno urgente da paz entre os dois Paraguais contendores. As dificuldades, que os Governos não desconheciam fossem enormes, jamais poderiam justificar uma passiva abstenção, da qual toda a América, de futuro, lhes pediria contas. Por milésimo que houvesse, de probabilidades, os esforços pela paz se impunham. E tais esforços foram empreendidos. Percebemos, mesmo os mais leigos, a oportunidade com que os entendimentos foram encaminhados, a isenção dos propósitos, a segurança das precauções tomadas, o alto critério que vem norteando as tratativas; escolha de hábeis e ativos diplomatas para negociadores; estrita reserva, asséptica, com que é protegido o assunto; afanosa reiteração das démarches; o clima propício, enfim, sustido sem desânimo. Se os horizontes são maus e os escolhos incontornáveis, pelo menos a América não terá perdido o rosto.

Mas, trata-se de uma guerra anômala, crônica, logo após o começo, ameaçando-se aguda para todo momento, que ainda poderá não ser o fim. Trata-se de uma gente que, ordeira e harmoniosa em tempos normais, prefere dar boiadas inteiras para não ter que interromper suas brigas. E, pior que tudo, talvez o destino esteja trabalhando contra a pacificação, porquanto, ao que se sente, é sempre nos momentos em que parecia poder chegar-se a bons resultados, que uma oscilação qualquer vem deslocar do súbito, as conchas da balança da guerra, e se poussa, logo, na favorecida, um peso suplementar de intransigência. Pobre Paraguai, país tão simpático, que até parece uma pessoa. Mas, uma das diferenças entre as pessoas e as coisas, será o alto poder que têm aquelas, de prejudicar-se a si mesmas. (ROSA, 1947)

Em outro trecho de forte acento político, também excluído do livro, o autor denuncia o sofrimento dos refugiados, que migraram para o Brasil pela fronteira de Ponta-Porã em fuga da guerra. Ele alerta para o drama enfrentado principalmente pelas crianças, que formavam a maioria dos migrantes, e daqueles incapazes de buscar trabalho.

As centenas, de atabalho, na brusca migração do pânico. Meninos, velhos, mulheres, homens. Os que tinham recursos, encheram os hotéis. Outros se hospedaram em casas de amigos ou parentes. Os capazes se espalharam pelas cercanias, buscando serviço nos ervais, nas estâncias. Mas, há os doentes, os inválidos, as mulheres grávidas, as mães que aleitam, as que cuidam de grupos de criancinhas; há os que não encontram trabalho nenhum. Quem socorre essa pobre gente é a comissão de Assistência aos Refugiados do Paraguai, que, valendo-se dos donativos – nunca serão demais, a penúria é grande! – de instituições e pessoas de coração bom, tem feito o máximo ao seu alcance. Mais de trezentas criaturas, das quais duas terças partes crianças pequenas, se abrigavam em barracas improvisadas. Faltavam cobertores, e as noites eram de gelo. Ponta-Porã estava triste. Ali a revolução no Paraguai não é coisa exótica, nem longínqua. (ROSA, 1947)

Passados vinte anos, durante a revisão do texto, Guimarães Rosa optou por um final bucólico em contraste com o desfecho redigido para o jornal, no qual carregou no tom de indignação ao descrever os efeitos devastadores da guerra sobre um povoado.

O último olhar para o Paraguai avista a cidade “Sanga Puytã - a sanga vermelha. Não a sanga gaúcha, benévolo curso d’água; mas a vossoroca tentacular, cancro telúrico, desbarrancado que cresce, em que as paredes se desmoronam e o chão se dilacera, destruindo os lugares de cultura. Seria bom que o valor guerreiro dos filhos do Paraguai não acabasse por reduzi-lo a Sanga Puytã – lugarejo bonito, no qual – dizem – a cidade é bem menor que o cemitério. (ROSA, 1947)

Em contrapartida, para encerrar a crônica na versão levada ao livro, Rosa optou por um tom poético – provavelmente, pelo distanciamento temporal das imagens do horror que ele presenciou em 1947:

Volvendo para o norte, passa por nosso derradeiro olhar a cidadezinha ainda de Sanga Puytã, à borda de um campo com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o vento desfolha. Diz-se que sua área é menos que a do cemitério. Apenas a gente pensa que a viagem foi toda para recolher esse nome encarnado molhado, coisa de nem vista flor. (ROSA, 2009, posição 541, versão para Kindle)

Em suma, as diferenças entre a versão de “Sanga Puytã” publicada no jornal em 1947 e aquela republicada no livro, mais de vinte anos depois, sugerem que os atributos do repórter influenciaram Rosa na elaboração do texto poucos dias após o regresso da viagem e no sentimento de urgência de

sua publicação. Frederico Camargo lembra que “Com o vaqueiro Mariano” foi classificado com “reportagem poética”, e afirma que a mesma classificação pode ser dada aos textos decorrentes da excursão ao Pantanal. O pesquisador atesta que em relação às crônicas do Pantanal, “o narrador [Rosa] igualmente investe-se do ofício de repórter”:

Renard Perez foi o primeiro a classificar “Com o vaqueiro Mariano” de “reportagem poética”. Permanecemos ignorantes, contudo, se a expressão teria sido originária do próprio Guimarães Rosa, ou, mesmo, se esse seria rótulo que subscreveria. Isso posto, ousamos opinar que essa qualificação, que pode se estender a todas as composições inspiradas pela excursão ao Pantanal, possui a extrema felicidade de condensar a tensão dessa forma narrativa. Porque, se a face lírica do relato surge a todo instante, *o narrador igualmente investe-se do ofício de repórter*, baixando à terra, dando atenção a detalhes mezinhos e informativos, como a existência de moradias miseráveis, a estrutura das guarnições dos postos de vigilância, o preço dos bois, a composição das forças paraguaias em contenda. Cioso de precisão, os nomes dos oficiais rebeldes são mencionados – Eliseu Duarte Britos, Rufino Pampliega –, e até mesmo dos logradouros: Calle Mariscal Estigarribia, Avenida Internacional. (CAMARGO, 2018, p. 213)

Ao analisar a crônica “Cipango”, sobre a visita à colônia de japoneses, Camargo fala em “atmosfera de reportagem”, e compara o uso das técnicas de elaboração do texto – informação, presença no local dos acontecimentos, descrições minuciosas – àquelas aplicadas em “Sanga Puytã”:

A singela delicadeza de “Cipango” é formidável. *A atmosfera é de reportagem*. Um eu vivenciador dos eventos simula proceder a um relato minucioso e aparentemente objetivo de uma excursão que se inicia num trem e termina numa comunidade rural japonesa, como se tomasse o leitor pela mão e o fizesse observar os fatos por cima de seus ombros. O procedimento é muito semelhante ao daquele de “Sanga Puytã”, salva a distinção de que lá os espaços percorridos eram maiores, dos quais se ofereciam flashes; aqui, a concentração espacial parece amplificar a concretude e vivacidade das coisas apresentadas, oferecendo a sensação de que tudo aconteceu efetivamente daquela maneira, naquela ordem, não restando mais nada a acrescentar. (CAMARGO, 2018, p. 231-232)

Um dos mais aclamados escritores jornalistas do Brasil, Elio Gaspari – agraciado com o prêmio ABL da Academia Brasileira de Letras em 2003 pelos primeiros volumes da série “As ilusões armadas” – afirmou, após a leitura

atenta de “Com o vaqueiro Mariano”, que nesta hipótese específica, “Guimarães Rosa foi repórter”. Gaspari ressaltou que o mero registro em cadernetas dos fatos que lhe chamassem a atenção não transforma o escritor em repórter. “Faz dele uma pessoa curiosa e minuciosa”, pondera.

O repórter, complementa, precisa ser “curioso e preciso”, tem de zelar pela transposição correta dos fatos para o papel. Depois de ler o perfil do vaqueiro Mariano, consequência da apuração de pelo menos duas semanas do escritor na companhia do repórter, a percepção de Gaspari é de que Rosa fez um levantamento cuidadoso dos fatos com o auxílio de técnicas de jornalismo e o converteu na respectiva narrativa de não-ficção.²⁰² Em suma, por todo o exposto, podemos concluir que a aproximação de Guimarães Rosa do jornalismo também se consumou na produção de reportagens literárias, com ênfase nos exemplos explorados neste capítulo: “Com o vaqueiro Mariano” e “Sanga Puytã”.

²⁰² Depoimento de Elio Gaspari para esta pesquisa em 18/12/2018 em seu escritório em São Paulo.

CONCLUSÃO

Este trabalho tem a virtude de propor um olhar inédito e diferenciado para uma faceta pouco explorada de João Guimarães Rosa, tema recorrente de centenas de teses e dissertações em todo o país: a incursão do escritor no universo jornalístico, suas proximidades deste ofício.²⁰³ Ao longo desta dissertação, expusemos as várias formas de aproximações de Guimarães Rosa da prática do jornalismo: 1) atualizamos o inventário dos jornais e revistas para os quais o autor de *Grande sertão: veredas* (1956) colaborou durante vinte anos; 2) demonstramos que ele valorizava e reconhecia a importância dos veículos de comunicação; 3) ele recorria aos amigos influentes na mídia quando se fizesse necessário e quando lhe aprouvesse; 4) fizemos um inventário de todas as entrevistas que ele concedeu – consideradas as que vieram a público; 5) mostramos que ele se esquivava de entrevistas, embora cedesse a profissionais que, sabidamente, travariam com ele um diálogo de alto nível sobre literatura; 6) ocasionalmente, investiu-se do papel de repórter para compor, no formato de reportagem, algumas das histórias que se propôs a narrar.

Conforme explanamos na Introdução, produzimos um novo levantamento dos contos, crônicas, poemas e reportagens publicados em periódicos a partir do cruzamento de dados de três relações anteriores: do bibliófilo Plínio Doyle em 1968, da pesquisadora Ana Luiza Martins Costa para sua tese de doutorado em 2002, e da versão publicada nos Cadernos de Literatura Brasileira dedicados ao autor em 2006. Também avançamos no sentido de checar, novamente, os periódicos e as datas de publicação mediante a digitalização da maior parte do conteúdo, agora disponível no banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNB).

Contabilizamos 139 contos, crônicas, poemas e reportagens que Guimarães Rosa publicou entre 1929 e 1930 (quatro textos), e depois entre

²⁰³ O Banco de Dados Bibliográfico João Guimarães Rosa, mantido pela Universidade de São Paulo (USP), contabiliza 619 teses e dissertações sobre o autor. Nenhuma delas analisa o autor de *Grande sertão: veredas* (1956) à luz da Comunicação Social, e de sua relação com o universo jornalístico.

1947 e 1967 (135 textos). No entanto, é preciso ressaltar que este trabalho não esgota as possibilidades de que novas histórias publicadas em periódicos venham à luz. Isso porque é possível que o autor tenha colaborado para pequenos jornais do interior de Minas Gerais, mas não foi possível nos aprofundarmos nesse levantamento, que demandaria visitas a bibliotecas daquele Estado.

Discordamos em dois pontos da professora Walnice Galvão, que afirmou que no período de 1947 a 1967, Rosa publicou a média de duas a três matérias jornalísticas por ano. No entanto, demonstramos que diante das 135 publicações em jornais e revistas, essa média sobe para 6,7 matérias por ano. Uma segunda ressalva é de que Rosa tinha especial apreço pelas suas colaborações aos jornais. Galvão havia classificado o grau de envolvimento do autor com o jornalismo como refratário, sem a menor importância. Contudo, resgatamos declaração de Paulo Rónai em sentido contrário, assim como trouxemos para a literatura sobre o tema um depoimento inédito do embaixador Alberto da Costa e Silva, segundo o qual Rosa dava a “maior importância” para os textos que enviava aos jornais.

Rosa reconhecia a relevância dos jornais e da mídia em geral, sobretudo para a divulgação de sua obra. Por ocasião do lançamento de *Sagarana*, em 1946, tinha prontas as relações dos editores e críticos especializados dos veículos nacionais e dos mineiros para os quais encaminharia o livro. Havia decidido que só daria entrevistas depois de um mês de exposição da obra nas prateleiras das livrarias, e assim o fez, consumando uma estratégia de marketing sofisticada, que ele próprio havia concebido. Quando em 1950 irritou-se com a publicação de uma matéria com declarações que não teria dado ao repórter, acionou amigos editores, críticos e colunistas para exigir a retratação no suplemento *Letras e Artes*, de *A Manhã* – o que apesar do prestígio do escritor, ocorreria somente um mês depois. Quando assumiu a coluna semanal em *O Globo* em 1961, recomendou ao amigo Paulo Dantas que acompanhasse o seu trabalho no jornal. Quando tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 1967, mandou distribuir cópias do célebre discurso aos jornalistas que faziam a cobertura do Itamaraty.

No capítulo em que descortinamos as relações do escritor com personalidades influentes nos periódicos, aprofundamo-nos nos laços de amizade entre os dois mineiros: Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Ressalvamos que não eram amigos íntimos, mas surpreendeu-nos o nível de aproximação entre ambos, em particular no universo jornalístico. Rosa e Drummond foram colunistas fixos, simultaneamente, de *O Globo* e *Pulso*. Também eram colaboradores, ao mesmo tempo, dos cadernos de cultura mais concorridos no meio intelectual, como o *Correio da Manhã*, as revistas *Senhor* e *Comentário*. No *Correio da Manhã*, seus artigos dividiam a mesma página.

Sobressai nesta investigação o grau de admiração de um mineiro pelo outro. Em uma das duas entrevistas que concedeu quando do lançamento de *Sagarana* (1946), Guimarães Rosa elogiou a habilidade de Drummond em eger a palavra exata, especificamente em uma citação do poema “Áporo” (1945). A busca da palavra perfeita era uma das obsessões de Rosa. Outra descoberta nesta pesquisa foi a homenagem recíproca. É notório o poema “Um chamado João” (1967), que Drummond compôs para Rosa dois dias após a morte do conterrâneo. Seis anos antes, entretanto, em 1961, Rosa homenagearia Drummond com a crônica “Além da amendoeira” – uma alusão ao livro do poeta *Fala, amendoeira* (1957) – em sua coluna de *O Globo*.

Avaliamos que a relação entre Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade merece um estudo mais aprofundado pelo reconhecimento mútuo da grandiosidade literária. Um caminho seria o inventário de todas as colunas publicadas por ambos desde a estreia em *O Globo* e *Pulso*. Quais os temas abordados nessas colunas? Houve mais homenagens recíprocas, como no exemplo de “Além da amendoeira”? Por que os dois escritores foram escolhidos como colunistas do jornal médico, que embora incomum na atualidade, era uma publicação prestigiada nos anos 60?

De igual forma, o jornal *Pulso* merece um estudo alentado, até porque dois dentre os maiores escritores do Brasil foram seus colunistas. Era uma publicação dirigida a uma categoria prestigiada, que interagiu com os colunistas. A leitura das cartas dos leitores enviadas a Rosa e Drummond, bem como as respostas dos autores, por si, valeria um saboroso artigo acadêmico.

No entanto, o fato de nenhuma biblioteca do país possuir a coleção completa do periódico dificulta uma pesquisa aprofundada sobre o tema. Como explicamos no Capítulo 1, o maior número de exemplares reunidos consta da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), que tem a coleção incompleta do período entre 1965 e 1967. Não foi possível comprovar, sequer, quando começou e quando expirou a circulação do periódico.

Outra contribuição desta pesquisa para os estudos sobre Guimarães Rosa é a investigação de seu instinto de repórter, pela ótica da Comunicação Social. Tradicionalmente, a técnica adotada pelo autor no levantamento de dados para a composição de suas histórias é equiparada pela academia à “etnografia literária” – um hábito adotado por escritores clássicos, como Gustave Flaubert (1821-1880). Essa hipótese foi trabalhada pela pesquisadora Elizabeth da Silva Mendonça na tese de doutorado “A etnografia literária de Guimarães Rosa” (2018), cuja íntegra ainda não está disponível para consulta. O resumo da pesquisa, entretanto, afirma que no caso de Rosa, a etnografia constrói-se ao longo de materiais como “notas de viagem, cartas, anotações de diário e reportagens poéticas”. Rosa, no papel de narrador, é um etnógrafo construído a partir da viagem, da observação que valoriza a sinestesia e da empatia para com os personagens. Na pesquisa, são evocadas a reportagem “Com o vaqueiro Mariano”, bem como as quatro crônicas decorrentes da viagem de 1947: “Sanga Puytã”, “Cipango”, “Uns índios (sua fala)” e “Ao Pantanal”.²⁰⁴

No entanto, buscamos avançar na interpretação de que Guimarães Rosa investiu-se no papel de repórter em situações específicas: “Com o vaqueiro Mariano” e “Sanga Puytã”. Essa leitura havia sido feita por Frederico Camargo (2018), como mostramos no Capítulo 4, mas não sob a ótica do jornalismo. O pesquisador lembrou que o perfil do vaqueiro já havia sido classificado como reportagem poética, e ponderou que essa classificação se aplicaria às crônicas relativas à viagem ao Pantanal. “Se a face lírica do relato

²⁰⁴MENDONÇA, Elizabeth da Silva. “A etnografia literária de Guimarães Rosa” (Doutorado), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), 2018.

surge a todo instante, o narrador igualmente investe-se do ofício de repórter”. Como exemplo de preocupação com detalhes informativos, um exemplo aventado foi o registro dos nomes dos dois oficiais das forças rebeldes do Paraguai, Eliseu Duarte Britos, Rufino Pampliega. (CAMARGO, 2018, p. 213)

Avançando em relação a Camargo, trouxemos os depoimentos do embaixador Alberto da Costa e Silva, que declarou ter testemunhado Rosa “entrevistando” um personagem; de Abílio de Barros, irmão de Manoel de Barros, que foi “entrevistado” pelo escritor na viagem de trem rumo ao Pantanal; e o depoimento de Elio Gaspari, um dos mais respeitados jornalistas do país, afirmando que Guimarães Rosa investiu-se do papel de repórter na elaboração de “Com o vaqueiro Mariano”.

Contudo, acreditamos que não foi possível esgotar os estudos sobre a incursão de Guimarães Rosa no universo da reportagem. Tentamos evidenciar o sentimento de urgência em relação à notícia com a publicação de “Sanga Puytã”, sobre a guerra civil no Paraguai, tão logo o escritor regressou ao Rio de Janeiro depois de um mês de viagem pela região do Pantanal. A viagem terminou em meados de julho, o texto foi publicado em agosto de 1947. A crônica retratando dados precisos sobre os lugarejos, os postos de fronteira, os oficiais em alerta, as mazelas sofridas pela população, o pedido de guarida no Brasil, a ajuda humanitária, foi publicada em meados de agosto, nos estertores do conflito. Também entre 1947 e 1948, foram publicadas no *Correio da Manhã* as três partes da reportagem “Com o vaqueiro Mariano.”.

Contudo, as outras três crônicas relativas à viagem ao Mato Grosso – “Ao Pantanal”, “Cipango”, “Uns índios (sua fala)” – seriam publicadas somente seis anos depois, entre 1953 e 1954. Desse decurso de tempo, infere-se que havia uma premência por parte de Rosa de que seu relato sobre o Paraguai fosse publicado enquanto a guerra ainda estava em curso. Ressalte-se que na versão jornalística, havia a análise do diplomata sobre a atuação do Itamaraty e dos países vizinhos no empenho de encerrarem o conflito. Esse trecho, bem como os relatos sobre a migração para o Brasil e a ajuda humanitária foram excluídos da versão republicada em *Ave, palavra* (1970).

Acreditamos haver espaço para aprofundar a investigação sobre o perfil de repórter de Guimarães Rosa em parte dos textos publicados em jornais. Crônicas como “A senhora dos segredos” e “O mau humor de Wotan”, publicadas no *Correio da Manhã*, evocam impressões do autor em relação aos momentos de horror que vivenciou em Hamburgo durante a Segunda Guerra Mundial, com relatos precisos de nomes de personagens reais e locais onde transcorreram os fatos, e merecem estudo aprofundado à luz do jornalismo. Além dos dados de realidade, a indignação política do escritor permeia as crônicas do período da guerra na Europa, sentimento semelhante ao que ele imprimiu em “Sanga Puytã”.

Em suma, a obsessão com a apuração precisa dos fatos, o olhar arguto para o mundo ao redor, a disposição em se fazer presente no local dos acontecimentos: são elementos do repórter que coincidem com técnicas utilizadas por Guimarães Rosa na composição de suas histórias. Se os textos ficassem guardados nas gavetas à espera dos livros, a conclusão poderia ser outra. Mas a disposição em transpor as histórias para as páginas dos jornais, somada à convivência com os jornalistas, à utilização da mídia conforme a sua conveniência para a divulgação de sua obra, evidenciam os laços estreitos do escritor Guimarães Rosa com o jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro**. Coleção Grandes Ideias. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011

BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, Andorinha**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo- cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. 1 ed. 1982. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Cadernos de Literatura Brasileira – João Guimarães Rosa, nºs 20 e 21. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dez. 2006.

CAMARGO, Frederico Antonio Camillo. **O outro Rosa: textos “marginais” e narrativas inacabadas**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8//8151/tde-25102018-110739/pt-br.php>> Acesso em: 12 jan. 2018.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura – A sedução da palavra**. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CASTRO, Ruy. **A noite do meu bem – A história e as histórias do samba-canção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (versão para Kindle).

COSTA, Ana Luiza Martins Costa. **João Guimarães Rosa, Viator**. Tese (Doutorado). Instituto de Letras – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil –1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CRENI, Gisela. **Editores artesanais brasileiros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

DANTAS, Paulo. **Sagarana emotiva. Cartas de J. Guimarães Rosa.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

DIAS, Tânia; SÜSSEKIND, Flora (Orgs.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita – Do manuscrito ao hipertexto.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

Flan. **O vaqueiro e o ministro: o personagem fala sobre o autor.** Sem assinatura do repórter. Flan, o jornal da semana. Edição 14, de 12 a 18 de julho de 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/100331/470>> Acessado em 18 jan 2018

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa.** Coleção Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GAMA, Mônica Fernanda Rodrigues. **“Plástico e contraditório rascunho”: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-07012014-094440/pt-br.php>. Acesso em: 12 jan. 2018.

GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito – Infância de João Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio / Instituto Nacional do Livro, 1972.

HAZIN, Elizabeth. **No nada, o infinito (da gênese do Grande Sertão: Veredas).** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <<https://app.box.com/s/6o285zjgqz3jk0iqc43dnf0pgbw9bdgr>> Acesso em: 12 jan. 2018.

MONTELLLO, Josué. **Diário Completo. Volume I.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MONTELLO, Josué. **Diário Completo. Volume II.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MORAIS, Fernando. **Chatô – O rei do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (versão para Kindle).

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura.** 3ª edição. Porto Alegre: JA Editores, 2008.

OLIVEIRA, Franklin de. **Roberto Marinho – Uma trajetória liberal.** Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 1992.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade.** Tese (Doutorado). Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22309>> Acesso em: 12 jan. 2018.

PEREIRA, Otoniel Santos. Guimarães Rosa segundo terceiros. Revista Realidade. Julho/1967, edição 16. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213659/2269>> Acessado em 18 jan. 2018.

RESENDE, Otto Lara. **O príncipe e o sabiá e outros perfis.** Organização de Ana Miranda, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 (versão para Kindle).

REZENDE JR, José; PACCÓ, Raimundo. **Sertão de Ontem: o Contador de Causos.** Correio Braziliense. Entrevista de Manuelzão. Brasília, 26/5/1996.

RIBEIRO, Guilherme Luiz Leite. **Os bastidores da diplomacia: o bife de zinco e outras histórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteiras, 2007.

ROSA, João Guimarães. Entrevista a Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, janeiro de 1965. In: **Diálogo com a América Latina.** São Paulo: E.P.U, 1973

BOLLE, Willi. **Sem título**. Artigo publicado na Folha de S. Paulo edição de 22/6/2008, Disponível em : <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2206200831.htm>> Acessado em 05 jan. 2019.

ROSA, João Guimarães. [jun. 1965]. Rio de Janeiro. **Entrevista a Maria da Graça Faria Coutinho**. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/olacdigital/?p=1241>. Acesso em: 26 nov. 2017.

ROSA, João Guimarães. **Carta a Edoardo Bizzarri**. [7 mar. 1965]. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais!/11.html>. Acesso em 26 nov. 2017.

ROSA, João Guimarães. **Carta a Álvaro Lins** [19 fev. 1950]. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/04/mais!/11.html>. Acesso em 26 nov. 2017.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Eduardo Bizzarri**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. [15 jun. 1963]. Rio de Janeiro: **Revista Manchete**. n. 580. Entrevista a Pedro Bloch

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (versão para Kindle)

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (versão para Kindle).

ROSA, João Guimarães. [14-20 jun. 1953]. **Há títulos e brasões também no mundo dos bichanos**. Rio de Janeiro: Flan. Entrevista a Carlos Rocha Rarfa de Laet.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (versão para Kindle).

ROSA, João Guimarães. **Tutameia (Terceiras histórias)**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (versão para Kindle).

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembamentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

SANTOS, Tatiana Longo dos (Org.). **Três Ottos por Otto Lara Resende**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. Coleção Novas Buscas em Comunicação. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa Brasileira**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

VÁRIOS AUTORES. **Em memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

WIAZOVSKI, T. **Cultura em Comentário. Uma revista de cultura e resistência (1960-1973)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23102012-110151/pt-br.php>. Acessado em 18 jan 2018

ANEXO

Relação completa das 139 histórias que João Guimarães Rosa publicou em 18 jornais e revistas entre 1929-1930 e 1947-1967. Em ordem cronológica.

I. Revista O Cruzeiro (1929-1930, 1961) (4 histórias)

- 1) O Mistério de Highmore Hall – 7/12/1929
- 2) Chronos kai Anagke (Tempo e destino) - a mais extraordinária história de xadrez já explicada aos adeptos e não-adeptos do tabuleiro – 21/6/1930
- 3) Caçadores de camurças – 12/7/1930
- 4) O mistério dos MMM (Sétimo capítulo) - 16/12/1961

II. O Jornal (1930; 1952) (2 histórias)

- 1) Makiné – 9/2/1930
http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/609
- 2) Mensagem da ordem do vaqueiro: pé-duro, chapéu-de-couro – 28/12/1952 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/18727

III. Revista Vamos Lêr! (1947) (1 história)

1) São Marcos – 19/4/1947 – publicado em *Sagarana* (1946)

<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/28507>

IV. Correio da Manhã (1947-1957) (8 histórias)

1) Histórias de fadas – 20/4/1947 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/36162

2) Sanga Puytã – 17/8/1947 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/37692

3) Com o vaqueiro Mariano – 26/10/1947 (1ª parte), 22/2/1948 (2ª parte) e 7/3/1948 (3ª parte) – republicado em *Estas estórias* (1969), com o título Entremeio: com o vaqueiro Mariano

26 de outubro

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/38634

22 de fevereiro

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/40280

7 de março

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/40472

4) Cidade – 15/02/1948 – republicado em *Ave, palavra* (1970), com o título Em-cidade

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/40184

5) O mau humor de Wotan – 29/2/1948 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/40376

6) A senhora dos segredos – 6/12/1952 – (também publicado em *Letras e Artes*) – republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/22412

7) Ao Pantanal – 30/11/1957 (também publicado no *Diário de Minas* e no *Jornal de Letras*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/84655

8) Aquário (Nápoles) - 21/12/1957 (também publicado em *Letras e Artes*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/85649

V. Seleções Reader's Digest (1951) (1 história)

1) O lago do Itamaraty – agosto/1951 – publicado em *Ave, palavra* (1970)

VI. Letras e Artes, suplemento de A Manhã (1953-1954) (13 histórias)

1) A senhora dos segredos – 22/3/1953 e 18/5/1954 (também publicado no *Correio da Manhã*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3526>

2) Cipango – 12/4/1953 – (também publicado na *Folha da Manhã*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3546>

3) Teatrinho – 19/4/1953 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3559>

4) O homem de Santa Helena – 3/5/1953 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3570>

5) Terrae vis – 10/5/1953 (também publicado no *Diário de Minas*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3575>

6) Do diário em Paris – passagens do Nautikon – 17/5/1953 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3586>

7) Fantasmas dos vivos – 24/5/1953 - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3597>

8) Os doces – 7/6/1953 e 1/6/1954 – não republicado em livro

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3610>

9) A chegada de Subles – 6/4/1954 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3625>

10) Do diário em Paris– outras passagens do Nautikon – 13/4/1954 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/docreader/114774/3637>

11) Risada e meia – 4/5/1954 – republicado com alterações como o prefácio “Aletria e hermenêutica” de *Tutameia* (1967)

<http://memoria.bn.br/docreader/114774/3668>

12) Aquário (Nápoles) – 11/5/1954 – (também publicado no *Correio da Manhã*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3677>

13) Uns índios (sua fala) – 25/5/1954 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3704>

VII. Diário de Minas (1953) (2 histórias)

1) Terrae vis – 25/1/1953 (também publicado em *Letras e Artes*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

2) Ao Pantanal – 5/4/1953 (também publicado no *Correio da Manhã* e no *Jornal de Letras*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

VIII. Folha da Manhã (1953) (1 história)

1) Cipango – 17/2/1953 (também publicado em *Letras e Artes*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

Disponível para consulta no IEB-USP JGR-R18.01,28

IX. Boletim da Biblioteca do Exército (1957) (1 história)

1) Dois soldadinhos mineiros - abril de 1957 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

X. Revista Manchete (1957; 1967) (2 histórias)

1) Aí está Minas: a mineiridade – 24/8/1957 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

2) Esses Lopes – 3/8/1967 (também publicado em *Pulso*) - republicado em *Tutameia* (1967)

XI. Jornal de Letras (1958) (1 história)

1) Ao Pantanal – Janeiro de 1958– (também publicado no *Correio da Manhã* e no *Jornal de Letras*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

<http://memoria.bn.br/DocReader/111325/1525>

XII. Revista Senhor (1960-1962) (7 histórias)

1) A simples e exata estória do burrinho do comandante – abril/1960 – republicado em *Estas estórias* (1969)

2) Meu tio, o lauretê – março/1961 – republicado em *Estas estórias* (1969)

3) O burro e o boi no presépio – dezembro/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

4) A estória do homem do pinguelo –março/1962 – republicado em *Estas estórias* (1969)

5) Substância – abril/1962 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

6) Partida do audaz navegante – maio/1962 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

7) Nenhum, nenhuma – agosto/1962 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

XIII. O Globo (1961) (34 textos)

- 1) De stella et adventu magorum – 7/1/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 2) Hipotrérico – 14/1/1961 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 3) Além da amendoeira – 21/1/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 4) Nós, os temulentos – 28/1/1961 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 5) Uns inhos engenheiros – 4/2/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 6) O grande samba disperso – 11/2/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 7) Homem, intentada viagem – 18/2/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 8) Coisas de poesia – 25/2/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 9) O riachinho Sirimim – 4/3/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 10) Zoo (Hagembecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen) – 11/3/1961 (também publicado em *Pulso*) – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 11) Sorôco, sua mãe, sua filha – 18/3/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 12) Circo do miudinho – 25/3/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 13) Outras coisas de poesia – 1/4/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 14) O famigerado – 8/4/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

- 15) A terceira margem do rio – 15/4/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 16) Melim-Meloso – 22/4/1961 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 17) Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes) – 29/4/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 18) A menina de lá – 6/5/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 19) Sequência – 13/5/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 20) Novas coisas de poesia – 20/5/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 21) Jardim fechado – 27/5/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 22) A velha – 3/6/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 23) Os irmãos Dagobé – 10/6/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 24) A caça à lua – O Globo, Rio de Janeiro – 17/6/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 25) Zoo (Jardin des Plantes) – 24/6/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 26) As margens da alegria – 1/7/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)
- 27) O cavalo que bebia cerveja – 8/7/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1970)

28) O inverso afastamento – 15/7/1961 –republicado com o título “Os cimós” em *Primeiras estórias* (1962)

29) Sempre coisas de poesia – 22/7/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

30) Um moço muito branco – 29/7/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1970)

31) A benfazeja – 5/8/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

32) Tarantão, meu patrão – 12/8/1961 – republicado em *Primeiras estórias* (1962)

33) Recados do Sirimim – 19/8/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

34) Evanira! – 26/8/1961 – publicado em *Ave, palavra* (1970)

XIV. Revista Comentário (1962) (1 história)

1) Pirlimpsiquice –número 11, edição de julho a setembro de 1962 – republicado em *Primeiras estórias* (1962).

XV. Revista Cavalo Azul (1963) (1 história)

1) As garças – São Paulo, edição número 1, 1963 (também publicado em *O Estado de S. Paulo*) - republicado em *Ave, palavra* (1970)

XVI. Jornal Diário Carioca (1963) (1 história)

- 1) Maior meu Sirimim – 21/7/1963 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
http://memoria.bn.br/docreader/093092_05/13585

XVII. Jornal O Estado de S. Paulo (1964) (2 histórias)

- 1) Fita verde no cabelo – 8/2/1964 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 2) As garças – 22/2/1964 (também publicado em *Cavalo Azul*) – publicado em *Ave, palavra* (1970)

XVIII. Jornal Pulso (1965-1967) (56 histórias)

- 1) A escova e a dúvida – 15/5/1965 – rerepublicado em *Tutameia* (1967)
- 2) Desenredo – 29/5/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 3) O porco e seu espírito – 12/6/1965 – publicado em *Ave, palavra* (1970)
- 4) Orientação – 26/6/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 5) Tapiiraiauara – 10/7/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 6) Sem tangência – 24/7/1965 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 7) Uai, eu? – 7/8/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 8) João Porém, o criador de perus – 21/8/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)

- 9) Tresaventura – 4/9/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 10) Azo de almirante– 18/9/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 11) Hiato – 2/10/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 12) O outro ou o outro – 16/10/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 13) Quemadmodum – 30/10/1965 – publicado em *Ave, palavra* (1970)
- 14) No prosseguir – 13/11/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 15) Como ataca a sucuri – 27/11/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 16) A vela ao diabo – 11/12/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 17) Presepe – 25/12/1965 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 18) Cartas na mesa – 8/1/1966 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 19) Antiperipléia – 22/1/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 20) Arroio-das-Antas – 5/2/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 21) Umas formas – 19/2/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 22) Se eu seria personagem – 5/3/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 23) Sota e Barla – 19/3/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 24) Grande Gedeão – 2/4/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)

- 25) Reminiscção– 16/4/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 26) Intruge-se – 30/4/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 27) Lá, nas campinas – 14/5/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 28) Barra da Vaca – 28/5/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 29) Retrato de cavalo – 11/6/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 30) Estoriinha – 25/6/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 31) Curtamão – 9/7/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 32) Rebimba, o bom – 23/7/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 33) Quadrinho de estória – 6/8/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 34) Ripuária – 20/8/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 35) Esses Lopes – 3/9/1966 (também publicado na revista *Manchete*) – republicado em *Tutameia* (1967)
- 36) Estória nº 3 – 17/9/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 37) Sinhá Secada – 1/10/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 38) Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi – 15/10/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 39) Zingarêsca – 29/10/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)

- 40) Vida ensinada – 12/11/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 41) Faraó e a água do rio – 26/11/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 42) Droenha – 10/12/1966 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 43) Nascimento – 24/12/1966 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 44) Zoo (Whipsnade Park, Londres) – 7/1/1967 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 45) Mechéu – 21/1/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 46) Palhaço da boca verde – 4/2/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 47) Aquário (Berlim)– 18/2/1967 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 48) Sobre os planaltos – 4/3/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 49) Caderno do Zito – 18/3/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 50) Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista) – 1/4/1967 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 51) Inteira/incessância – 15/4/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 52) Transtempo – 22/4/1967 – republicado em *Tutameia* (1967)
- 53) Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen) – 29/4/1967 (antes publicado em *O Globo*) – 11/3/1961 – republicado em *Ave, palavra* (1970)
- 54) Os abismos e os astros – 27/5/1967 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

55) Reboldra – 10/6/1967 – republicado em *Ave, palavra* (1970)

56) Rogo e aceno – 29/7/1967 – não republicado em livro.